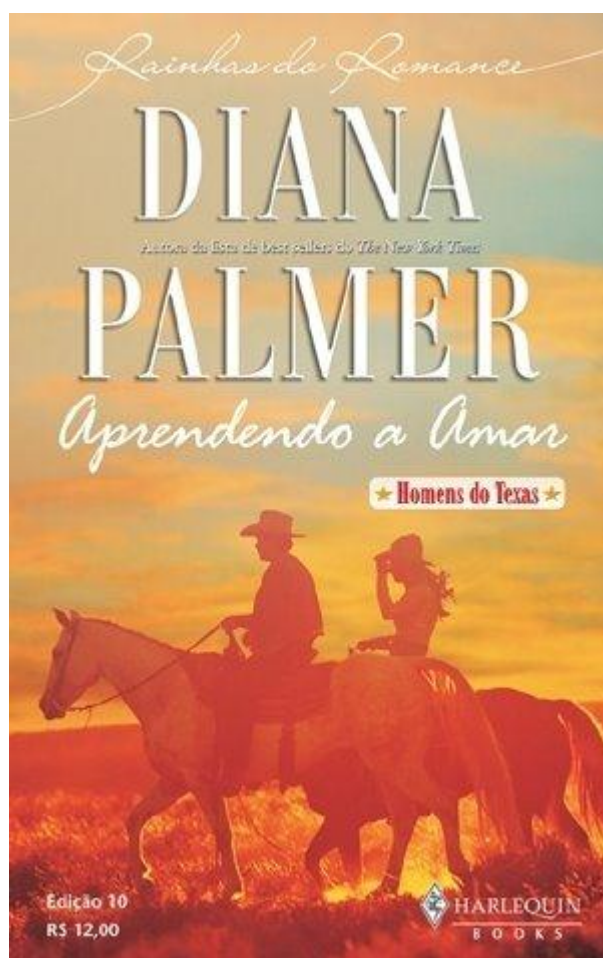




Aprendendo a Amar

— Justin Ballenger e Shelby Jacobs —

(Justin)

Irmãos Ballenger 2

Série Homens do Texas 2

Sinopse:

Justin Ballenger não esperava que Shelby Jacobs, filha de um dos maiores magnatas de Jacobsville, retornasse para ele de joelhos após ter destruído seu coração seis anos atrás. Mas o amor tem razões e a própria razão desconhece... Justin está disposto a dar mais uma chance a Shelby, para finalmente tê-la perto dos olhos e do coração. Mas o poderoso cowboy não está preparado para enfrentar o segredo que sua amada esconde a todo custo... Um segredo que pode mudar a vida de Justin e Shelby para sempre.



CAPÍTULO 1

A manhã estava quente, mas aquilo não tinha parecido desanimar aos presentes. O leiloeiro, de pé no elegante alpendre da enorme mansão branca, dirigia a sessão em um tom monótono, mas de vez em quando tinha que lançar mão de seu lenço para secar o suor do rosto e a nuca.

Justin Ballenger observava o leilão com os olhos negros entreabertos. Não tinha intenção de comprar, não naquele dia, mas, tinha um interesse pessoal no leilão. Era o lar dos Jacobs que se estava leiloando, com absolutamente tudo o que havia nele. Deveria sentir certa satisfação ao ver como se dispersavam suas posses, mas, estranhamente, não era assim. De fato o fazia sentir-se bastante incômodo, era como ver um grupo de abutres despedaçando a uma vítima indefesa até os ossos.

Procurou com o olhar entre a multidão, tentando ver Shelby Jacobs, mas não a via em parte alguma ali. Talvez ela e seu irmão Tyler estivessem dentro da mansão, ajudando às pessoas da casa de leilões a classificar os móveis e as antiguidades para sua venda.

Alguém aproximou-se dele pela esquerda, e ao virar a cabeça encontrou-se com sua cunhada, Abby Ballenger.

— Não esperava vê-lo aqui — ela disse sorrindo.

Calhoun e ele iriam ser seus meio-irmãos, mas um acidente de carro dois dias antes do casamento, acabou com a vida do pai deles e a mãe dela. Abby não tinha mais família, assim que se converteram em seus tutores legais, a jovem fora viver com eles em seu rancho do Texas. Fazia apenas seis semanas que ela e seu irmão se casaram.

— Nunca perco um leilão — respondeu ele, voltando a cabeça para o leiloeiro —. Ainda não vi os Jacobs — acrescentou em um tom despreocupado.

— Tyler está no Arizona — respondeu Abby. Divertiu-a vê-lo surpreso com a notícia. — Não queria ir sem brigar pelo seu patrimônio, mas parece que houve algum tipo de emergência no rancho em que está trabalhando.

— Deixou Shelby sozinha? — perguntou Justin. Pareceu que as palavras tinham escapado involuntariamente de seus lábios.

— Temo que sim — assentiu sua cunhada reprimindo com muita dificuldade um sorriso malicioso —. Está no apartamento que seu chefe Barry Holman alugou, em cima do escritório em que trabalha...

As feições de Justin ficaram rígidas, e deixou suspenso no ar o cigarro que estava fumando.

— Holman tem coragem de chamar aquilo de apartamento? Pelo amor de Deus!, aquilo mais parece um armazém sujo!

— Bem, deu permissão a Shelby para arrumá-lo um pouco — respondeu Abby —. Não tem outra opção, Justin! Estão vendendo a casa!. É uma tragédia. Tyler e ela pensavam que poderiam ao menos ficarem com a casa, mas as dívidas de seu pai eram muito grandes!

Justin balbuciou algo, com a vista fixa na mansão em frente a eles. Aquela casa simbolizava tudo o que tinha odiado da família Jacobs nos últimos seis anos, desde que Shelby tinha rompido com seu compromisso e o tinha traído.

— Não está contente? — Abby suavemente alfinetou — Depois de tanto ódio para com Shelby. Deveria agradá-lo vê-la humilhada publicamente.

Mas ele não respondeu a sua ironia, voltou-se bruscamente e dirigiu-se a passos largos ao lugar onde tinha estacionado seu Thunderbird negro. Abby sorriu. Durante todos esses anos, Justin tinha evitado contato com os Jacobs, até o ponto de que não queria nem ouvir mencioná-los, mas nos últimos meses a luta que se travava em seu interior estava começando a exteriorizar-se.

Abby estava segura de que ainda sentia algo por Shelby, e que ela também sentia algo por ele; e feliz como se sentia em seu matrimônio, queria que o resto do mundo fosse igualmente

feliz, assim pensava que possivelmente empurrando Justin na direção adequada conseguiria fazer felizes a duas pessoas muito desventuradas.

Justin não se inteirou da venda da propriedade dos Jacobs até aquela mesma manhã, quando Calhoun tinha mencionado no escritório da empresa de engorda de gado que ambos dirigiam. Disse-lhe que tinha saído nos jornais, mas Justin tinha estado fora da cidade. Não lhe surpreendia absolutamente que Shelby quisesse manter-se à margem do leilão. Tinha nascido naquela casa, e tinha vivido ali toda sua vida. De fato, seu avô tinha sido o fundador da pequena cidade em que viviam e lhe tinha dado seu nome: Jacobsville. Eram uma família rica, e os pobres irmãos Ballenger do desmantelado rancho a uns quilômetros da mansão, não eram a classe de amigos que a senhora Jacobs queria para seus filhos, Tyler e Shelby. Entretanto, ao morrer, o trato para com eles por parte do senhor Jacobs tornou-se repentinamente mais amistoso, sobretudo desde que estabeleceram seu negócio da empresa de engorda, e quando o velho se inteirou de que Shelby pretendia casar-se com ele, assegurou-lhe que não podia estar mais contente.

Mas depois ocorreu algo... Uma noite Bass Jacobs e o jovem Tom Wheelor tinham ido vê-lo. Bass Jacobs parecia muito aborrecido, e disse a Justin sem preâmbulos que Shelby estava apaixonada por Wheelor, e não só isso. Mas também que tinham dormido juntos, que seu compromisso com ela não tinha sido mais que uma farsa. Assegurou-lhe que estava envergonhado dela, e que o compromisso tinha sido uma estratégia de Shelby para caçar ao indeciso Wheelor. Portanto, tendo servido a seus propósitos, Shelby já não o necessitava. Com tristeza, Bass Jacobs lhe devolveu o anel de compromisso, enquanto Tom Wheelor murmurava ruborizado suas desculpas. Bass inclusive tinha derramado umas lágrimas, e talvez fora a vergonha o que fez que promettesse a Justin respaldo financeiro para seu negócio. Só havia uma condição: que não dissesse nunca a Shelby quem tinha proporcionado o dinheiro. E ato contínuo, partiram.

Justin sentiu-se incapaz de acreditar que Shelby fosse capaz de algo assim sem ter provas, correu a telefonar para ela, justo quando seu pai arrancava o carro para sair de sua propriedade. Entretanto, ela não negou nada do que lhe haviam dito, pelo contrário, confirmou tudo, inclusive a parte a respeito de haver-se deitado com Wheelor. Disse-lhe que só tinha querido enciumar Tom, para que a pedisse em casamento de uma vez. Acrescentou também que esperava que não estivesse muito zangado com ela, mas claro, tinha que compreender que ela sempre tinha tido tudo o que queria, e por desgraça ele não era o suficientemente rico para satisfazer todos seus caprichos, enquanto que Tom...

Justin acreditou. Além disso, ao recordar a vez que tinha tentado lhe fazer o amor ela o tinha rechaçado, fez que sua confissão soasse ainda mais verdadeira. Depois daquilo, tinha agarrado uma bebedeira, e nos seis anos seguintes não havia tornado a olhar a outra mulher. E não porque não tivessem aparecido possibilidades, tinham aparecido várias, mas a todas tinha desdenhado. Não era um homem bonito: suas feições morenas eram muito ásperas, irregulares e quase nunca o via esboçar um sorriso. Entretanto tinha obtido riqueza e poder, e aquilo atraía às mulheres. Mas se sentia muito ressentido para aceitar esse tipo de atenção. Shelby o tinha ferido como ninguém antes o tinha feito, e durante anos o único motivo que o manteve vivo foram as ânsias de vingança.

Entretanto, quando o momento tinha chegado, quando enfim a via humilhada como Abby tinha falado, não sentia a menor satisfação. Só podia pensar em que devia estar destrocada, sem família nem amigos que a recomfortassem.

O lugar que sua cunhada tinha chamado «apartamento» não era mais que um pequeno armazém, e não o agradava pensar que tivesse que depender desse modo de Holman. Conhecia a reputação dele, e sabia que gostava de mulheres bonitas. E Shelby o era, era preciosa: cabelos negros compridos, figura delicada, e brilhantes olhos de um verde intenso. Já não era uma adolescente, tinha completado os vinte e sete anos, mas não parecia muito mais velha do que quando se comprometeram. Talvez fosse porque a rodeava uma espécie de halo

de inocência e pureza que... Justin fechou os olhos, apertou os dentes e sacudiu a cabeça. Falso, era tudo falso, unicamente aparências.

Deteve-se em frente à porta do «apartamento» e levantou o punho para bater, mas pareceu escutar um ruído abafado vindo de dentro. Não pareciam risadas... Pranto? Apertou a mandíbula e deu um par de golpes secos na porta. Os soluços pararam imediatamente, e ouviu-se um chiado, como de uma cadeira arrastando-se, e depois passos, que pareciam fazer eco dos rápidos e fortes batimentos do seu coração.

A porta se abriu e apareceu Shelby, com jeans descoloridos e uma camisa xadrez azul. Tinha o comprido cabelo desordenado, e os olhos avermelhados.

— Veio rir de minha desgraça, Justin? — espetou-lhe com amargura.

— Não me causa nenhum prazer vê-la afundada — respondeu ele elevando o queixo e entreabrindo os olhos —. Abby me disse que estava sozinha.

Shelby suspirou, baixando a vista às botas poeirentas dele.

— Estou sozinha há muito tempo, aprendi a viver com isso — respondeu trocando o peso de um pé pro outro, incômoda —. Há muita gente no leilão?

— O jardim está lotado — respondeu ele. Tirou o chapéu e passou uma mão pelo espesso e escuro cabelo.

Shelby elevou o olhar para ele, e seus olhos se detiveram sem poder evitá-lo nas duras linhas do rosto de Justin, e nos lábios esculpidos que tinha beijado com tanta paixão seis anos atrás. Tinha estado perdidamente apaixonada por ele, mas a noite em que se comprometeram, seu ardor a tinha assustado. Tinha-o afastado e mesmo assim a lembrança das deliciosas sensações que tinha experimentado, até que o medo se fizesse tangível, ficou gravado a fogo em sua mente. Tinha desejado ir mais longe de onde tinham chegado, mas tinha suas razões para temer aquela intimidade final mais que qualquer outra mulher. Entretanto, Justin nada sabia daquilo, e tinha dado muita vergonha explicar-lhe.

Pôs-se de lado para que passasse.

— Se minha companhia não for muito desagradável, talvez goste de um pouco de chá gelado.

Justin hesitou, mas foi só um momento.

— Agradeceria — murmurou entrando e fechando a porta devagar atrás de si —. Aqui faz um calor infernal.

Seguiu-a, mas parou bruscamente ao contemplar o lugar em que estava tendo que viver. Ficou rígido e esteve a ponto de praguejar em voz alta.

Só havia duas salas, no chamado apartamento, e estavam vazias à exceção de um velho sofá, uma cadeira, uma mesinha de café e um pequeno televisor. Havia também um armário embutido, onde devia ter a roupa guardada, e na cozinha só havia um modesto refrigerador, e um fogão de uma boca. A idéia de imaginá-la vivendo ali, quando estava acostumada a empregados, a roupas de seda, a pratarias e móveis antigos...

— Deus... — murmurou.

Ao escutar o tom de lástima em sua voz as costas de Shelby esticaram-se, mas não virou-se.

— Não necessito sua compaixão — ela disse com aspereza —. Não é minha culpa nem de Tyler que tenhamos perdido a propriedade, mas sim de nosso pai. Além disso, posso abrir caminho no mundo por mim mesma.

— Sim, mas não teria que ser deste modo, maldita seja — resmungou Justin jogando furioso o chapéu sobre a mesinha. Tirou-lhe das mãos a jarra de chá gelado, depositando-a também com violência na mesa e a agarrou pelos ombros —. Não posso entender que tenha que sobreviver nesta ratoeira. Barry Holman e sua maldita caridade!

Shelby tinha ficado em estado de choque, nem tanto pelo que lhe estava dizendo, mas sim pela agitação que sentiu de repente.

— Não é uma ratoeira — balbuciou.

— Comparando-o com o estilo de vida ao que está acostumada, sim é — repôs ele. Deixou escapar um suspiro exasperado —. Pode ficar comigo até que possa arrumar algo digno.

— Com... contigo? — repetiu ela ficando vermelha como uma papoula —, em sua casa... só com você?

— Em minha casa — respondeu ele elevando o queixo —, «não» em minha cama. Não terá que me pagar um aluguel, e tenho noção de que você não gosta que a toquem.

A Shelby doeu a mordacidade de suas palavras, mas não podia olhá-lo nos olhos nem negar aquela última afirmação sem embaraço para ambos. De todo o modo, já não importava, fazia muito tempo aquilo. Assim, em vez de procurar seu olhar, ficou olhando sua camisa branca, e a espessa massa de pêlos que se adivinhava através do tecido. Uma vez havia sentido essa parte de seu corpo, na noite em que se comprometeram. Justin tinha desabotoado botão após botão, dando acesso, permitindo que o acariciasse como quisesse. E logo tinha começado a beijá-la como se não houvesse um amanhã, e Shelby não pode evitar de assustar-se quando ele tentou ir mais longe.

Até aquela noite, Justin jamais havia tentado tocá-la de um modo íntimo, e tinham se limitado a trocar breves beijos inocentes. No início essa atitude a tinha deixado um pouco perplexa, e despertado sua curiosidade, porque estava segura de que tinha muita experiência nesse terreno. Claro, dissera a si mesma, talvez o problema estivesse na diferença social entre ambos. Naquela época, Justin, podia classificar-se dentro da classe média enquanto que sua família era rica. Isso não lhe importava, mas podia imaginar que possivelmente o intimidasse, e o que era pior, a sensação de inferioridade certamente teria tornado ódio quando, ante a insistência de seu pai, viu-se forçada a romper o compromisso.

Entretanto, ocupou-se em ajustar as contas com seu pai. Ele queria vê-la casada com Tom Wheelor, um homem frio que só interessava a fusão de suas propriedades, mas Justin havia se interposto, e por isso inventaram a mentira de que ela o tinha utilizado para seduzir Tom. Ela tinha rechaçado repetidamente a Wheelor, e nunca tinha deixado que a tocasse. Disse a seu pai que nunca se casaria com seu amigo, e mesmo assim o velho não mudou de idéia até sua morte. Só então, depois de anos de ter sido testemunha de quanto desesperadamente que ela amava Justin, da desgraça que tinha feito, rogou-lhe seu perdão. Não lhe disse era que a culpa que o tinha levado a investir no negócio de Justin.

Shelby procurou os escuros olhos de Justin, perdida nas lembranças. Tinha sido muito duro seguir adiante sem ele. Os sonhos de viver uma vida a seu lado, sentindo-se amada, dando a luz a seus filhos... tinham morrido fazia muito tempo. E, mesmo assim, o toque de suas grandes mãos em seus ombros estava fazendo que a temperatura de seu corpo aumentasse, que o desejo adormecido despertasse. Provocando respostas em seu interior. Se seu pai não tivesse interferido... Não, também era culpa dela, tinha sido incapaz de explicar seus temores ao homem ao que amava, de lhe pedir que tomasse cuidado, que fosse devagar... Mas já era muito tarde.

— Sei que já não me quer, Justin — disse-lhe brandamente —. E compreendo o porque, mas, de qualquer maneira, não tem por que sentir-se responsável por mim. Estarei bem, posso cuidar de mim mesma.

Justin inspirou devagar, tratando de controlar-se, pois a sedosa textura de sua pele o estava deixando louco. Sem perceber, começou a acariciar os ombros com movimentos circulares.

— Sei — respondeu —, mas este não é um lugar para você.

— Não posso pagar outra coisa — disse ela —, mas Barry Holman me prometeu que dentro de dois meses subirão o meu salário, e talvez então alugue o quarto de Abby na casa da Sra. Simpson.

— Não tem que esperar — respondeu ele com aspereza —. Eu empresto o dinheiro a você.

— Isso não seria certo. As pessoas comentariam — murmurou Shelby baixando a vista.

— Não tem por que inteirar-se ninguém. Ficaria entre você e eu.

Shelby mordeu o lábio, procurando em seu interior a força necessária para negar-se, mas estava difícil, nunca o admitiria diante de Justin, detestava ter que viver ali, tão perto de Barry Holman, que era um bom chefe, mas também um conquistador.

Nesse momento bateram na porta. Justin a soltou a contragosto e a observou enquanto ia abrir. Era Barry, com uma expressão esperançosa no rosto.

— Olá, Shelby — a saudou em um tom amistoso — pensei que talvez necessitasse de ajuda para a mudança que... — ficou calado ao ver Justin atrás dela.

— Já vê que não — respondeu este com um frio sorriso —. De fato, ela vai alugar um quarto na pensão da Sra. Simpson e eu vim para ajudá-la a carregar algumas coisas, embora saiba que aprecia muito sua «generosidade» ao lhe deixar este... apartamento — acrescentou olhando ao redor com desgosto.

Barry Holman engoliu em seco. Conhecia Justin há muito tempo, e estava convencido de que o se enfrentava era certo: não queria Shelby para ele mas tampouco deixava que outros homens se aproximassem dela.

— Bem — disse, ainda sorrindo —, pois então voltarei ao escritório. Tenho que fazer umas chamadas. Me alegra tê-lo visto, Justin. Até segunda-feira pela manhã, Shelby.

— Obrigado de qualquer maneira, Sr. Holman — disse ela apoiando a mentira de Justin, pois não podia, nem queria, contradizê-lo —. Não queria que pensasse que sou uma ingrata, mas é que a Sra. Simpson me ofereceu pensão completa, e é um lugar muito tranquilo. Não estou acostumada à vida na cidade, e como a Sra. Simpson tinha livre um quarto...

— Calma, Shelby, não tem por que me dar explicações — sorriu Barry —. Até mais tarde.

Justin olhou-o furioso enquanto saía, e depois voltou-se para Shelby.

— Havia dito que emprestaria o dinheiro para o aluguel e o farei — disse-lhe com voz firme —. Se for demais para seu orgulho, pode me pagar quando melhor convier.

Não era orgulho o que fazia Shelby hesitar, era a sensação de que não seria muito certo aceitar a ajuda dele. Sabia que Justin não a deixaria permanecer ali, porque apesar do rancor era um homem caridoso, preocupado com ela. Tinha um coração muito grande para dar-lhe as costas, apesar do que pensava que tinha feito. As lágrimas afloraram em seus olhos verdes ao recordar o que seu pai a tinha obrigado a dizer, e como o tinha ferido.

— Sinto tanto... — soluçou de repente mordendo o lábio inferior e virando-se.

Aquelas palavras, e a emoção que escondiam, surpreenderam Justin. Acaso seria possível que, a essas alturas, ela sentisse remorsos? Ou possivelmente estava fingindo para conseguir sua compaixão? Já não podia confiar nela.

Shelby recuperou a compostura, e serviu o chá em dois copos com gelo.

— Se de verdade não o incomoda me fazer esse empréstimo o aceitarei — disse-lhe estendendo o copo sem olhá-lo —. Não é nenhum segredo que eu não gosto de muito desse apartamento, e sempre será melhor viver acompanhada, embora seja em uma pensão. Eu não gosto de estar sozinha.

— Tampouco eu gosto, Shelby, mas é algo ao que acaba por se acostumar — murmurou ele. Sorveu um pouco do chá sem afastar o olhar do rosto dela —. E como está sendo trabalhar para poder viver?

— Eu gosto — respondeu ela com um sorriso, ignorando a brincadeira. Elevou os olhos para os dele —. Mas antes também o fazia, sabe?, quando tínhamos dinheiro. Estava em vários grupos de voluntariado e associações de beneficência. Entretanto, em um escritório há gente com autênticos problemas, e ao poder ajudá-los sinto melhor, e me faz esquecer meus.

Justin franziu o cenho.

— Não acredita? — inquiriu ela adivinhando o que estava pensando —. Você sempre me viu como a um membro da classe alta, uma mulher atraente com dinheiro e uma apurada educação... Mas, não era mais que a fachada. Na realidade nunca chegou a me conhecer de verdade.

— Mas te desejava — replicou ele com um olhar desafiante.

— Você jamais me desejou. O que aconteceu é que você quis acelerar as coisas — exclamou ela na defensiva, ruborizando-se ao recordar aquela noite.

— Acelerar? Até aquela noite nem sequer tinha te beijado de um modo íntimo, pelo amor de Deus! — os olhos do Justin relampejaram de fúria ao pensar em como o tinha rechaçado —. Até aquela noite tinha você em um pedestal, te adorando como a uma deusa, enquanto estava se deitando com esse milionário!

— Nunca me deitei com Tom Wheelor.

— Não foi isso o que me disse — recordou Justin com um sorriso frio —. De fato jurou que tinha feito.

Shelby fechou os olhos, presa de amargo remorso

— É certo, disse-o — assentiu cansada —. Quase o tinha esquecido — acrescentou dando-a volta.

— Água passada não move moinho — disse Justin sem afastar os olhos do rosto tenso de Shelby —. Não, já não importa. Vamos, levarei você para a casa da Sra. Simpson ver se pode alugar um quarto.

Shelby sabia que ele não daria seu braço a torcer. Não tinha esquecido, e seguia desprezando-a. Enquanto pegava sua bolsa, e o seguia até a porta, sentiu como se alguém lhe tivesse colocado um enorme peso sobre os ombros.

CAPÍTULO 2

Quando parou o carro a uns metros da pensão, Justin colocou um maço de dinheiro na bolsa de Shelby. Ela quis protestar, mas ele seguiu fumando seu cigarro e a ignorou por completo.

— Já disse antes que o assunto dinheiro ficaria entre nós — murmurou enquanto desligava o motor. Apoiou o cotovelo na janela e virou-se para olhá-la —. Falava a sério, mas se como disse prefere considerá-lo como um empréstimo, isso é com você.

— Prometo que lhe devolverei isso... algum dia — respondeu ela com ar miserável, mordendo o lábio. Com o pouco que ganhava apenas poderia pagar o aluguel e comprar uma roupa que necessitasse.

— Tanto faz.

— Pois a mim não — respondeu ela um pouco irritada. Deixou escapar um enorme suspiro —. OH, Justin, o que vou fazer? — gemeu —. Pela primeira vez em minha vida me encontro sozinha. Ty se foi para o Arizona, e não tenho mais família... — de repente se deu conta de que estava evidenciando sua debilidade, e baixou a vista envergonhada — Desculpe, não ligue, eu não devia ter dito isso. Só sei me queixar...

Justin não disse nada. Nunca tinha visto Shelby desesperada sempre estava tão composta e calma... era algo novo e incômodo vê-la tão vulnerável.

— Se as coisas ficarem difíceis como imagina — disse —, sempre pode vir viver comigo.

Ela emitiu uma risada abafada.

— Isso não faria muito bem a nossas reputações.

— Se os falatórios forem o que a preocupa — disse Justin jogando uma baforada de fumaça —, poderíamos nos casar — disse de um modo indiferente, mas tinha os olhos fixos nela.

Shelby sentiu que faltava ar. Perguntando-se se trataria de uma brincadeira cruel.

— Por que iria querer casar comigo?

Ele teria desejado não ter que responder a isso. Não podia admitir que ainda a amava.

— Você precisa de um lugar onde viver — disse dando de ombros —, e eu estou farto de estar sozinho. Desde que Abby e Calhoun se casaram e se foram, a casa parece um maldito mausoléu.

— Não é verdade, faria isso porque tem pena da minha situação — acusou ela.

— Talvez — murmurou ele dando outra tragada de seu cigarro —. Bom, e se for assim? — replicou ele virando-se para ela —. Tampouco tem muitas opções: ou aceita meu dinheiro para alugar um quarto da Sra. Simpson, ou fica no sujo armazém do escritório do Barry Holman, expondo-se a ser seduzida por ele.

— Pare já com isso! — resmungou ela incomodada —. O Sr. Holman não é desse tipo de homens, e além disso, se não se importa, não tem razão para mostrar-se tão possessivo.

— Não tenho? — repetiu ele cravando seus olhos escuros nos dela —. Talvez, mas temo que é algo que não se pode evitar. Uma vez estivemos comprometidos, Shelby, e os sentimentos que implicam esse tipo de relação não morrem facilmente.

— Que bela relação foi... — murmurou ela com um suspiro —. Nunca entendi por que queria casar comigo.

— Para mim não foi mais que uma ilusão — mentiu ele com frieza —. Você era uma jovem rica e sofisticada, e eu um jovem provinciano cheio de ilusões. Isso me fez muito mal, mas a vingança é um prato que se serve frio, e aqui estamos, eu um homem influente e com dinheiro, e você se vê agora humilhada pelo destino — entreabriu os olhos — Não pense nem por um momento que quero me casar com você porque ficou em mim algum traço de paixão, porque não é nada disso.

Shelby o olhou com amarga tristeza. Ele não era capaz de perdoá-la. Se casaria com ela para fazê-la suplicar seu amor, um amor que ele juraria uma vez ou outra, mas que jamais sentiria. Tinha sorte que a desprezasse porque acreditava que se deitou com Tom Wheelor, algo que era uma áspera mentira. Ainda era virgem, e seria certamente um tremendo choque para ele se chegassem a se casar e ele descobrisse tal fato.

— Não sou tão estúpida para pensar que ainda me deseja — respondeu —, não depois do modo como que feri seu orgulho — acrescentou elevando os olhos para estudar o arrogante rosto —. Mas acreditava que me queria um pouco, embora nunca o dissesse.

Aquilo era verdade. Nunca tinha demonstrado porque queria casar-se com ela. Até aquela noite não tinha dado mostras de desejar levá-la para sua cama e não era um homem que mostrasse seus sentimentos de um modo aberto. Entretanto, por mais apaixonada que estivesse por ele, não tinha reparado no pouco que ele dava.

— Se o que quer é uma certa segurança — disse Justin ignorando suas palavras —, posso dar isso. Nunca te faltaria nada... embora logicamente não tenho a fortuna de seu pai.

Shelby fechou os olhos ao sentir uma onda de vergonha. Seu pai e sua própria ingenuidade eram os culpados pelo ressentimento dele. Entretanto, estava claro que tudo que queria era vingança, e não estava disposta a oferecer-se em uma bandeja de prata.

— Justin, não me casarei com você — ela disse —. Seria uma loucura — murmurou.

Então de um modo inesperado, ele pôs sua mão sobre a dela, para retirá-la imediatamente.

— É uma casa muito grande — lhe disse —. Vivo com Maria e Lopez. Além disso, nem sequer teria que trabalhar se não quisesse.

O que Justin lhe oferecia era o céu para ela... se somente o fizesse de coração não por pena. Não, era pior, não o fazia unicamente por pena, o fazia para vingar-se de sua rejeição, e do inferno em que o tinha submetido durante os últimos seis anos. Seu orgulho exigia uma compensação. E não o devia?, disse-se Shelby com amargura, não o devia depois do que tinha feito? Depois de tudo, embora não tivesse seu amor, era o que sempre tinha sonhado; passar o resto de sua vida junto dele. Tomariam o café da manhã juntos, comeriam juntos, jantariam juntos, talvez vendo televisão. E dormiriam sob o mesmo teto. Seu coração pulsou apressado. Queria aquilo mais que tudo no mundo, queria-o desesperadamente.

— Imagino que você não... Quer dizer, que não quereria... — «um menino». Era incapaz de dizê-lo. Só Deus sabia como encontraria forças para suportar a concepção de um filho.

— Não, nunca pedirei o divórcio — respondeu ele a interpretando mal —. Sou um homem de palavra, e quando comprometo a algo, cumpro-o.

Shelby não pôde evitar reconhecer em suas palavras uma acusação para ela.

— Ainda me odeia, Justin? — inquiriu. Precisava sabê-lo.

Ele ficou olhando-a um momento, fumando em silêncio.

— Já não estou seguro do que sinto por você.

Embora Shelby tivesse preferido uma ardente declaração de amor, sua resposta tinha sido sincera. Provavelmente não deveria aceitar sua proposta porque era uma loucura, mas não pôde resistir à tentação.

— Me casarei com você, então, se é que o diz a sério — murmurou sem atrever-se a elevar o olhar.

Justin ficou paralisado, mas o pulso disparou ao escutar suas palavras. Shelby não podia imaginar a quantidade de noites que tinha passado em claro, ansiando tê-la junto a ele, desejando-a. Mas tinha perdido sua confiança, e jamais poderia recuperá-la. Não havia como voltar atrás. Só tinha oferecido essa solução porque ela necessitava ajuda. Tinha que manter a cabeça fria e os pés no chão. Talvez ela chegasse ao ponto de mostrar-se amável com ele por gratidão, lhe fazendo de tolo outra vez. Não poderia baixar a guarda nem um momento, mas... OH, Deus, desejava-a tanto!

— Muito bem, então não tem problema não ver a Sra. Simpson até que tenhamos tudo planejado — disse.

Pôs de novo o carro em marcha, a caminho de seu rancho. Por que lhe tremiam as mãos?, perguntou-se agitado agarrando com mais força o volante. Não podia deixar que ela soubesse até que ponto o tinha afetado sua resposta.

Se a María e ao Lopez os surpreendeu ver Justin acompanhado de Shelby, nenhum dos dois disse nada. O ancião desapareceu pela porta da cozinha, enquanto que sua esposa lhes servia café com bolinhos. Justin não queria que se incomodasse, mas a mulher insistiu, assim não teve outro remédio que sentar-se em sua poltrona antes de fazer um gesto a Shelby para que fizesse o mesmo no sofá que havia em frente.

— Obrigado, Maria — disse Shelby com um cálido sorriso

— Não há de que, Srta., é um prazer — repôs a mulher mexicana com outro sorriso —. Estarei na cozinha se necessitar, *señor* — disse a Justin antes de sair do salão, e fechar a porta discretamente.

— Café puro? — inquiriu ele inclinando-se para a mesinha e assinalando a cafeteira —, e sem açúcar.

— Sim, obrigado — assentiu ela. Agradou-a que recordasse como gostava do café.

Depois de lhe servir, Justin serviu outra para ele, acrescentando bastante leite e várias colheradas de açúcar.

Shelby ficou olhando-o, perguntando-se por que teria aceito sua proposta. Tinha sido uma loucura. Era como uma fortaleza inexpugnável, e estava claro que a única coisa que lhe interessava era vingar-se dela. Claro que... por outro lado, talvez vivendo sob o mesmo teto que ele tivesse uma oportunidade de lhe demonstrar que tudo tinha sido uma armação de seu pai. Tudo o que tinha que fazer para lhe provar sua inocência, era fazer que a levasse para cama, mas aí era que residia o problema: esse tipo de intimidade lhe dava um medo atroz.

— Por que ruboriza? — inquiriu Justin de repente.

— É que... faz calor aqui — balbuciou ela antes de clarear a garganta.

— Você acha? — repôs ele dando uma gargalhada. Tomou um gole de seu café—. Se por acaso estava imaginando isso, terá seu próprio quarto. Não espero nada em troca pela ajuda que ofereci.

Shelby ficou ainda mais rubra, e teve que conter o desejo de atirar a xícara em sua cabeça.

— Fala como se eu fosse uma sem teto.

— Dói, não é verdade? — disse ele com crueldade — Enfim, o certo é que Tyler não pode mantê-la e não pode viver confortavelmente com o que paga Barry Holman... e não é que a critique por isso, mas é fato que as secretárias das pequenas cidades não ganham muito.

— O dinheiro não me importa muito — repôs ela na defensiva.

— OH, claro que não — disse Justin sarcástico. E tomou outro gole de seu café.

— Escute, Justin... Foi toda idéia de meu pai o falso compromisso com Tom Wheelor...

— Seu pai jamais me teria feito algo assim — cortou ele com aspereza. Um brilho ameaçador cruzou seus olhos ao inclinar-se para frente —. Não o use como bode expiatório só porque está morto. Sempre me tratou como a um amigo.

«Isso é o que você acredita», pensou ela com amargura.

Estava claro que não serviria de nada tratar de lhe explicar. Não compreendia que Justin o defendesse desse modo só porque seu pai tivesse fingido que o apreciava

— Jamais voltará a confiar em mim, não é certo? — perguntou-lhe com suavidade.

Justin ficou estudando um instante seu belo rosto, os olhos verdes que olhavam os seus.

— Não, um gato escaldado foge da água. Mas se acredita que me partiu o coração, está muito enganada. Feriu meu orgulho, mas não chegou a meu coração.

— Não acredito que alguma mulher o tenha feito. Não deixa que ninguém se aproxime — repôs ela no mesmo tom suave, percorrendo com o dedo a borda da xícara. — Abby me disse que fazia muito que não saía com ninguém

— Tenho trinta e sete anos — recordou Justin —. Faz muito tempo que deixei para trás meus dias de virgem, antes inclusive de começar a sair com você — tomou o café e deixou a xícara sobre a mesinha. Olhou-a fixamente. — E nós dois sabemos que você também teve os seus, e com quem.

— Não me conhece absolutamente, Justin — espetou Shelby —. Nem agora, nem antes tampouco. Antes me disse que para você era um símbolo de status social, e ao voltar e olhar para trás, suponho que assim era de fato — disse com amargura —, porque a lembrança de como me levava a toda parte, para me exibir aos seus amigos, me fazia sentir como um desses cavalos puro sangue que Ty estava acostumado a levar às corridas de obstáculos.

— Se a levava a todas as partes comigo era porque era bonita e doce, e porque eu gostava de estar com você — respondeu ele áspero —. Tudo isso de que a desejava por seu status não é mais que uma tolice

— Obrigado por dizer — murmurou Shelby recostando-se no sofá —. Enfim, suponho que de todo o modo, como você diz, já não importa muito — terminou também seu café e deixou a xícara sobre a mesinha —. Teremos um casamento na igreja? — perguntou-lhe.

— Não lhe parece que já somos um pouco crescidos para esse tipo de cerimônia? — perguntou ele.

— Eu quero me casar na igreja — insistiu ela.

— Muito bem, terá suas bodas na igreja. Pode ficar na pensão da Sra. Simpson até que nos casemos, assim será tudo mais discreto — Justin elevou os olhos entreabertos para ela —. Só há uma coisa que quero que fique bem clara: Nem pense em se apresentar nesse dia com um vestido branco, porque se o fizer, deixarei você plantada no altar

— E o que pensarão as mulheres da congregação se não for de branco? — disse ela com um olhar doído.

Justin sentiu-se mal. Queria vingar-se por seu romance com Tom Wheelor, mas o certo era que não queria vê-la ferida

— Pode pôr algo que seja de cor nata — concedeu a contra gosto

O lábio inferior de Shelby tremia de raiva.

— Leve-me para a cama. Desafiou-o com o olhar, mas um rubor intenso tingiu suas bochechas, e estremeceu ante seu próprio atrevimento —. Se acredita que minto a respeito de minha inocência, posso demonstrar que digo a verdade!

Entretanto, antes que ele, que tinha ficado paralisado, pudesse reagir, bateram na porta e entrou Lopez com uma mensagem para Justin.

— Tenho uns assuntos para resolver — disse este a Shelby depois de ler a nota que lhe estendeu Lopez —. Posso te levar para a pensão e logo talvez queira chamar Abby para que a ajude com os preparativos do casamento: os convites e o que mais for necessário.

Shelby não discutiu. Sentia-se moralmente esgotada. Seria capaz de envergonhá-la publicamente, como uma adúltera exibida pelas ruas? Apertou os dentes obstinada enquanto entravam no carro. Não permitiria que entrasse na igreja de branco, ameaçava deixá-la prostrada no altar, talvez fosse o melhor depois de tudo. Sabia que Justin era um cão que ladrava, mas não mordia, por isso certamente não pretendia levar a sério essa ameaça... ou ao menos isso era o que ela queria acreditar. Se as coisas pudessem voltar a ser como seis anos atrás...!

Shelby tinha conhecido os Ballenger durante toda a vida. De fato, seu irmão Tyler e Calhoun, irmão de Justin, eram muito amigos, o que implicava que ela e Justin se vissem de vez em quando. No princípio mostrou-se frio e distante, mas Shelby tinha tomado como uma provocação, e tinha começado a provocá-lo, a flertar com ele de um modo ingênuo... e a mudança que se produziu nele foi espetacular. Em uma ocasião tinham ido a uma festa de Halloween que organizada por um amigo comum, e alguém tinha dado a Shelby um violão, pedindo que tocasse. Justin ficara surpreso com sua habilidade com aquele instrumento, mas seu anfitrião apareceu com outro violão e insistiu em acompanhá-la. Ela tratou de tocar mais devagar, mas ele era bastante torpe, e finalmente Justin aproximou-se, e sem uma palavra estendeu a mão para o anfitrião para que lhe desse o violão, com um sorriso que Shelby não compreenderia até momentos depois, quando Justin se sentasse junto a ela, e tocasse *A rosa do Santo Antonio* com tanta paixão que os presentes aplaudiram entusiasmados. Depois, tocaram uma canção juntos, sem deixar de olhar-se e, ao chegar à última nota, Justin lhe dedicou um sorriso tão encantador, que ela entregou nesse instante seu coração.

Não foi algo repentino, na realidade. Fazia muito que a tinha impressionado com quanto carinhoso e amável podia ser, como quando Calhoun e ele se tornaram os tutores legais de Abby, quando morreram seus pais naquele acidente de carro.

Além disso, Justin estava sempre disposto a dar uma mão a quem a necessitasse, e não havia outro homem em Jacobsville mais generoso e trabalhador que ele. Certo que tinha um forte temperamento, mas seus homens o respeitavam, porque não lhes exigia nada que não se exigisse a si mesmo. Era co-proprietário do negócio junto com seu irmão, mas ele era sempre o primeiro a chegar e o último a sair quando havia algo para acabar. Tinha tantas qualidades admiráveis... Além disso, naquela época, Shelby era jovem e impressionável, e tinha a idade certa para apaixonar-se perdidamente por um homem mais velho que ela.

Depois daquela noite se encontraram em toda parte: no restaurante onde almoçava às terças-feiras e às quintas-feiras com uma amiga; em distintos eventos sociais; nos eventos de caridade; quando ia dar um passeio a cavalo perto do rancho dos Ballenger... Então não se imaginou sequer que ela pudesse ser a razão pela qual de repente um homem tão ocupado parecia ter tanto tempo livre nem por que tinha dado a freqüentar os lugares que ela freqüentava. Entretanto, apaixonou-se por ele e, cada segundo que acontecia seu lado, apaixonava-se mais e mais.

E de repente, um dia, tudo mudou. Tinha ido fazer uma excursão juntos a cavalo, e depois de deterem-se para que descansassem seus cavalos, puseram-se a passear até que Justin parou sob uma árvore, apoiando-se em um tronco. Não disse uma palavra, mas seu olhar não podia ser mais eloqüente. Tinha um cigarro na mão direita, mas estendeu a outra a Shelby. Ela não sabia o que iria acontecer, mas tomou sua mão. O coração palpitava com violência, e não podia deixar de observar os lábios dele com ansiedade. Possivelmente ele sabia que o desejava, mas não se aproveitou disso.

Atraiu-a para si. Só suas mãos se tocavam. Os olhos negros de Justin procuraram as íris verdes do Shelby, inclinou devagar a cabeça, dando tempo para pensar, para afastar-se, para mostrar que não queria o mesmo ele... Mas Shelby o queria. Ficou muito quieta, sem fechar os olhos, até que os lábios de Justin roçaram os seus suavemente. Um instante depois ele elevou de novo a cabeça e voltou a olhá-la.

Deixou cair o cigarro sobre a erva e o esmagou com a ponta da bota, enquanto o coração de Shelby, ameaçava saltar do peito. Os braços de Justin a rodearam atraindo-a um pouco para si, inclinou-se de novo sobre ela, e a beijou com ternura e respeito. Shelby respondeu, beijando-o do mesmo modo, passou-lhe os braços por cima dos ombros, e deixou que sua mente se afundasse entre o que pareciam intermináveis quebras de onda de prazer.

Justin separou-se dela, um longo minuto depois e a soltou sem dizer nada, para a seguir tomar sua mão e seguir caminhando.

— Quer um casamento, ou se conformaria com uma união civil? — perguntou-lhe de improviso, como se estivesse falando do tempo.

E assim foi como se comprometeram. Naquela noite Justin foi a sua casa para dar juntos a notícia a seu pai. Foi um tremendo choque para o velho Bass Jacobs, mas não deixou transparecer, recuperando logo a compostura e conversando animadamente com Justin, dando boas-vindas à família. Depois, Shelby acompanhou a Justin a seu rancho para comunicar a boa nova também a Calhoun e a Abby, mas o primeiro tinha partido para Oklahoma ver um homem a negócios, e Abby tinha deixado um bilhete dizendo que iria passar a noite na casa de uma amiga. Assim, encontraram-se sem esperá-lo com a casa para eles dois sozinhos. Shelby recordava vivamente como riram e brindaram por sua futura felicidade Justin a tinha abraçado e beijado de um modo muito diferente, e ela se ruborizou ante a intimidade de sentir a língua dele em sua boca.

— Shelby, vamos nos casar — sussurrou ele encantado com esse pudor —, não lhe farei mal.

— Eu sei — respondeu ela ocultando o rosto em sua camisa branca —, é só que isto é novo para mim, estar assim... com você.

— Também é novo para mim — murmurou ele. Seu tórax subia e baixava.

Desabotoou-se a camisa, botão a botão, abriu-a, e colocou suavemente as mãos dela em seu peito bronzeado e musculoso.

— Me acaricie, Shelby — a instrui.

Ela ficou um pouco nervosa, mas quando ele se inclinou para tomar seus lábios uma vez mais, conseguiu começar a relaxar-se e a desfrutar do tato de sua pele e de seu aroma.

Justin apertou as mãos de Shelby mais fortemente contra si, e quando ela o olhou aos olhos, viu neles uma expressão que não tinha visto antes em todas as semanas que tinham estado saindo, algo selvagem e fora de controle. Estremeceu ao compreender que se tratava de desejo, mas antes que pudesse reagir, Justin colocou a mão por debaixo da nuca, atraindo-a para seus lábios, devorando-os com beijos breves como dentadas, que tiveram nela um efeito inesperado e surpreendente.

Gemeu assustada por aquelas sensações desconhecidas, mas para Justin um gemido tinha um significado totalmente distinto. Acreditou que estava tão imersa no prazer como ele, e as incursões de sua boca se fizeram mais insistentes uma vez que baixou as mãos até os quadris dela, elevando-a para si em um abraço que a deixou sem sentido.

Sabia muito pouco a respeito dos homens e do sexo, os contornos rígidos de certa parte da anatomia de Justin indicaram que estava excitando-se e o sentiu gemer dentro de sua boca enquanto se esfregava contra ela.

Shelby tentou soltar-se, mas ele era muito forte, e a paixão o tinha desfocado. De fato, não se percebeu que ela estava tratando de apartar-se dele até que Shelby separou os lábios dos seus e o empurrou rogando que parasse.

Justin elevou a cabeça com a respiração entrecortada e a frustração escrita no olhar.

— Shelby... — gemeu ele desesperado.

— Solte-me! — suplicou ela —, por favor, Justin... não...

— Pararei antes de chegarmos no final — sussurrou ele contra seus lábios, inclinando-se para beijá-la de novo.

Os protestos de Shelby se viram afogadas pela cálida boca dele, e de repente notou que a levantava, e a levava ao sofá, estendendo-a sobre as suaves almofadas.

A insuportável necessidade dela fez que Justin estremecesse antes de voltar a beijá-la com ferocidade! Caindo em cima dela. Shelby estava entrando em verdadeiro pânico. Sabia o que podia ocorrer, e era muito possível que ele, apesar de suas intenções, não fosse capaz de deter-se chegado o momento.

— Justin! — chamou-o suplicante.

— Não vou tirar sua virgindade, Shelby — murmurou ele deslizando as mãos para seus quadris —. OH, Deus, carinho, não me faça isto. Me deixe amá-la, Shelby...

Suas últimas palavras se viram afogadas ao pressionar seus lábios de novo contra os dela, com maior anseio ainda. A Shelby logo ficou claro a absoluta falta de controle do Justin ao sentir como empurrava seus quadris para os dela, e como suas mãos procuravam seus seios, mas bastou que ele colocasse um joelho entre suas pernas para sentir um verdadeiro pânico.

Tentou outra vez, soltar-se, e ao cabo de um momento por fim ele percebeu sua oposição. Elevou a cabeça, com a chama da paixão ainda em seus olhos negros, e ficou olhando-a um instante, desconcertado. Ao ler a rejeição na expressão de Shelby e notar a rigidez de seu corpo, separou-se dela e ficou em pé. Passou um bom momento antes que ela recuperasse o fôlego, para então Justin afastar-se vários passos, apoiar-se em um móvel e acender um charuto.

Depois de vários minutos de tenso silêncio, ele serviu brandy em dois copos, e estendeu um a Shelby, sorrindo zombador pelo modo como ela evitou lhe roçar sequer a mão ao tomá-lo.

— Espero que saiba que não planejo dormir em outro quarto quando nos casarmos — disse sombrio.

— Eu sei — murmurou ela tomando um gole do copo. As mãos tremiam de um modo exagerado. Queria lhe explicar o que ocorria, mas Justin, com sua atitude não estava facilitando nada —. Justin, eu... sou virgem.

— Acaso acredita que não sei? — resmungou ele. Voltou-se para olhá-la, mas seu rosto era uma máscara impenetrável. — Pelo amor de Deus, vamos nos casar! Espera que me mantenha a um metro de você até que tenha posto o anel no dedo?

Shelby avermelhou e baixou a vista ao copo.

— Talvez... talvez fosse o melhor — disse em um fio de voz

— Tendo em conta minha falta de controle, quer dizer — apontou ele em um tom gélido que jamais tinha usado antes com ela.

Tomou o brandy e ao cabo de um momento pareceu dissipar-se sua raiva, para alívio de Shelby. Não se desculpou, aproximou-se dela, e sorriu como se nada tivesse acontecido. Seguiram bebendo juntos e, quando os efeitos do álcool começavam a evidenciar-se em ambos, ensinou-lhe uma canção de botequim mexicana. Nesse momento entraram Maria e Lopez, que voltavam de uma festa, e depois de uma bela bronca da mulher a Justin por lhe ensinar uma canção tão grosseira, ele a tinha levado de volta para casa.

Shelby tinha esperado o dia do casamento com esperanças, mas também com medo. Temia que levado por aquela paixão desenfreada, esquecesse de não lhe fazer nenhum dano.

Durante os dias que seguiram, não obstante, a demonstração de amor mais apaixonada de Justin foi tomar sua mão e beijá-la no rosto, assim Shelby relaxou e voltou a desfrutar de sua companhia.

E então, de repente, seu pai pôs fim a sua relação. Disse-lhe que devia deixar Justin se não queria vê-lo perder tudo que tinha. Justin acabaria odiando-a, disse-lhe, culparia-a por havê-lo deixado na ruína, e seu matrimônio não teria nenhuma possibilidade, porque seu orgulho se encarregaria de destruí-lo.

Naquela época ela era muito jovem e ingênua, enquanto que seu pai era um cão velho para como conseguir sempre o que se propunha. Conseguiu a ajuda de Tom Wheelor, prometendo a ele uma benéfica sociedade, e a obrigou a mentir a Justin, admitindo que tinha um romance

com Tom, e que só lhe interessavam o dinheiro e uma elevada posição social, coisas que Justin não podia lhe dar.

Isso fora há muito tempo, disse-se Shelby, e tinha havido tanto dor... Ela sozinho tinha querido proteger Justin, evitar a agonia de perder tudo aquilo pelo que sua família e ele haviam trabalhado tão duramente. Entretanto, ao mesmo tempo, tinha sacrificado sua própria felicidade. Não podia culpá-lo pela frieza com que a tratava. Além disso, não se culpava somente por havê-lo feito sofrer tanto, mas sim por não ter sido honesta com ele em relação à razão pela que tinha medo que a tocasse.

La casar se com ela por lástima, não por amor. E aí estavam também seus desejos de vingança, claro. Não sabia como ia agüentar viver com ele, mas estava segura de que tão somente a proximidade o levaria a mudar de atitude. Talvez, algum dia, reuniria a coragem suficiente para lhe dizer a verdade e fazer com que compreendesse.

Havia dito que se casaria com ele, e não voltaria atrás. Não, trataria de fazer que aquilo funcionasse.

CAPÍTULO 3

— Imagino que Justin não esteja facilitando as coisas, certo? — perguntou — Abby a Shelby enquanto a ajudava a escrever os convites de casamento.

Shelby girou a cabeça para a janela da sala de estar da pensão e afastou uma mecha escura do rosto com um suspiro.

— Ainda não me perdoou pelo que lhe fiz. É um homem inflexível, Abby, mas tampouco posso reprovar como se sente. Feri profundamente seu orgulho. Então eu acreditava estar salvando-o — acrescentou com um sorriso triste — Meu pai não queria a um vaqueiro por genro. Tinha-me um homem rico destinada, um enlace muito conveniente para ele. Mas eu não tinha intenção de me deixar manipular, e quando lhe disse que ia casar com Justin, empenhou-se em destruir nossa relação. Até esse dia nunca tinha me dava conta de sua tremenda falta de escrúpulos — confessou —. Me ameaçou dizendo que levaria Justin à ruína se eu não o deixasse. Eu pensei que era só uma bravata, assim não levei a sério, mas o banco procedeu a executar a hipoteca sobre a empresa de engorda de gado, e os irmãos Ballenger estiveram a ponto de perder tudo.

— Mas eu pensava que naquela época o negócio era já bastante próspero — murmurou Abby sentida saudades.

— E o era, foi tudo obra de meu pai, ele tinha influências e conseguiu que o banco os pressionasse com os pagamentos. Fez para me demonstrar que não brincava. Justin me falou do julgamento por insolvência, estava destroçado... Chegou inclusive a sugerir que talvez o melhor fosse romper nosso compromisso. Meu pai me prometeu que se deixasse Justin, ele se encarregaria de mover certos fios com alguém do banco para que detivessem o leilão público da empresa. Eu sabia que se o fizesse não haveria volta, mas sabia que de qualquer modo ia perder Justin, assim... aceitei.

— E o que seu pai fez? — inquiriu Abby, inclinando-se para frente sobre a mesa.

— Convenceu a Tom Wheelor para que interpretasse o papel de meu novo prometido. Foi com ele ver Justin e lhe disse que na verdade eu estava apaixonada pelo Tom, e que só tinha saído com ele para fazer ciúme para que se decidisse a me propor casamento. Apresentou-se a seus olhos como o culpado de tudo, e Justin acreditou. E disse também que, enquanto estivemos saindo, eu tinha me deitado com Tom todo o tempo, e este confirmou.

— Mas não era certo — a interrompeu Abby com convencimento.

— Não, é obvio que não — respondeu Shelby com um sorriso agradecido por que a jovem fora capaz de ver a verdade —, mas eu não tinha outro remédio a não ser seguir o jogo a meu pai se queria salvar o negócio do Justin. Assim, quando ele telefonou me pedindo que dissesse

a verdade, respondi com as frases que meu pai me tinha preparado — murmurou baixando a vista ao tapete —. Disse que tudo que eu queria era a um homem com dinheiro, que nunca havia sentido nada por ele, e que não tinha sido para mim mais que um jogo para conseguir Tom — fechou os olhos odiando-se a si mesma —. Nunca esquecerei o silêncio ao outro lado da linha, nem como desligou, devagar, sem uma palavra. Umas semanas depois não se voltou a ouvir nada do julgamento por insolvência, assim imaginei que meu pai tinha falado com o banco. Tom Wheelor e eu estivemos saindo um tempo para que Justin acreditasse na mentira, e depois parti para a Suíça por seis meses, onde fiz todo o possível para me matar nas pistas de salto com esquis. Finalmente retornei, sentindo que meu pai tinha matado algo em mim. Ele mesmo se deu conta, antes de sua morte, e me pediu perdão, mas já era muito tarde.

— Se pudéssemos fazer que Justin a escutasse — suspirou Abby.

— Não o fará, não pode me perdoar o que lhe fiz, Abby — replicou Shelby —. Para ele foi como se o executassem em público, porque todo mundo se inteirou de que o tinha deixado plantado por um homem mais rico. Já sabe como odeia que as pessoas falem pelas suas costas... Aquilo destroçou seu orgulho.

— Mas deve ter se dado conta de que seu pai não aprovava de verdade que se casasse com você, não é certo?

— OH, isso foi o melhor de tudo — murmurou Shelby com ironia —. Meu pai fez uma representação tão perfeita o dia que lhe dissemos que nos íamos casar, dando boas-vindas à família, repetindo uma e outra vez quão orgulhoso estava de que viria a ser seu genro... — explicou com uma risada amarga —. Inclusive quando foi com Tom vê-lo, conforme me contou Justin, meu pai se desfez em lágrimas pelo modo em que eu o tinha tratado.

— E tudo isso só porque queria casá-la com outro homem?, Não lhe importava nada sua felicidade?

— Meu pai queria construir um império — respondeu Shelby —, e não lhe importava ter que passar inclusive por cima de seus próprios filhos para obter seus objetivos. Tyler nunca chegou a inteirar-se do que ocorreu realmente. Teria ficado furioso. Mas claro, o trato com meu pai também implicava isso, que nem Ty devia saber nada a respeito.

— Mas... e depois de morrer seu pai... por que não contou?

— Não queria que se sentisse ainda pior por mim. Além disso, Ty sempre foi bastante solitário. Até me custa falar com ele de coisas sérias, de me aproximar dele. Custa-lhe muito abrir-se às pessoas. Nosso pai foi especialmente duro com ele, sempre estava ridicularizando-o durante nossa infância, e tornou-se um tipo duro ao crescer. Não teve mais remédio, de outro modo não teria sobrevivido a nossa vida familiar.

— Não tinha nem idéia — murmurou Abby —. Seu irmão sempre tratou bem. É muito especial.

Shelby não lhe tinha contado a Abby o que Justin havia dito sobre o vestido. Era muito humilhante. Entretanto, não estava disposta a ser o objeto de falações, e menos quando ela tinha todo o direito do mundo a ir de branco.

Assim, no dia seguinte foi à loja de uma velha amiga da infância, e comprou um discreto traje de saia e jaqueta de linho branco.

Não usaria nenhuma outra cor. Podia provar que era virgem.

Depois de sair da loja, dirigiu-se à consulta do Dr. Sims, seu médico fazia anos, para fazer o exame pré-nupcial. O alto e grisalho médico era quase como da família, e depois de examiná-la e tirar sangue para uma análise, falou-lhe com franqueza:

— Trata-se de uma operação sem importância, Shelby. Apenas doerá. E, não quero assustá-la com isto mas se não o fizermos, sua noite de núpcias pode transformar-se em um inferno.

Depois explicou em detalhe no que consistiria a intervenção cirúrgica. Shelby compreendeu que não tinha outra opção. Justin podia jurar e perjurar que não a tocaria, mas seria muito pouco realista de sua parte pensar que iriam conviver durante o resto suas vidas sem fazer «nada». E essa operação diminuiria em parte a dor...

Disse-lhe ao médico que o faria, mas insistiu em que queria só um acerto parcial, para que não ficassem dúvidas de que era virgem. O doutor Sims meneou a cabeça murmurando algo a respeito dessas «idiotices antiquadas», mas lhe disse que faria como ela queria, e marcou para o dia seguinte.

De boa vontade Shelby teria feito a operação completa, mas aquela era a única prova que podia dar a Justin de sua inocência, o resto, eram só palavras, e essas não as aceitaria nunca.

As bodas foi o acontecimento social da temporada. Shelby não tinha esperado que tanta gente fosse à igreja metodista de Jacobsville para vê-los casar, e havia bastante gente sem convite.

Abby e Calhoun estavam sentados no banco da família Ballenger, com as mãos enlaçadas. Tão apaixonados, que era como se um aura cálida flutuasse a seu redor. Junto a eles estava Tyler, o irmão de Shelby, e nesse mesmo lado estavam acomodados vizinhos e amigos, como Misty Davies, a melhor amiga de Abby. Quando Shelby entrou não viu Justin em lugar algum, e quase teve um ataque de pânico ao recordar o que lhe havia dito que faria se fosse vestida de branco, mas voltou a respirar tranqüila ao ver que aparecia pelo lateral do altar junto com o sacerdote. Mordeu o lábio inferior, e agarrou com força o ramo de margaridas para evitar tremer enquanto avançava pelo corredor central.

Justin e ela tinham decidido abrir mão de damas de honra e padrinhos, de fato tinham querido que a cerimônia fosse o mais singela possível.

Quando Shelby chegou ao altar e se colocou a seu lado, elevou a vista para o Justin, desafiando-o com o olhar para que se atrevesse a deixá-la plantada por haver-se vestido de branco. Foi um momento de muita tensão e, por um instante, quase lhe pareceu que ia fazer o, mas finalmente Justin virou o rosto para o sacerdote, e começou a cerimônia.

Ele repetiu uma a uma cada frase, em um tom monocórdio, e deslizou uma fina aliança de ouro no dedo de Shelby.

Finalmente, quando o sacerdote os declarou marido e mulher, dando permissão a Justin para beijar à noiva, voltou-se para ela com uma expressão que esta não pôde decifrar, e ficou olhando-a um longo momento antes de inclinar a cabeça e lhe dar um beijo frio nos lábios.

Continuando, sem lhe dar tempo para reagir, pegou-a pelo braço e a fez avançar com ele pelo corredor central sem dar tempo aos convidados para que os felicitassem.

Não tinham organizado um banquete, mas sim um coquetel nos jardins da igreja, onde se consumiram os tradicionais canapés e bolos, regados com ponche enquanto Shelby e Justin agradeciam aos convidados sua presença e conversavam um pouco com cada um.

Alguém tinha levado uma câmera, e lhes pediu que ficassem juntos para fazer uma foto. Shelby aceitou antes de que Justin pudesse negar. Dava-lhe raiva que não tivessem contratado um fotógrafo mas assim ao menos teria uma lembrança desse dia.

Colocou-se a seu lado e sorriu, enquanto que ele se limitou a rodeá-la com o braço.

Logo, que o improvisado fotógrafo se retirou, Justin a olhou furioso.

— Disse-lhe que qualquer cor exceto o branco — murmurou.

— Sim, Justin, disse-o — respondeu ela muito calma-, mas, como teria sentido você se eu houvesse dito que pusesse um vestido azul em vez de um traje de jaqueta e calça? Justin piscou incrédulo.

— A cor branca significa... — começou irritado.

— ... que é a primeira boda de uma mulher — disse ela terminando sua frase —. E esta é minha primeira bodas.

Os olhos de Justin relampejaram.

— Você e eu sabemos que há outra razão implícita para vestir de branco em um casamento, e você não tem direito a usá-lo.

O olhar do Shelby se escureceu, e Justin entreabriu os olhos.

— OH, sim, agora recordo que me disse que poderia me provar que é virgem... — murmurou com um sorriso cruel —. Talvez este seja o momento.

Shelby enrubescou e apartou a vista. Não tinha direito de tratá-la assim.

— Não tenho que te demonstrar nada.

A gargalhada sarcástica de Justin feriu seu coração.

— Não pode, não é isso? Era só uma bravata, devia imaginá-lo.

— Justin...

— Deixe — cortou ele tirando um cigarro e acendendo-o —. Como já havia dito, não vamos compartilhar a cama. Tanto faz se for virgem ou não.

A tristeza do que poderia ter sido e não foi afogou Shelby. Elevou os olhos para as duras feições dele, as escrutinando com adoração. Não era bonito, mas sim muito masculino: tão forte e atlético... Tinha exatamente o aspecto que sempre tinha pensado que devia ter um homem.

Nesse momento Justin baixou a vista e a descobriu olhando-o entusiasmada. Ficou com o cigarro no ar, sustentando o olhar tanto tempo, que o coração de Shelby começou a pulsar como um louco.

Ela baixou os olhos para os lábios dele, e a sacudiu de repente um anseio tremendo de beijá-los. Se pudesse agir como a mulher desinibida que queria ser, em vez da mulher inocente e assustada que era! O problema era que Justin a intimidava, porque estava segura de que tinha quase tanta experiência como Calhoun com as mulheres, e temia decepcioná-lo. Se pudesse contar a verdade e pedir que a tratasse com delicadeza... Não, era impossível, tremia só de pensar que tivesse que falar de algo tão íntimo. Por sorte nesse momento apareceu Tyler, salvando-a de outro dos comentários mordazes de Justin.

— Shel, tenho que ir já — disse abaixando a cabeça para beijá-la na bochecha —. A minha chefe temporária dá verdadeiro pânico os homens, e tenho que ir «em seu resgate».

— Sêrio? — disse sua irmã divertida.

— Não imagina: esconde-se detrás de mim nos bailes e nas reuniões... É realmente embaraçoso.

A jovem conteve a risada. Ao seu independente irmão não gostava de nada que as mulheres se pendurassem dele e dirigir a aquela devia estar lhe resultando particularmente difícil.

Sua chefe temporária, como ele a chamava, era a sobrinha de seu chefe. Vivia no Arizona, onde estava tentando levar adiante um rancho para turistas carregado de dívidas pelo que o chefe de Tyler em Jacobsville o tinha mandado ali para ajudá-la.

— Talvez sinta-se segura a seu lado — apontou Shelby.

Tyler soprou contrafeito.

— Seja como for, isto tem que acabar. É como ter uma hera enredada ao corpo

— É feia? — inquiriu Shelby.

— Ora, não é nada sofisticada, e não, não é muito bonita — murmurou seu irmão —. Suponho que não está mau... se você gostar de mulheres másculas. E eu não gosto — apostilou.

— E por que não a deixa? — perguntou Justin —. Pode trabalhar para Calhoun e para mim. O posto que lhe oferecemos está em pé.

— Não o esqueci, Justin, e devo dizer que me senti muito agradecido por sua oferta... sobretudo tendo em conta a relação entre nossas famílias nesses dias — respondeu Tyler com sinceridade —. Mas não, não quero abandonar. Este trabalho é uma espécie de desafio para mim.

— Bom, quando achar isto de menos, sempre pode vir a nos visitar uma temporada — lhe ofereceu Justin com um sorriso.

— Talvez algum dia — respondeu Tyler —. Eu gosto de meninos — acrescentou —; não me importaria ter alguns sobrinhos.

Diante desse comentário, Justin pareceu querer estrangulá-lo, e Shelby ficou sem graça. Tyler franziu o cenho sem entender a reação de nenhum dos dois, mas por sorte apareceram nesse instante Calhoun e Abby.

— Bonito casamento, não é? — disse Calhoun a Tyler. Com o braço em torno de sua esposa. Ela riu —. Não te dá vontade de seguir o exemplo de Shelby e Justin?

— Não, sinto vontade de tomar uma vacina contra esta epidemia... e rápido — murmurou o irmão de Shelby divertido.

— Um dia mudará de opinião, verá — assegurou Calhoun —. No final acabam nos jogando o laço no pescoço — acrescentou, esquivando um golpe de Abby —. Desculpe, carinho — disse enquanto a beijava no rosto —, já sabe que não falava a sério.

— Se quiser posso levá-lo ao aeroporto, Ty — disse Abby.

— Aluguei um carro, mas obrigado de qualquer maneira — respondeu o irmão de Shelby.

— Nós o acompanharemos até lá fora — disse Calhoun.

— Que seja muito feliz — desejou Tyler a sua irmã beijando-a de novo na bochecha.

— Assim espero — respondeu ela sorrindo para Justin.

Tyler assentiu, mas não parecia muito convencido, e quando saiu da paróquia com Calhoun e Abby havia um traço de séria preocupação em seu rosto.

O coquetel parecia sem fim para Shelby, e não podia sentir-se mais aliviada quando enfim foram para casa. Justin tinha pedido a Maria que preparasse o quarto de hóspedes. A anciã ficou muito sentida mas o duro olhar nos olhos de Justin lhe disse que era melhor não perguntar. Depois de tudo, compreendia mais do que ele acreditava. Sabia, tão bem como as demais pessoas que trabalhavam no rancho, que, apesar de seu despeito, Justin seguia sentindo certa debilidade por Shelby, e ao ter ficado ela sozinha e na pobreza não lhes tinha surpreendido que se casasse com ela. E o certo era que tampouco sentiria que de passagem aquela fora sua tão esperada vingança.

— Graças a Deus que se acabou — disse Justin cansado quando ficaram sozinhos na casa

Tirou a gravata, desabotoou o primeiro botão da camisa, e arregaçou as mangas.

Shelby deixou a bolsa na mesinha do vestibulo, tirou os sapatos de salto aliviada, massageando seus pés.

Justin a olhou e sorriu, mas se deu conta antes que ela pudesse perceber.

— Quer que saíamos para jantar ou prefere que fiquemos aqui?

— Tanto faz.

— Bom, suponho que seria um pouco chocante se fôssemos a um restaurante em nossa noite de núpcias, não é assim? — disse-lhe com um sorriso zombador.

— Claro, o estragaria por completo. Deus não permita que desfrute do dia de minhas bodas — espetou ela zangada. Deu-lhe as costas e começou a subir as escadas.

— De que diabos está falando? — inquiriu ele franzindo o cenho.

Shelby não se voltou para olhá-lo. Manteve-se com o olhar fixo no patamar superior.

— Não poderia ter expresso com mais clareza seus sentimentos. Sei que me odeia, Justin, que casou comigo por caridade, e também sei que parte de você ainda deseja me fazer pagar pelo que fiz.

Justin tinha aceso um cigarro, e estava fumando, apoiado no batente da porta do salão.

— É bastante duro que destroem seus sonhos, sabe? — repôs ele com frieza.

Shelby virou-se e o olhou nos olhos.

— Você não foi o único que tinha sonhos, Justin, eu te queria!

— E por isso me deixou jogado na sarjeta por esse menino milionário — resmungou ele.

Shelby acariciou o corrimão distraidamente.

— Que estranho que não me casasse com ele, não te parece? — perguntou-lhe em um tom casual —. Não diria que é muito estranho, quando estava tão desesperada por conseguir seu dinheiro?

Justin afastou um instante o cigarro de seus lábios.

— Suponho que te deixaria ao dar-se conta de que como homem não te interessava absolutamente.

— Eu nunca estive interessada nem nele, nem em seu dinheiro — particularizou Shelby —, minha família tinha mais que suficiente.

— Sinceramente? — perguntou Justin com um sorriso irônico. O que acreditava?, que era um idiota?, que não sabia que antes de morrer seu pai, fazia muito tempo que sua família tinha problemas financeiros?

— Por que se nega a me escutar? — murmurou ela —. Tentei explicar por que rompi o compromisso...

— É claro que sim que me explicou isso! Rompeu comigo porque não podia suportar minhas carícias... Mas eu já sabia isso muito antes — disse. Havia um brilho perigoso em seu olhar—. Soube quando me afastou na noite em que nos comprometemos — acrescentou com voz rouca —. Soube quando vi que estava tremendo como uma folha, com os olhos abertos como pratos. Faltou-lhe tempo para afastar-se de mim.

Shelby entreabriu os lábios ligeiramente.

— E você pensou que era porque me causa repulsa, é obvio — sugeriu ela tristemente.

— Que outra coisa eu poderia pensar? — replicou ele furioso — Não nasci ontem — deu a volta de novo —. Suba e troque-se. Jantaremos aqui. Não sei você, mas eu tenho fome.

Shelby queria haver dito a verdade, mas ele agia de um modo tão distante... Com um suspiro, deu meia volta e terminou de subir as escadas, perguntando-se como ia viveria com um homem com quem nem sequer podia justificar-se.

Jantaram juntos na cozinha. Maria tinha deixado algo no forno antes de partir com seu marido para a casa de uns parentes, Justin tinha terminado já seu prato de guisado com salada, e observava, recostado na cadeira Shelby cravando pensativa a alface com o garfo. Sentia-se culpado por como tinha resultado o dia, mas de certo modo tinha motivos para ter-se comportado como se comportou. Só estava tratando proteger-se, evitando sair ferido pela segunda vez. Seis anos atrás seu coração tinha ficado destroçado, e lhe incomodava voltar a sentir-se vulnerável, mas ver Shelby triste era ainda pior.

— Maldita seja, não faça essa cara — disse.

Ela elevou os olhos para ele, e Justin viu que seu olhar tornou-se totalmente apagado.

— Estou cansada — aduziu Shelby —. Se importa que suba a meu dormitório quando acabarmos de jantar?

— Sim, importa-me — respondeu ele mal-humorado, jogando o guardanapo sobre a mesa e acendendo um cigarro —. É nossa noite de núpcias.

Shelby riu com amargura.

— É. O que planejou? Lançar farpas a respeito de meu passado libertino?

Justin franziu o cenho. Nunca a tinha ouvido falar daquele modo, nem nesse tom. Estava comportando-se de uma forma desprezível com ela, e não era justo: tinha perdido a seu pai, seu lar, o estilo de vida ao que estava acostumada... inclusive a seu irmão, que tinha tido que deixá-la para trabalhar. Tinha aceito casar-se com ele porque necessitava de um pouco de segurança e tudo que tinha dado até o momento era verdadeiro inferno. Não queria que sofresse, mas muitas vezes não podia conter as palavras. As feridas eram muito profundas.

Suspirou com pesar e escrutinou o rosto de Shelby, recordando tempos melhores, mais felizes, aqueles tempos em que só de vê-la sorrir se sentia embriagado.

— Está certa de que quer continuar trabalhando? — perguntou-lhe para mudar de assunto.

— Sim, eu gostaria. — murmurou ela sem levantar a vista do prato —. Nunca antes tinha feito nada, exceto colaborar com instituições de caridade, e eu gosto.

— E de Barry Holman também? — perguntou Justin sem poder evitá-lo.

Shelby ficou em pé. Ainda usava a saia branca que usara na cerimônia, junto com uma blusa rosa pálido, e estava muito feminina e elegante. O cabelo comprido caía em cascata sobre

os ombros e Justin sentiu desejo de levantar-se também e agarrar dois punhados desses cachos entre seus dedos e beijá-la até que não pudesse manter-se em pé.

— O Sr. Holman é meu chefe, não meu amante — disse Shelby —. Não tenho nenhum amante.

Justin ficou em pé e avançou devagar para ela com os olhos entreabertos o corpo tenso pelos anos de desejo reprimido.

— Pois vai ter um a partir de hoje — disse bruscamente.

Shelby não se moveu. Não ia lhe dar a satisfação de fugir esbaforida. Levantou o queixo apesar de que os joelhos tremiam e o coração galopava. Tinha medo do ardor descontrolado! Que havia mostrado no passado, porque queria vingar-se e porque acreditava que ela tinha experiência, e embora tivesse se submetido àquela operação, sabia que podia doer muitíssimo.

Justin notou o temor em seus olhos.

— Está muito equivocada, carinho — disse —, totalmente equivocada. Nunca te faria mal na cama, nem me vingar de você, nem por nenhum outro motivo.

Shelby abafou um soluço, e começou a tremer o lábio inferior enquanto os olhos se enchiam de lágrimas

Justin a olhou surpreso por aquela reação, Shelby não o viu porque tinha abaixado a cabeça

— Talvez não pudesse evitá-lo — sussurrou ela.

— Shelby, de verdade, te dou medo? — inquiriu Justin com voz fraca.

Ela encolheu os ombros incomodada.

— Sim. Sinto muito.

— Também te dava medo ele...Wheelor?

Shelby abriu a boca para responder, mas desistiu de dar mais explicações porque, de que serviria? De qualquer forma não a escutaria. deu a volta e se dirigiu para a escada.

— Fugindo não se soluciona nada — espetou ele zangado.

— Tentar raciocinar contigo tampouco — replicou ela detendo-se ao pé da escada e virando-se para olhá-lo. Tinha os olhos brilhantes pelas lágrimas não derramadas e a raiva —. Me faça pagar o que te fiz. De qualquer modo já não tenho nada que me importe, não tenho nada a perder. Fique tranquilo, não vou humilhá-lo tendo um romance. Apesar do que pensa de mim, não morro para ter um homem a meu lado.

— Não importa o que me diga — respondeu ele —. Até uma pedra de gelo teria me dado mais calor que você aquela noite!

Shelby sentiu o impacto dessas palavras como facas na pele. Também pensava que era frígida?

— Talvez a Tom Wheelor dava mais... — lhe espetou.

A fúria acendeu os olhos negros de Justin, e foi até ela antes de controlar-se e deter-se uns passos.

— Boa noite, Justin. Obrigado por me dar um teto e um lugar onde viver — disse Shelby levantando o queixo.

Justin a seguiu com os olhos enquanto subia as escadas, entre zangado e arrependido por seu ataque de ira. Estava voltando a perdê-la... outra vez.

CAPÍTULO 4

Shelby tinha mantido esperanças de que Justin ainda a amasse, de que se casou com ela aquele dia porque ainda sentia algo por ela, não só por lástima, mas o dia do casamento a tinha convencido que, se tinha ficado nele alguma fresta daquele amor, desvaneceu-se por completo por causa da amargura dos últimos seis anos.

Não sabia como superar seus próprios temores e o ressentimento dele. Seu matrimônio parecia aos seus olhos tão vazio como tinha sido sua vida até então. Não haveria para ela um

bebê com o cabelo negro de Justin para criar, não fariam amor docemente às escuras, como tinha sonhado, não compartilhariam o gozo de construir uma vida juntos... Só teriam dormitórios separados, vidas separadas, e a sede de vingança dele.

Fora deprimida dormir a noite anterior, mas os dias que seguiram não foram melhores. Justin tolerava sua presença, mas quase sempre estava fora.

Durante as refeições lhe dirigia a palavra somente se era necessário, e nunca a tocava. Era como um anfitrião educado em vez de um marido.

Shelby estava começando a se sentir-se desesperada, Barry Holman tinha dado uns dias livres, para lua de mel, mas, que lua de mel podia esperar? No dia seguinte ao casamento, Justin tinha se despedido dela de um modo impessoal depois do café da manhã, e tinha partido diretamente a empresa. Shelby tratou de entreter-se, indo inclusive com a louca da Misty praticar esportes radicais, mas ao cabo de vários dias sentiu que nem sequer as emoções fortes a enchiam, e ligou para o escritório para saber como iam as coisas. Preocupava-se com o trabalho porque, era o único que a ajudava a não pensar em seu desastroso matrimônio e em seus problemas.

A secretária substituta, Tammy Lester, atendeu o telefone. Pelo tom entrecortado de sua voz era evidente que a pouca paciência do Sr. Holman estava deixando-a louca, assim Shelby colocou um vestido branco e vermelho e decidiu ir ao escritório.

O velho sedan quebrou no meio da estrada e teve que ligar para que o rebocassem até a oficina-concessionária de Jacobsville.

Uma vez ali, como se fosse coisa do destino, os olhos de Shelby pousaram sobre o pequeno carro esportivo que fora de Abby e esta tinha vendido ao concessionário. Vê-lo trouxe muitas lembranças. Ela tinha conduzido um muito parecido durante os seis meses mais escuros de sua vida, os meses que tinha passado na Suíça depois de devolver a Justin seu anel. Adorava aquele carro, mas tinha tido um acidente com ele e tinha ficado imprestável. Contra o que se pudesse pensar, o choque não a tinha feito, perder o entusiasmo pelos carros rápidos, e ali estava aquele, tentando-a. Sempre tinha gostado da sensação de liberdade que dava conduzir a toda velocidade pelas auto-estradas.

Como o concessionário sabia quem era, nem sequer requereu um aval, e combinaram o pagamento em vários parcelas que ela podia pagar de seu próprio salário.

Assim, Shelby saiu do concessionário conduzindo seu carro semi-novo, e ao estacioná-lo junto ao escritório e baixar-se, ficou admirando-o um bom momento, satisfeita. Estava encantada por poder pagá-lo sem ajuda de Justin. Até então tinha dependido sempre do dinheiro de seu pai, e poder ter independência econômica era muito satisfatório. Nesse momento deu um pouco de raiva ter-se precipitado a casar-se pelo medo de estar sozinha. Aspirava a algo mais na vida que ter um teto sob o que cobrir-se, mas isso já não aconteceria.

Quando entrou no escritório encontrou Barry Holman andando de lá para cá, enquanto a secretária soluçava. Ambos se voltaram para vê-la entrar. O que ocorre? — inquiriu deixando a bolsa sobre a mesa da secretária e sorrindo.

A garota chorou ainda mais ruidosamente.

— Não faz mais que criticar! — soluçou indicando Barry, que parecia furioso.

— Porque é uma incompetente! — espetou-lhe ele.

— Está bem, está bem... — tranqüilizou-os Shelby —. Me encarregarei de tudo. Tammy, por que não faz um café ao Sr. enquanto eu arrumo o que saiu errado? Depois a ensinarei a atualizar os arquivos para mantê-la ocupada, de acordo? Tammy sorriu, secando os olhos castanhos.

— De acordo.

Levantou-se para deixar o lugar para Shelby e foi à sala onde estava a máquina de café.

— Está de licença por sua lua de mel, Shelby não deveria estar aqui — disse seu chefe.

— Por que? Justin está trabalhando, não vejo por que não posso fazê-lo eu também.

— Bem... — murmurou ele franzindo o cenho

— Me diga o que há para fazer — ela o interrompeu. Não queria falar mais desse assunto.

O Sr. Holman estendeu dois relatórios feitos à mão e cheios de abreviaturas; que queria que fossem transcritos, e explicou que queria cinquenta cópias dirigidas a distintos destinatários.

— Simples, não é? — disse-lhe jogando os braços ao ar —. Pois fui dar isso para ela e ficou chorando como uma madalena — fez um gesto irritado com a cabeça para a porta que tinha saído Tammy.

Shelby também queria chorar. Suava cada vez que tinha que traduzir os garranchos do Sr. Holman, e todas aquelas abreviaturas legais eram um autêntico pesadelo.

— Até me perguntou para que servia isto — exclamou Barry tomando um disquete e mostrando-lhe a Shelby —. Acreditava que eram negativos!

Shelby teve que morder o lábio inferior para não rir.

— É que não tem conhecimentos de informática — a desculpou.

— Sim, mas isso não é desculpa para que não tenha cérebro — espetou ele exaltado.

A pobre Tammy entrou nesse momento com o café e ficou olhando-o com a boca aberta e as sobrancelhas franzidas, totalmente indignada.

— Isso é muito grosseiro e injusto por sua parte, Sr. Holman!

— Não lhe disseram na empresa de trabalho temporário que para este posto tinha que saber mexer num computador?—rugiu ele.

— Sim, disseram! — defendeu-se a garota —. Joguei com o Atari de meu irmão um par de vezes.

Então foi ao Sr. Holman que deu vontade de chorar. Apertou os dentes, resmungou algo incompreensível e entrou em seu escritório batendo a porta.

— Não disseram que teria que usar uma coisa destas — confessou Tammy a Shelby —. Perguntaram se tinha formação administrativa e a tenho..., mas não sei ler sânscrito — murmurou mostrando os garranchos de seu chefe.

Shelby pôs-se a rir. Era maravilhoso poder rir de novo. Deu graças mentalmente a Deus por seu trabalho, porque era tudo que podia ajudá-la a manter a lucidez casada com um homem que a detestava. Sacudiu a cabeça e se dispôs a explicar a Tammy como utilizar o programa. Depois do almoço, o Sr. Holman estava mais tranqüilo, e começava dar amostras de tolerar a secretária substituta. De fato nem sequer grunhiu quando Shelby sugeriu que não seria ruim efetivá-la porque o volume de trabalho aumentara nas últimas semanas. Quando finalizou sua jornada, Shelby subiu no flamejante carro esportivo e rumou para casa. Ao tomar a auto-estrada pisou no acelerador, encantada ao ver que ia como seda. Adorava a velocidade, o vento lhe despenteando o cabelo, e a maravilhosa sensação liberdade. A partir de então, prometeu-se a si mesma, ia desfrutar da vida.

Diante dela ia uma caminhonete bastante lenta, mas, em vez de diminuir a velocidade, Shelby pisou no acelerador e a ultrapassou, voltando-se para a outra faixa antes de que um carro branco que vinha em direção contrária se chocasse com ela. Pareceu-lhe familiar, mas não se incomodou em olhar pelo retrovisor quando o deixou atrás. Tomou o desvio, aumentando um pouco mais a velocidade. Não tinha vontade de voltar ainda a sua «cela» no rancho, ainda não.

Calhoun amaldiçoou entre dentes ao estacionar frente a empresa. Aquele carro que quase tinha se chocado com ele era o antigo esportivo de Abby, e era Shelby quem ia ao volante. Tinha-a visto em décimos de segundo, mas tinham bastado para reconhecê-la. Ia correndo como uma louca, como se desfrutasse a velocidade, e seu cabelo negro ondeava ao vento.

Entrou no escritório de Justin.

— Já é quase a hora de fechar — comentou, olhando seu Rolex —. Não sabia que retornava hoje de Montana.

— Sentia falta da Abby — respondeu Calhoun com um sorriso —. E falando de Abby... — acrescentou sentando-se mesa do escritório de seu irmão —. Agora há pouco quase tive um

acidente com uma selvagem que ia conduzindo seu antigo carro esporte. Ia ao menos a cento e vinte.

— OH, afinal o venderam?

— É claro que sim, não achava nenhuma graça que conduzisse um carro tão pouco seguro.

— Estou vendo — respondeu Justin repassando uns papéis —. Suponho que a mulher de algum outro tolo o terá comprado.

— Bem... deixarei passar essa de ter sido o primeiro tolo — respondeu Calhoun franzindo os lábios —, mas não acredito que achará graça quando souber que você é o outro.

Ao compreender a que se referia, Justin ficou petrificado.

— Está me dizendo que Shelby conduzia esse carro?

— Temo que sim — murmurou Calhoun, contraindo o rosto ante a fúria de seu irmão mais velho.

Justin não podia acreditar no que estava ouvindo. Sabia que Shelby não era feliz ao seu lado, mas estava tentando com todas suas forças evitar confrontos, ajudá-la a adaptar-se, e inclusive estava guardando distância, uma vez que tentava lhe ocultar sua frustração quando ela dava um coice cada vez que o via aparecer. Mas... comprar um carro esporte para tentar matar-se! Aquilo era demais. Levantou-se, agarrou o chapéu do mancebo e se deteve em frente à porta para perguntar a Calhoun:

— Sabe dizer se ela ia para casa?

— Não, ia na direção oposta — respondeu ele. Ficou olhando-o com os olhos entreabertos

—. Justin... as coisas entre vocês, não vão bem, não é?

Seu irmão o olhou furioso.

— Minha vida particular não é assunto seu.

Calhoun cruzou os braços com teimosia.

— Abby diz que Shelby deu de fazer muitas loucuras ultimamente, e que você não faz nada por detê-la. Sem ir muito longe, contou-me que no fim de semana passado foi fazer *rafting* com Misty... Está tão empenhado assim em vingar-se dela?

— Do modo como fala, até parece estar falando de uma suicida. — repôs Justin friamente —, e não o é.

— Se fosse feliz não iria por aí fazendo loucuras — insistiu seu irmão —. Tem que tentar deixar para trás o passado. Já é hora de que esqueça o que ocorreu.

— Para você é fácil dizê-lo — retrucou Justin com um olhar perigoso —. Me deixou por um tipo com o que se deitava enquanto saía comigo!

Calhoun ficou olhando-o de novo.

— Bom, talvez não tenha sido tão mulherengo como eu fui antes de passar pelo altar — disse —, mas tampouco se pode dizer que tenha sido um santo, irmão. E se Shelby não pudesse aceitar que tenha havido mulheres em seu passado?

— Estávamos comprometidos; era minha. Eu, como um imbecil, tive todo o tempo muito cuidado para não estragar nossa relação: apertava os dentes para conter meu desejo, para não assustá-la, porque cada vez que a tocava se afastava de mim... E logo me inteirei de que estava me enganando com esse mocinho rico desde o começo. Como acha que me sinto? — rugiu —. E ainda por cima teve a desfaçatez de me esfregar isso pela cara, me dizendo que eu era muito pobre para satisfazer seus caros gostos, que queria a alguém com dinheiro.

— Mas não se casou com o Wheeler, certo? — repôs Calhoun —. Conforme Tyler me contou, foi para a Europa e deu de fazer loucuras, igual a está fazendo agora. Teve um acidente na Suíça, Justin, em um carro como este — acrescentou — como o de Abby.

Justin o olhava entre horrorizado e incrédulo.

— Ninguém tinha me contado isso.

— Acaso escutou alguma vez a alguém que tentasse te falar um pouco sobre algo relacionado com os Jacobs? — replicou Calhoun —. Só faz uns meses que se acalmou o suficiente para que pudesse falar deles sem que você saltasse.

— Eu a queria — murmurou Justin —. Não pode imaginar como me senti quando rompeu nosso compromisso.

— Sim posso — respondeu Calhoun —. Estava lá, e sei pelo que passou, mas nunca parou para pensar que talvez ela tivesse uma razão para fazer o que fez. Tentou explicar isso em uma ocasião, mas você nem sequer quis escutá-la.

— O que terei que escutar? — cortou-o Justin perdendo a paciência —. Já tinha contado a verdade.

— Eu jamais acreditei que aquilo fosse a verdade — repôs Calhoun —. E você tampouco teria acreditado que era porque pela primeira vez em sua vida tinha apaixonado, e porque se sentia tremendamente inseguro, porque não se valorizava o suficiente para acreditar que uma garota como Shelby queria estar ao seu lado. Estava sempre preocupado pela possibilidade de perdê-la para outro homem... Inclusive para mim, lembra?

Justin não podia negar que ele estava dizendo a verdade. Sabia que tinha sido muito possessivo com relação à Shelby. Diabos, ainda o era, mas, como não ia sê-lo? Ela era preciosa e ele... ele...

— Sua forma de agir só a afasta de você Justin.

— E o que quer que faça, que a amarre e a tranque no porão? — espetou-lhe seu irmão com uma risada amarga —. Não posso fazer com que fique ao meu lado se ela não quiser. Demônios... nem sequer me deixa tocá-la. Quando tentei fazer amor na noite em que nos comprometemos, afastou-se de mim como se eu tivesse a peste — disse apartando a vista —. Ela tem medo de mim.

— E não parece curioso — murmurou Calhoun escolhendo cuidadosamente as palavras — que uma mulher que teve um amante tenha medo de sexo?

E antes que Justin pudesse responder, saiu da sala e deixou o escritório.

Ele ficou ali de pé, aniquilado pelas revelações de seu irmão, até que recordou a situação, e se deu conta de que tinham passado vários minutos. Calhoun o tinha distraído demais. E se tivesse acontecido alguma coisa a Shelby enquanto isso...? Não queria nem pensar.

Percorreu a estrada em uma e outra direção com seu carro, mas não viu sinal algum do carro esporte.

Mais tarde, quando chegou em casa, quase caiu de joelhos, aliviado, ao vê-lo estacionado em frente ao alpendre.

Inspirou profundamente antes de entrar, procurando controlar o tremor de suas mãos, tinha ficado com medo de encontrá-la em alguma sarjeta.

Shelby estava na cozinha conversando com Maria a respeito de uma receita.

Quando o ouviu entrar, elevou a vista, e então a risada e a animação se dissiparam de seu rosto, como se tivesse produzido de repente um eclipse.

— Troquei de carro — disse a Justin desafiante antes que ele pudesse dizer algo —. Você gostou? Era de Abby antes. Nem sequer me pediram um aval, e vou pagá-lo a prazo... de meu salário — esclareceu.

Justin lançou a Maria um olhar cujo significado ela conhecia muito bem, e se levantou imediatamente para deixá-los a sós. Justin sentou-se à cabeceira da mesa e acendeu um cigarro, recostando-se na cadeira para olhá-la fixamente.

— A última coisa que precisa é de um carro esporte, porque, conforme ouvi, dirige com muita velocidade.

Shelby escrutinou seus olhos negros, lendo a preocupação neles.

— Alguém me viu no carro esta tarde — adivinhou.

Justin assentiu com a cabeça.

— Calhoun — disse ele.

— Sim, pareceu-me que era ele — murmurou Shelby virando a fina aliança de ouro em seu dedo —. Não sou imprudente, é só que eu gosto de velocidade — disse incômoda.

— Pois eu não gosto de funerais — espetou ele —. E não tenho intenção de assistir ao seu, assim amanhã devolverá o carro ou eu o devolverei.

— É meu! — exclamou ela. Seus olhos verdes relampejaram de ira —, e não vou devolvê-lo!

— Não penso em discutir isto com você, carinho. Calhoun me disse que bateu um carro como o de Abby na Europa.

— Isso foi um acidente — se defendeu ela ruborizando-se.

— Pois aqui não terá nenhum — disse Justin —. Não vou deixar que se mate.

— Pelo amor de Deus, Justin, não sou uma suicida! — protestou ela.

— Não disse que era, mas pelo visto necessita de um pulso firme.

— Eu não sou Abby, Justin — espetou Shelby. Os doces traços de seu rosto se endureceram —. Não preciso de um tutor.

Ele não respondeu a isso, mas ficou olhando-a um bom momento em silêncio.

— E já que estamos falando disto... Tampouco eu gosto que trabalhe para Barry Holman.

A irritação estava tomando conta de Shelby. Era como se de repente sentisse que estavam tirando o controle de sua vida.

— Justin, eu não perguntei se você gostava ou não — recordou —. Antes de nos casarmos disse que queria continuar trabalhando.

— Aqui há muito que fazer. Pode se ocupar organizando as tarefas da casa. — Shelby o olhou indignada.

— Maria sabe muito bem o que terá que fazer. E antes que te ocorra sugeri-lo, não quero ficar em casa o dia todo de pijama ou com roupas de seda, dando festas um dia sim e outro também. Já tive bastante disso em minha vida.

— Eu acreditava que sentiria falta dessas coisas, essa época em que não tinha que mover um dedo.

Shelby suspirou.

— Meu pai me via só como um enfeite — confessou com tensão —. Ficaria furioso se tivesse tentado mudar essa imagem.

— Tinha-lhe medo? — inquiriu Justin franzindo o cenho ligeiramente.

— Considerava-me como algo de sua propriedade — elevou o olhar, e a surpreendeu ver curiosidade nos olhos negros dele —. Não era fácil viver com um homem como ele, e tinha formas bastante desagradáveis de ajustarmos as contas com Tyler ou nos ocorria desobedecer — explicou —. Você foi o segundo homem com quem me deixou sair, e o primeiro com o que podia ficar a sós — viu que se refletia surpresa no rosto dele —. Não acredita no que estou contando? — inquiriu rindo sem alegria —. O que acreditava? Que meu pai me permitia levar a vida de uma leviana? Aterrava-lhe a idéia de que pudesse me seduzir por um caça-dotes; nossa casa era para mim como uma jaula dourada.

Justin não podia acreditar no que estava ouvindo. Inclinou um pouco a cabeça e entreabriu os olhos.

— Importaria repetir isso? Diz que não tinha estado a sós com um homem até que saiu comigo?

Shelby assentiu com a cabeça.

— Não me atrevi a escapar da vigilância de meu pai até depois de romper nosso compromisso, quando fui para a Suíça — acrescentou com um sorriso triste —. Suponho que então a sensação de liberdade foi muita para mim, porque me descontrolei e fiz loucura atrás de loucura. Aquele carro esporte era como uma válvula de escape para mim, uma forma de celebrar essa liberdade recém encontrada... Não era minha intenção batê-lo.

— Machucou-se muito?

— Não, a verdade é que tive sorte, só quebrei a perna e um par de costelas.

— Não sabia que era tão controlada — murmurou Justin brandamente. Estava começando a compreender quão inocente ela tinha sido naquele tempo. Naquele tempo. Se como dizia, que só tinha saído com outro homem antes dele, era mais que provável que seu primeiro

contato com o sexo tivesse sido aquela noite com ele. Ao pensar naquilo, ficou tenso. Então, embora estivesse seguro de que era virgem, tinha pensado que teria ao menos alguma experiência, por pouca que fosse. Mas se como estava dizendo não tinha tido nenhuma, isso explicaria por que a tinha assustado seu ardor daquela maneira.

— Não podia falar destas coisas com você naquela época — confessou Shelby —. Era muito jovem, e terrivelmente ingênua.

Justin ficou olhando-a fixamente, como se estivesse hesitando entre acreditar ou não.

— Assustei você na noite em que nos comprometemos, não é? — perguntou-lhe de repente —. Foi por isso que se separou de mim...?, Não por que eu a repugnasse?

— Você nunca me repugnou! — exclamou Shelby, espantada de que pensasse algo assim —. OH, Justin, não...! Não acreditaria isso?

— Apenas nos conhecíamos, Shelby — disse ele com voz rouca —. Acho que tínhamos uma idéia equivocada do outro. Eu a via como a uma mulher elegante, sofisticada. Sabia que era inocente, mas pensei que tivesse tido alguma experiência com os homens. Se tivesse imaginado sequer por um momento o que disse, asseguro que não teria me mostrado tão exigente com você.

Shelby corou e afastou o olhar dele. Por que não podia encontrar as palavras? Era incrível que, apesar de que estivessem casados e de que ela tivesse vinte e sete anos, esse tipo de conversa a deixasse nervosa.

— Tive medo de que não pudesse parar — murmurou sem levantar a cabeça. Suspirou com pesar.

— Eu também — confessou inesperadamente —, fazia muito tempo que não estava com uma mulher.

— Nunca pensei que... — murmurou Shelby elevando a vista para ele —. Quero dizer, hoje em dia a sociedade é muito permissiva, ninguém veria mal que um homem solteiro...

— Pode ser que a sociedade seja permissiva, mas eu não o sou comigo mesmo — disse ele sem rodeios —. Um cavalheiro não sai por aí seduzindo virgens, nem se aproveita das mulheres inexperientes, e isso só sobram na lista as garotas fáceis — explicou —. E garanto, carinho, essas nunca foram meu tipo.

Os olhos verdes de Shelby percorreram os duros traços de Justin, detendo-se nos lábios.

— Mas imagino que não faltaram chances. — murmurou baixando os olhos.

— Tenho dinheiro, Shelby — recordou ele com cinismo —; é obvio que houve ocasiões — olhou-a, esperando ver o efeito do que ia admitir a seguir —. De fato, me apresentou uma no fim de semana passado, quando tive que ir ao Novo México, mesmo usando a aliança.

Shelby apertou os dentes. Não queria que ele se desse conta de que estava com ciúme, mas estava difícil ocultar um sentimento tão forte.

— E você... aceitou?

— É tão possessiva com relação a mim como sou com relação a você. — disse ele de repente. Os olhos de ambos se encontraram nesse momento, e foi como se saltassem faíscas —. Não acha engraçada a idéia de que outras mulheres se interessem por mim, não é certo, Shelby?

Ela assentiu incomodada, e Justin sorriu zombador enquanto acendia um cigarro.

— Se for para ficar mais tranqüila, rejeitei-a. Nunca te enganaria, carinho.

— Eu nunca pensei que pudesse me enganar... Assim como eu jamais enganaria você — respondeu ela.

— Se o que contou é verdade, e me apoiando nas duas semanas que temos de casados, isso seria quase inconcebível... Cada vez que me aproximo de você age como um cordeiro a ser sacrificado.

Shelby inspirou devagar, tentando manter a calma.

— Eu sei — respondeu envergonhada —. Sou consciente de meus defeitos, Justin, e acho que não acreditará, mas ninguém se sente tão culpada quanto eu do que aconteceu entre nós.

Justin franziu o cenho zangado consigo mesmo. Não pretendia deixá-la na defensiva. Seu orgulho saltava sem que pudesse evitá-lo, mas não queria seguir ferindo-a; já tinha ferido o bastante.

— Não era isso o que queria dizer... — murmurou cansado —. As coisas aconteceram como tiveram que acontecer. Isso é tudo. Destroçou meu orgulho, Shelby, e a gente demora muito tempo para recuperar-se de um golpe assim. De fato, acredito que ainda não o tenho feito.

— Eu também saí machucada daquilo — murmurou Shelby —; e sofri muito pelo que fiz a você.

— E então por que o fez?

Shelby fechou os olhos e contraiu o rosto.

— Fiz pelo seu bem — sussurrou.

Justin deixou escapar uma gargalhada de irritação.

— Ha, isso é novo... — apagou o cigarro pela metade e ficou de pé —. Me desculpe, mas tenho que rever uns papéis antes de que Maria sirva o jantar.

Entretanto, antes de sair da cozinha, deteve-se junto à cadeira onde ela estava sentada, observando como se retesava ao aproximar-se. Estendeu a mão, enredando os dedos em seus cabelos, e suavemente os jogou para trás para esquadrinhar seus olhos. Sua expressão não deixava dúvidas.

— Medo — resmungou —, isso é o que vejo em seus olhos cada vez que me aproximo de você. Mas calma, não a obrigarei a fazer esse sacrifício que teme, não estou tão desesperado.

Soltou-lhe o cabelo e se afastou zangado.

Shelby sentiu caírem as lágrimas, mas não fez nada para detê-las. Ele não sabia por que o temia, e tampouco sabia como explicar-lhe Como podia ter chegado a acreditar que o tinha rejeitado porque lhe repugnava? Nada mais distante da verdade. Ansiava fazer amor com ele, desesperadamente, mas queria que fosse terno com ela, que pudesse controlar-se, e pelo que recordava, não estava segura de que pudesse sê-lo.

CAPÍTULO 5

Shelby esperava que Justin não estivesse aborrecido na hora do jantar, mas para sua decepção não foi assim. Sentou-se à cabeceira da mesa, e pouco falaram.

Depois, saiu da cozinha sem dizer uma palavra, Shelby o viu subir as escadas com crescente desespero. Se pudesse ir atrás dele, rodeá-lo com seus braços e explicar como se sentia...! Mas, como ia fazer depois do ocorrido no passado?

A tristeza estava afogando-a e decidindo que não poderia agüentar mais levantou-se da mesa, pegou sua bolsa, entrou em seu pequeno carro esporte e saiu. Se Justin acreditava que ia passar resto da noite ali, sentada sentindo-se miserável estava muito enganado.

Ligou o carro e pegou a estrada, aumentando a velocidade aos poucos, deixando-se envolver pela sensação de liberdade que experimentava ao volante, deixando que o vento lhe desordenasse grosseiramente os cabelos.

Justin a odiava, mas aquilo não era nada novo. Fazia anos que a odiava; tinha-o ferido e nunca a perdoaria. Shelby não sabia por que tinha aceitado casar-se com ele: jamais funcionaria. Tinha sido uma idiota, e não podia culpar a ninguém mais de sua própria infelicidade.

Estava tão imersa em seus pensamentos, que não viu o sinal de pare até que estivesse quase em cima, e a buzina ensurdecidora de um caminhão fez que o sangue congelasse nas suas veias.

Um caminhão enorme vinha em sua direção na auto-estrada. Seu pequeno carro não era suficientemente rápido para passar aquele gigante na intercessão, e não estava segura de que o carro pudesse frear à velocidade em que ia.

Mesmo assim, com o coração na garganta, e a certeza de que ia morrer, pisou no freio com todas suas forças. O chiado dos pneus irrompeu o silêncio da noite, e o veículo se descontrolou, começando a girar sobre si mesmo como um peão. O pânico cravou suas garras em Shelby, que agarrou o volante impotente, e o carro saiu da estrada, caindo no barranco. Inclinou-se para o lado, como se estivesse bêbado, mas incrivelmente não caiu, e Shelby ficou sentada, aturdida, mas não ferida, embora sentisse um gosto amargo na garganta, e tudo dava voltas. Nesse momento ouviu-se o chiado de outro carro freando, seu ocupante abriu a porta e correu para ela.

— Shelby! — chamou-a uma voz angustiada, uma voz familiar... E distinta de como a recordava, porque soava rota, áspera, e trêmula —. Responda, maldita seja! Está bem?

Sentiu umas mãos grandes e fortes desabotoavam o cinto de segurança, para depois percorrer seu corpo com cuidado em busca de alguma ferida ou um osso quebrado.

— Está bem? — voltou a perguntar a voz. Finalmente os olhos de Shelby começaram a enfocar de novo, e viu que era Justin quem estava ao seu lado —. Dói em algum lugar? Pelo amor de Deus, minha vida, me responda!

— Estou... Estou bem — sussurrou enjoada —. A porta...

— Não consigo abri-la — respondeu Justin —. Eu tirarei você daí, fique calma...

Agachou-se, introduziu os braços por debaixo das axilas dela, e puxou para cima com cuidado, tirando-a do veículo com uma facilidade surpreendente. Quando teve os pés no chão, Shelby notou que cambaleava ligeiramente, ele a tomou nos braços com muita delicadeza para sair do barranco. O motorista do caminhão tinha parado a uns metros, e se aproximava deles. Pela expressão de seu rosto qualquer um pensaria que tinha tudo sob controle, mas os braços tremiam ao deixá-la no chão, sem chegar a soltá-la.

Shelby, que já estava um pouco menos enjoada, tinha-o notado trêmulo e, ao elevar a vista e olhá-lo nos olhos, ficou sem fôlego. Estava lívido, com um olhar de autêntico terror nos olhos negros, e após observá-la um instante que pareceu eterno, abraçou-a como se não fosse soltá-la nunca mais.

— Oh, meu Deus... — repetia uma e outra vez.

Shelby sabia que, enquanto vivesse, jamais poderia esquecer o horror em nos olhos dele. Colocou os braços em seu pescoço, embalando-o. Aquela reação a tinha fascinado. Nunca o tinha visto tão agitado, era como se uma brecha tivesse aberto em sua armadura.

— Estou bem, Justin — lhe assegurou em um sussurro. Afastou-se um pouco para olhá-lo aos olhos, atônita pela vulnerabilidade que refletiam. Tocou-lhe a boca, e seus dedos se deslizaram pela face até o cabelo negro —. Meu amor, estou bem, de verdade.

Tomou a cabeça de Justin entre suas mãos, e a atraiu para a sua e lhe plantou um beijo nos lábios, feliz de que não a rejeitasse, embora fosse porque não esperava. Durante vários segundos, foi um beijo doce, inocente, mas logo uma chama pareceu acender-se dentro dela, e apertou a boca com mais força contra a dele. Fazia anos da última vez que se beijaram de verdade, não como aquele beijo frio que Justin lhe tinha dado no casamento.

Shelby gemeu suavemente, Justin saiu do transe em que se encontrava, e respondeu a seu beijo avidamente. Somente quando o motorista do caminhão chegou junto deles, afastou, a contra gosto, seus lábios dos dela.

— Você está bem, senhorita? — perguntou ofegando pela corrida que deu —. Deus, por um momento acreditei que a tinha golpeado...!

— Ela está bem — respondeu Justin —, mas esse carro do demônio não estará quando pegar meu rifle.

O motorista do caminhão suspirou aliviado.

— Graças a Deus, ainda bem que reagiu rápido, senhorita — disse a Shelby admirado —, se não tivesse pisado no freio a tempo, agora estaria morta e a mim teriam que internar em um manicômio.

— Sinto muito — soluçou ela, caindo em si diante do que havia passado —, sinto-o tanto... Nem sequer o vi chegando...

O jovem caminhoneiro sacudiu a cabeça.

— Não se preocupe mais com isso, o importante é que não aconteceu nada. Está bem?

Shelby assentiu, forçando um sorriso trêmulo.

— Obrigado por parar para ver como estava. Não foi sua culpa.

— Mesmo assim não me sentiria bem se algo tivesse acontecido — respondeu o homem —. Bem, se você estiver bem seguirei meu caminho.

— Como disse minha esposa, obrigado por parar — disse Justin, estendendo a mão. O homem a apertou e foi embora.

Justin tomou Shelby de novo em seus braços, e a levou a seu Thunderbird, sentando-a com o maior cuidado em seu interior.

— Justin, e meu carro? Não vai chamar o guincho? Olhe que...?

Os olhos negros dele se cravaram nos dela.

— Ao inferno com esse carro maldito! — bradou irritado.

Fechou de um golpe a porta de Shelby e rodeou o carro para entrar também. Quando se sentou, agarrou o volante com tal força que os nós dos dedos ficaram, e ela soube que ele estava atormentado. Justin estava muito agitado, notava-se que precisava descarregar sua fúria sobre alguém, e depois de ter certeza de que ela estava bem, Shelby imaginava que estava preparando os canhões.

— Vá em frente!! — disse chorosa, procurando um lenço de papel no porta-luvas —, mereço todas as reprimendas que possa me jogar. Dirigia muito depressa e não prestei atenção ao sinal — assuou o nariz enquanto seguia rebuscando em vão —. Como chegou tão rápido?

Ele suspirou, e tirou do bolso da jaqueta um lenço imaculado de algodão que estendeu a ela.

— Segui você — explicou concisamente —. Ouvi o ruído de um motor arrancando, fui até janela e vi o carro afastando. Temi que fosse desabafar correndo pela auto-estrada... Como bem o fez, assim a segui — girou a cabeça para ela olhando-a zangado nos olhos —. Meu Deus, ao ver o carro girar e sair da estrada senti que estava pagando por pecados que nem sequer cometi.

Shelby podia imaginar quão terrível tinha sido para ele ver como se descontrolava o automóvel.

— Sinto muito — murmurou. Abraçou-se trêmula. Justin suspirou irritado.

— Sente-o... É tudo o que pode dizer, não é? — espetou-lhe —. Bem, pois pode ir se despedindo desse maldito carro. Seus dias de condutora temerária terminaram.

— Não tem direito a manipular em minha vida desse modo! — gritou-lhe Shelby com os lábios trêmulos e os dentes apertados —. Não é meu tutor!

— Não — repreendeu ele com um sorriso cruel —, é certo, sou seu marido, o marido de uma mulher santa e virginal que deixa que qualquer um, exceto eu, a toque.

Aquilo foi demais para Shelby. Pôs-se a chorar de novo com amargura, virando o rosto para o lado.

— Oh, não... — grunhiu Justin —, pelo amor de Deus, não chore, não suporto ver uma mulher chorar.

— Pois então não me olhe, maldito seja — espetou ela entre soluços.

Justin praguejou entre dentes. Sentia-se como se tivessem dado uma patada.

— Por favor, Shelby, pare de chorar. Não aconteceu nada, o importante é que não está ferida — disse em um tom de voz mais suave, mais comedido.

Acariciou-lhe o cabelo vacilante, e de repente, entre o manto de lembranças do que tinha ocorrido minutos antes, resplandeceu um gesto dela: tinha-lhe acariciado o rosto, sussurrando algo, e depois o tinha beijado para consolá-lo. O que era o que tinha sussurrado...?

— Chamou-me de «meu amor»... Antes, quando tirei você do carro — disse em voz alta aturdido ao recordar.

— Fiz isso? Deve ter sido pelo golpe — murmurou, assoando suavemente o nariz e secando os olhos —. Podemos ir para casa, Justin? Preciso beber algo forte que faça entrar a alma no corpo.

— E depois me... beijou — continuou ele. Não ia deixar que fugisse do assunto.

Shelby ficou pálida de repente e depois enrubescou.

— É que estava muito alterado e quis acalmá-lo — desculpou-se sem atrever-se a olhá-lo.

— Estive alterado outras vezes, e nunca me beijou, Shelby — replicou ele enquanto virava a chave no contato, com os olhos entreabertos —. De fato, nem sequer quando saíamos juntos jamais deu o primeiro passo.

— Acho que deixei a bolsa no carro — murmurou Shelby sobressaltada.

Justin suspirou ante aquela nova evasiva, mas colocou o braço sobre o encosto dela, e o tirou dali, colocando no regaço.

— Obrigado — murmurou ela.

— Encoste e descanse. Logo chegaremos em casa.

Shelby obedeceu e fechou os olhos, enquanto Justin voltou os olhos para a estrada de novo, pensativo.

Seria possível que tivesse estado equivocado todo o tempo? Até então tinha estado muito seguro de que ela o tinha rejeitado porque lhe causava repulsa, mas, como interpretar então a apaixonada pressão daqueles lábios tão quentes e ansiosos sobre os seus minutos atrás? Claro que ela tinha estado muito assustada naquele momento, e o medo produzia reações curiosas nas pessoas. Mas se a tinha preocupado ao ponto de beijá-lo para tranquilizá-lo, tinha que sentir algo por ele, pensava confuso.

Quando chegaram no rancho, estacionou em frente de casa e, mesmo com os protestos de Shelby, levou-a no colo até o quarto de hóspedes, e a colocou devagar sobre a cama, enquanto seus olhos se fixavam famintos no modo como aquele vestido vermelho e branco marcava cada curva de seu corpo. Não tinha o decote muito pronunciado, mas deixava entrever a parte superior de seus firmes seios.

Ao ver a tensão nos traços dele, Shelby franziu o cenho.

— O que foi?

— Nada — respondeu Justin erguendo-se —. Trate de tomar um banho e trocar-se. Depois a levarei ao médico para que a examine, para nos assegurar de que não tem lesões internas.

— Mas se eu já disse que estou bem! — exclamou ela.

— Você não é médico, Shelby, e eu tampouco. Teve um acidente e iremos a um, para que a examine. Tome logo esse banho e ponha algo que não seja muito... sexy — disse, como se estivesse irritado.

Shelby arqueou uma sobrancelha surpreendida e abriu a boca para dizer algo, mas Justin já tinha saído do quarto, fechando a porta atrás de si.

Shelby suspirou frustrada. Por que ele nunca levava em conta sua opinião? Por que tinha que ser sempre ele quem tomava as decisões? Sentia desejo de pegar algo e atirar no chão. Voltou a chorar, com raiva, mas apesar de tudo foi para o banheiro.

Quando saiu da banheira, mais calma, secou o cabelo, vestiu uma blusa branca, uma saia cinza, colocou um lenço cinza e vermelho no pescoço para dar um pouco de cor ao conjunto. Enquanto se vestia, lembrava as últimas palavras de Justin. Não entendia por que havia dito aquilo sobre não ficar muito sexy. Era absurdo, se ela quase nunca ficava nada que... A menos que... Podia ser que tivesse parecido sexy o vestido vermelho e branco que tinha usado antes?

Um sorriso tolo se desenhou em seu rosto. Era a primeira vez, desde que tinham se casado, que admitia sentir-se atraído por ela.

Aquele beijo tinha sido maravilhoso, e os lábios ainda faziam cócegas pelo contato com os dele. E então, de repente, Shelby percebeu por que tinha sido tão maravilhoso... Porque tinha sido ela quem tinha tomado a iniciativa! Franziu o cenho pensativa. E se...?

Mas suas reflexões foram interrompidas por uns golpes na porta. Quando abriu encontrou Justin esperando-a impaciente.

- Ainda não está pronta?
- Ia descer agora mesmo.
- Então, vamos.

No setor de Emergência do hospital o doutor Hays os atendeu, um médico jovem muito agradável, que parecia achar divertida a preocupação e a irritação de Justin.

— Terá dores musculares por alguns dias, Sra. Ballenger — disse depois de reconhecê-la —. Só mais uma coisa... Não está grávida, está? — perguntou-lhe. Pareceu-lhe curioso que ela ruborizasse e Justin olhasse para outro lado —. Quero dizer, o acidente poderia ter prejudicado ao...

— Não estou grávida — o interrompeu Shelby sobressaltada.

— Ah, bem, nesse caso não há porque preocupar-se. Darei um relaxante muscular se por acaso precisar para descansar bem esta noite. E também pode tomar um analgésico se tiver dores. E se necessitarem de mais alguma coisa, não hesitem em falar comigo.

Shelby e Justin apertaram sua mão, e agradeceram antes que o médico os acompanhasse até a recepção para pagar conta e que lhes entregassem os medicamentos.

Justin esteve muito calado durante todo o caminho para casa, e Shelby sabia por que: tinha sido aquela pergunta do médico sobre gravidez. Isso devia ter trazido à tona a situação pouco natural de sua convivência, e reavivado sua frustração.

— Tínhamos que ter dito que, se estivesse grávida, a Cegonha o teria anunciado como um milagre — resmungou enquanto estacionavam e apagava o motor.

Shelby optou por ignorar suas farpas. Estava muito cansada e dolorida para responder.

— O que aconteceu com meu carro? — perguntou-lhe —. Passamos o cruzamento e não estava ali. Chamou o guincho para que o levassem para a oficina?

Justin a olhou um instante, mas logo desviou o olhar.

— Não quer falar sobre isso, não é certo, Shelby?

— Sou frígida — murmurou ela enfasiada —, você o disse. Deixemos assim... a menos que queira o divórcio.

— O que quero é uma esposa de verdade, maldita seja — espetou ele com dureza —. E meninos, quero meninos, Shelby — acrescentou, em um tom que denotava uma certa vulnerabilidade.

Ela jogou a cabeça para trás no assento, e mordeu o lábio inferior.

— Provavelmente não acreditará, mas eu também quero tê-los, Justin.

Ele virou-se no assento para olhá-la.

— E como pensa fazê-lo sem ajuda?

Shelby apertou a bolsa entre suas mãos.

— É que... dá-me medo... — confessou em um fio de voz. Estava muito cansada até para mentir, para procurar desculpas.

Houve uma longa pausa.

— Bom, aprendi que dar a luz não é tão terrível como costumava a ser no passado — disse Justin —. E há remédios que podem aliviar os dores.

Shelby petrificada. Tinha entendido totalmente o contrário! Acreditava que tinha medo do parto! Ficou olhando para ele sem saber como explicar seu engano.

— E também não temos porque ter pressa... — insistiu Justin.

Havia virado a cabeça para a janela como se para ele também fosse embaraçoso tocar no assunto. A verdade era que sempre ficava sem jeito para tratar com alguém sobre temas tão íntimos. Sim, disse-se Shelby, de certa forma eram muito parecidos.

— Poderia pedir ao seu médico que receitasse «algo» para não ficar grávida, ou eu poderia usar «algo» quando... Não vou obrigá-la a ter filhos contra sua vontade.

Shelby ficou vermelha como um pimentão ao compreender que ele estava dizendo que não tinham que ter filhos ainda, mas sim, que podiam fazer «isso».

— Eu... — disse pigarreando —. Podemos entrar? Estou cansada e me dói tudo.

— Shelby, também me custa falar disto — murmurou ele —, mas queria que soubesse, eu gostaria que pensasse sobre isso, se for esse o motivo por não querer que eu a toque...

— Justin, por favor... — gemeu ela, escondendo o rosto entre as mãos.

Ele exalou um profundo suspiro.

— Sinto muito, não sei por que toquei no assunto — murmurou com amargura.

Saíram do carro, e caminharam em silêncio até a casa, cada um perdido em seus pensamentos.

— Vá deitar — disse Justin —. Quer que eu leve algo para comer?

— Não, obrigado — respondeu ela.

Deteve-se no pé da escada, e passou a mão ensimesmada pelo corrimão, como se não quisesse subir ainda. Elevou os olhos e olhou para Justin com uma mescla de desejo desesperado e vergonha.

— Não deveria ter me casado com você — murmurou com voz rouca —. Não queria fazê-lo infeliz.

A mandíbula de Justin enrijeceu.

— Eu tampouco pretendia fazê-la infeliz, mas é o que tenho feito.

Shelby ficou hesitando por um instante, sem saber se devia perguntar aquilo nesse momento.

— Não me disse o que aconteceu com meu carro. Vai devolvê-lo para mim, não é verdade?

— Se isso for o que quer... — respondeu ele elevando o queixo e franzindo os lábios —, sempre podemos convertê-lo em uma peça de arte moderna.

Shelby franziu o cenho sem compreender.

— O que quer dizer?

— Agora deve medir uns doze centímetros de largura e um metro e meio de comprimento. Acho que se colocarmos uma moldura ficaria muito bem na parede.

— Do que está falando? — exclamou Shelby zangada —. O que fez com ele?

— Chamei o velho Doyle para que o levasse.

Shelby ficou paralisada.

— Mas Doyle... tem um ferro-velho — murmurou.

— Exato — assentiu ele com um breve sorriso —, e tem uma máquina nova, que deixa os carros como se fossem papel para cigarros.

— Fez de propósito! — exclamou Shelby

Vermelho de raiva ele respondeu:

— Sim, maldita seja — replicou Justin com um brilho fuzilante nos olhos —, se houvesse devolvido à concessionária não poderia estar seguro de que não voltaria a comprá-lo. Deste modo, assegurei-me que não voltaria para por ele.

— Mas nem acabei de pagá-lo!

— Justin sorriu zombador.

— Estou seguro de que encontrará algum modo de explicar-se à companhia de seguros. Não sei, a pressão atmosférica? As tempestades...?

A princípio Shelby tinha pensado passar sem o relaxante muscular, mas quando subiu para seu quarto para deitar-se, furiosa ainda com Justin pelo que tinha feito, tinha todo o corpo

tenso, assim que tomou o comprimido com um pouco de água, colocou seu pijama de cetim, e enfiou-se sob os lençóis.

Minutos mais tarde dormia, então começou a sonhar: ia dirigindo a toda velocidade pelos Alpes, fazendo com destreza cada curva, quando de repente a estrada se cobria de gelo, o carro patinava, e ela perdia por completo o controle sobre o veículo. O carro rodava e rodava, precipitando-se montanha abaixo... O freio não funcionava e não podia fazer nada, exceto esperar o impacto e gritar...

Mãos fortes a sacudiram com delicadeza, levantando a do travesseiro.

— Shhh... Calma — disse uma voz masculina tranqüila... — Estava sonhando.

Shelby despertou por completo, como se alguém tivesse acionado um interruptor em seu cérebro. Justin a sustentava pelos ombros, e a observava preocupado

— O carro... — murmurou Shelby —. Estava rodando montanha abaixo...

— Estava sonhando, carinho — disse Justin afastando os desordenados cabelos das ardentes bochechas e os ombros —. Foi um sonho nada mais. Está a salvo.

— Sempre estive ao seu lado — respondeu ela involuntariamente, apoiando a cabeça em seu ombro. Exalou um profundo suspiro, sentindo-se relaxada e segura. Entretanto, ao mover a cabeça para acomodar-se melhor, notou que sua bochecha roçava não no tecido de uma camisa de pijama, mas na pele dele.

A luz estava acesa e Justin se sentou a seu lado na cama com o cabelo revoltado. Shelby conteve o fôlego enquanto se afastava devagar, confusa, mas voltou a respirar com normalidade quando viu que ao menos tinha colocado uma calça de pijama. Mesmo assim, a visão do musculoso torso nu, e do pêlo encaracolado estendendo-se por ele, até desaparecer sob o elástico da calça, era espetacular. Além disso, dava-lhe a impressão de que não usava nada debaixo, e a só idéia a fez sentir-se ameaçada.

Flexionou as pernas e abraçou os joelhos, apoiando o rosto contra elas.

— Acho que o que ocorreu hoje fez voltar para minha memória o acidente que tive na Suíça — murmurou —. A verdade é que se lembrava daquilo, mas bem pouco. Disseram-me que tive uma concussão cerebral e que o chamava todo o tempo, noite e dia... — disse sem pensar.

— A mim e não ao seu amante?

— Eu nunca tive um amante, Justin — replicou ela. Quantas vezes mais teria que negar essa acusação?

— E eu sou padre.

Justin se levantou e a olhou zangado. Estava preciosa com aquele pijama de cetim, e estava seguro de que não poderia deixar de pensar nela a noite toda.

A camisa era bastante decotada, e tinha permitido fixar um instante aquele tentador par de seus seios. Pareciam pequenos, mas perfeitamente formados a julgar pelo contorno que formavam sob o tecido. Esforçou-se para olhar para outro lado, porque estava começando a sentir um desejo irrefreável de descobri-los.

— Bem, é melhor que volte para a cama e tente dormir um pouco. Amanhã tenho uma entrevista no banco logo cedo.

Shelby o viu dirigir-se para a porta com profunda tristeza. O abismo entre eles se ia fazendo cada vez maior, e cada dia que passava o fazia mais infeliz.

— Obrigado por ter vindo saber se estava bem — murmurou. Justin deteve-se frente à porta com a mão no trinco, e disse sem voltar-se:

— Sei que preferiria morrer antes de fazê-lo, mas se voltar a ter outro pesadelo, pode vir para o meu dormitório — deixou escapar uma risada sem alegria —. E não tem que temer nada, não voltarei a me arriscar a que destrua meu orgulho: o gato escaldado foge da água.

E saiu, antes que ela pudesse responder. Shelby contraiu o rosto, doída por suas palavras. Por que não podia solucionar aquilo de uma vez? Tinha que dizer-lhe. «Pelo amor de Deus, Shelby! Aja como uma pessoa madura! Tem vinte e sete anos...» Decidida, levantou-se da

cama, acendeu a luz e se dirigiu para a porta. Tinha chegado o momento, Justin tinha que saber a verdade.

CAPÍTULO 6

Até chegar ao corredor, descalça, não lhe ocorreu que às três da madrugada não era o melhor momento para compartilhar segredos íntimos com um homem que levava semanas esperando ansioso a consumação de seu casamento. Ficou hesitando em frente à porta entreaberta do quarto dele. A luz estava acesa, mas o silêncio era absoluto. Tal como se estivesse dormindo.

— Não há ninguém aí dentro — disse uma voz a suas costas, sobressaltando-a.

Shelby virou-se, para encontrar Justin ali de pé, com um copo de uísque na mão.

— Pensei que tinha ido dormir. — murmurou.

— E o que você faz perambulando pelos corredores?

Shelby riu envergonhada, e um sorriso se desenhava involuntariamente nos lábios de Justin. Ficava preciosa quando ria. Não, ficava preciosa de qualquer modo.

— Veio porque quer dormir comigo? — aventurou Justin confuso.

— Bem, não é a única razão — balbuciou ela ruborizando-se. Elevou os olhos para o rosto dele, e logo voltou a baixar —. Sabia que ninguém me tinha beijado antes de você?

Justin piscou incrédulo.

— Veio me dizer isso às três da manhã?

— Bem... É que me parecia que era importante que soubesse — disse ela dando de ombros. Voltou a elevar a vista para ele, e seus olhos verdes fitaram com ar melancólico as duras feições, a boca, os músculos do tórax e o estômago...

— É incrível — murmurou com um suspiro, sem poder desviar o olhar do torso bronzeado.

— O que? — inquiriu ele franzindo o cenho, e observando um pouco perturbado pelo modo como o estava devorando com os olhos.

— Que não tenha que tirar às mulheres de seu quarto com o cabo de uma vassoura — respondeu ela distraidamente.

— Esse relaxante muscular... Tem efeitos colaterais? — inquiriu Justin arqueando as sobrancelhas. Não podia acreditar no que estava ouvindo.

Shelby riu suavemente.

— Posso dormir com você? A verdade é que ainda estou tremendo por dentro pelo susto. Quer dizer... — disse limpando a garganta —, se não se importar muito. Não quero piorar as coisas.

— Não acredito que possam ficar piores do que já estão — respondeu ele. Olhou-a nos olhos —. Tudo bem, vamos.

Shelby o seguiu ao dormitório, e subiu à cama enquanto ele sustentava os lençóis para que se deitasse.

— Posso ajustar o ar condicionado se quiser — lhe ofereceu Justin.

— Não, está bem — replicou ela —. Detesto dormir em um quarto muito quente, inclusive no inverno.

— Comigo também é assim. — admitiu ele, com um débil sorriso. Apagou a luz e se meteu na cama.

— Não vai... não vai tirar as calças, vai? — inquiriu Shelby agradecendo que na escuridão ele não pudesse vê-la enrubescer.

Justin pôs-se a rir.

— Por Deus, Shelby...

— Não ria de mim — murmurou ela ofendida.

— Eu sempre pensei que fosse uma garota sofisticada — confessou ele —, já sabe, uma dessas garotas liberadas que têm uma porção de homens a seus pés que bebem champanhe e exibem diamantes.

— Pois estava equivocado... — murmurou Shelby —. Até você aparecer, só tinha saído com um homem, e a única vez que tentou me beijar, meu pai deu-lhe uma bofetada. Estava obcecado me mantendo casta e pura até que encontrasse alguém a quem me vender, alguém que o fizesse ainda mais rico do que era. Mas claro, você não podia saber disso, porque acreditava que ele era um santo...

Justin acendeu a luz e a olhou fixamente, notando o rubor que tingia suas bochechas.

— Se importaria de apagar a luz, por favor? Não posso falar destas coisas com você me olhando.

Ele se limitou a sorrir divertido e fez o que ela pedia.

— Está bem, continue.

— Meu pai jamais quis que me casasse contigo, apesar do teatro que montou — explicou Shelby —. Queria que me casasse com Tom Wheelor porque ele também criava cavalos de corrida, e queria associar-se a ele.

— Desculpe. Mas, não acredito. — replicou ele. Como podia acreditar nessa história? Bass Jacobs o tinha ajudado a levar adiante seu negócio. Perguntou-se se ela estaria jogando com ele ao dizer aquilo. Shelby suspirou.

— Pois é a verdade. Estava decidido a te afundar e a nos separar, por isso inventou essa mentira de que eu estava apaixonada pelo Tom e queria me casar com ele.

— Você admitiu que dormia com ele — recordou Justin irritado —. E tinha me rejeitado aquela noite. Não necessitava mais provas.

— Mas não te rejeitei porque o achasse repulsivo — espetou ela.

— Ah, não?

E antes que Shelby pudesse dizer algo, virou-se para colocar-se em cima dela. Com um braço a atraiu para si, e procurou seus lábios na escuridão, beijando-os com rudeza. Shelby, assustada, elevou as mãos com raiva até seu peito para afastá-lo, e quando o joelho dele deslizou entre as dela, ficou rígida e lutou ainda com mais afinco.

Então Justin afastou-se sem dizer nada e desceu da cama. Shelby ouviu quando acionou o interruptor da parede, e quando o viu voltar-se para ela, seus olhos relampejavam furiosos.

— Saia daqui! — rugiu.

Shelby sabia que nada do que pudesse dizer o acalmaria, assim, desceu da cama, chorosa pedindo desculpas com o olhar, e obedeceu. Não olhou atrás. Fechou a porta brandamente atrás de si e, sem que as lágrimas deixassem de rolar por suas faces, desceu as escadas.

Ao chegar ao salão, acendeu a luz e foi ao bar para pegar uma garrafa de brandy. Serviu-se de uma taça e bebeu um grande gole.

Na casa reinava o mais absoluto silêncio, mas sua mente era um verdadeiro torvelinho. Por que ele não podia compreender que ao tratá-la com tão pouca delicadeza só conseguia assustá-la? E por que se negava sempre a escutá-la? Porque mais uma vez o rejeitara, essa era a razão, disse-se aflita. Mas, se não o tivesse afastado, se tivesse perdido o controle... Fechou os olhos espantada ante a idéia da dor que poderia ter experimentado, e estremeceu.

Foi sentar-se no sofá com as pernas tremendo, abaixou a cabeça, apoiando a testa na borda da taça. Com os olhos nublados pelas lágrimas, tomou mais um gole e outro e outro... Até que finalmente foi se acalmando.

Quando sentiu que não estava sozinha, nem sequer elevou a vista.

— Já sei que me odeia — murmurou sem forças —. Não precisava descer para me dizer isso.

Justin contraiu o rosto ao ver suas lágrimas e notar a angústia em sua voz. Havia tornado a feri-lo, mas não podia evitar sentir-se mal ao vê-la assim.

Sentou-se na beira da mesinha de café em frente a ela.

— Fiquei lá em cima, te chamando de todos os nomes ruins possíveis — lhe disse ao cabo de um minuto —, até que de repente recordei o que havia dito, a respeito de que nenhum homem tinha te beijado antes de mim.

— Tanto faz, você pensa que sou uma falsa — disse ela amargamente —, que me deitei com Tom.

— E lembrei algo mais... — murmurou Justin, ajoelhando-se na frente dela para poder olhá-la nos olhos —. Recordei que esta noite, quando tirei você do barranco... Beijou-me. Não parecia ter medo, e tampouco parecia te repugnar. Era porque... Porque foi você quem levava as rédeas?

Shelby suspirou profundamente. Finalmente Justin estava começando a compreender. Engoliu em seco e assentiu com a cabeça.

— Mas até agora eu sempre fui muito brusco quando tentei me aproximar de você... — prosseguiu ele.

Esperou outra confirmação.

— Sim, foi — murmurou ela ruborizando-se e fugindo seu intenso olhar.

— Então... Não se separa de mim por repulsa, mas sim por medo... Não de ficar grávida... Tem medo do ato em si — acertou por fim.

— Tome outro uísque por minha conta — murmurou Shelby com um humor forçado.

Justin suspirou, vendo como ela deslizava o polegar pela borda de sua taça quase vazia. Tirou-a das suas mãos e a colocou na mesinha.

— Levante-se.

Shelby elevou os olhos para ele sentida, mas fez o que ele pedia. Justin jogou-se no sofá.

— E agora sente-se aqui — indicou, dando um tapinha no vazio que tinha deixado.

Ela obedeceu, vacilante, perguntando-se o que ele pretendia. Justin tomou uma mão e a colocou sobre seu tórax.

— Pense nisto como parte do... Processo de aprendizagem — lhe disse.

Shelby deixou escapar um suave gemido, e procurou seus olhos.

— Mas você... Você não gosta que... — balbuciou recordando que no passado jamais a tinha incentivado a dar o primeiro passo.

— Esqueça de mim — disse ele —. Se agir deste modo faz com que você perca o medo, estou disposto a te dar vantagem.

Novas lágrimas subiram aos olhos de Shelby, teve que morder o lábio inferior para que parasse de tremer.

— Oh, Justin... — murmurou, emocionada por aquele gesto.

— Pode fazê-lo assim? — perguntou-lhe com ternura —. Se quiser, imagine que está fazendo amor comigo.

As lágrimas rolavam pelas faces dela, incapaz das conter por mais tempo.

— Queria dizer isso Justin, mas sentia vergonha... — soluçou.

— Está bem — a tranqüilizou ele —. Devia ter compreendido isso faz tempo. Não te farei mal, Shelby, eu jamais te faria mal...

Entre lágrimas, Shelby emitiu uma risada afogada. Tinha graça que no final tivesse tido que ser ele quem adivinhasse por si mesmo. Sorriu, e se inclinou insegura para beijá-lo.

Justin sentia que o coração ia estourar. Por que não tinha sido capaz de compreendê-lo até então? Obviamente Tom Wheelor lhe tinha feito mal, e por isso ela tinha medo de fazer amor com outros homens. Detestava a idéia de que aquele tipo tivesse sido seu amante, mas não podia suportar ver Shelby sofrer o resto de seus dias pelo modo como a tinha tratado. Tinham que começar a construir uma vida juntos de algum modo, e aquele parecia o mais indicado.

Afastou todo pensamento de sua mente e se concentrou, curioso, no tímido beijo de Shelby. Não, era evidente que não sabia beijar, disse-se esboçando um sorriso. Levava muito tempo de abstinência, mas antes de conhecê-la sua falta de atrativo jamais tinha sido um impedimento para atrair às mulheres. Sabia o que tinha que fazer para deixá-las loucas.

Como lhe tinha prometido, não a tocou. Ficou ali mudo, quieto, permitindo que a boca dela brincasse com a sua.

— Pode se aproximar mais — lhe disse —, não vou comê-la.

Shelby sorriu, e se inclinou para seu lado, com os seios apertados contra seu tórax, embora não se atrevesse ainda a entrelaçar as pernas com as dele. Os lábios tremiam ligeiramente quando o beijou de novo, mas Justin se manteve fiel a sua palavra e não tentou atraí-la para si, nem fazer o beijo mais íntimo.

As mãos de Shelby se enredaram no cabelo negro, e percorreu com os lábios cada traço de seu rosto. De seus lábios escapou uma risada; encantada como estava por descobrir quão doce era poder tomar a liberdade de acariciá-lo e beijá-lo.

Justin abriu os olhos e a olhou, surpreso.

— A que veio isso?

— É que... Se soubesse quanto tempo faz que queria fazer isto...

— Você poderia ter me dito há mais tempo — espetou ele.

— Não, não podia — replicou Shelby repassando a mão pelo vasto tórax —. É algo muito íntimo... — e então, de um modo impulsivo, agachou-se para roçar com seus lábios o esterno —. Oh, Justin... Como senti sua falta.

O tórax de Justin inchou com aquela carícia.

— Eu também sentia sua falta — murmurou com voz rouca —. Deus, Shelby, não posso...! — resmungou.

— Não é suficiente para você, não é? — inquiriu ela, vacilante, elevando o rosto — Sinto muito, temo que eu ainda não esteja preparada para isso. O desejo obscureceu o olhar dele.

— Quero te tocar — sussurrou —, quero tê-la deitada debaixo de mim e tirar a camisa do pijama.

Shelby estremeceu.

— Mas... Se perdesse o controle, ocorreria o mesmo que ocorreu antes — gemeu —, me assustarei.

— Juro por Deus que não perderei — assegurou Justin —, embora tenha que sair para uivar na escuridão.

Shelby riu, e acreditou nele. Aquilo ia ser mais difícil para ela: confiar nele. Engolindo em seco, deitou-se de costas, vendo como ele se colocava sobre ela.

— Dar sua confiança a outros é difícil, não é verdade? — murmurou Justin adivinhando seus pensamentos. A verdade era que a frase podia aplicar-se aos dois.

— Sim — assentiu ela —, mas já compreendi que não há mais remédio que arriscar-se. Antes de me deitar estava pensando em que poderia ter morrido naquele carro, e todos os problemas parecem tão insignificantes quando se está a ponto de morrer... O único em que podia pensar enquanto freava era em você, e no quanto me sentia triste por não ter construído lembranças felizes ao seu lado.

— Por isso veio a meu quarto? — perguntou-lhe com um sorriso.

— Não, não só por isso — respondeu ela estudando seus lábios —, tinha fome de você, e queria saber se poderia controlar meu medo, mas quando me agarrou, em seu quarto, desmoronei.

— Desta vez não serei brusco — prometeu Justin.

Inclinou a cabeça para roçar seus lábios e mordiscá-los com cuidado, até que ela o imitou. Quando notou que sua respiração estava começando a tornar-se um pouco entrecortada, ficou a desenhar arabescos invisíveis na camisa do pijama com os dedos.

Shelby ficou rígida um instante, mas ao ver que seus movimentos eram lentos e suaves relaxou de novo.

— Tudo bem? — perguntou-lhe Justin levantando a cabeça.

Shelby não poderia expressar com palavras o que aquela ternura significava para ela. Assentiu com a cabeça e sorriu.

Justin baixou o olhar para seus seios, e observou como ficavam seus mamilos quando os acariciava. Em seguida a escutou gemer suavemente e notou que estremecia. Gostou daquela reação, assim o repetiu, e ela se arqueou para ele como um gato.

— Sinto-me... Estranha — murmurou Shelby —, trêmula.

— Eu também — sussurrou Justin. Beijou-a docemente até que ela abriu a boca para lhe dar acesso.

— Quer que diga o que vou fazer agora?

O coração de Shelby começou a pulsar como um louco, mas voltou a assentir com a cabeça.

— Vou desabotoar a camisa — disse Justin, e começou a tirar, um após o outro, cada botão de sua casa.

Quando estava totalmente desabotoada, Justin a abriu por baixo, mas deixando ainda cobertos seus seios, a olhou nos olhos, e viu refletidos neles seu acanhamento, mas também uma crescente excitação que não podia ocultar.

— Tem os peitos pequenos — sussurrou correndo a mão por uma de suas curvas, — Eu gosto das mulheres com os peitos pequenos.

Shelby estremeceu, e gemeu maravilhada enquanto ele os acariciava com maestria, evitando sempre o mamilo endurecido.

— Sim, você gosta disso, não é? — murmurou contra seus lábios.

Voltou a lhe acariciar os seios, mas dessa vez não se deteve ao chegar aos mamilos, mas sim abriu as palmas das mãos e as apertou contra aquelas cálidas cúpulas.

Shelby emitiu um profundo gemido que surpreendeu a ela mesma, porque engoliu saliva e umedeceu os lábios com a língua.

— Comporta-se... Como uma virgem — sussurrou Justin.

Finalmente, afastou sensualmente o resto do tecido e se afastou um pouco para admirá-los. Aqueles montículos cremosos de auréolas rosadas estavam modelados tão estranhamente, que por um momento ficou sem respiração.

— De verdade não se importa que sejam... Pequenos? — escutou-se perguntar Shelby,

— Deus, claro que não — foi a resposta imediata dele —. Se importaria que os beijasse?

Shelby se ruborizou profusamente, mas sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não.

Justin lhe devolveu o sorriso e abaixou a cabeça. Shelby arqueou-se ao sentir o contato daqueles lábios em seus seios, dizendo-se que, em toda sua vida, jamais tinha imaginado que pudesse experimentar um prazer semelhante ao ser acariciada. Afundou os dedos em seu cabelo e o manteve apertado contra seu corpo, trêmula. Suspirou e gemeu, e seus olhos se encheram de lágrimas de felicidade.

Justin notou sua reação, e compreendeu imediatamente a razão. Era o sinal que tinha estado esperando. Suas grandes mãos descenderam para os quadris de Shelby e seguiram baixando até chegar ao ventre.

Ele estava tirando a calça do pijama com tanta sensualidade e destreza que não lhe importou absolutamente, e tampouco se sentiu ameaçada. Adorava o contraste áspero de suas mãos com a suavidade de sua pele.

Tomou um de seus seios na boca e sugou, até fazê-la gemer de prazer outra vez. De repente Shelby viu-se subindo e baixando as mãos pelos musculosos braços, atraindo-o mais para si, sussurrando, rogando que lhe desse algo sem saber muito bem o que era. Mordeu-lhe o ombro, e quando Justin elevou a cabeça e a olhou, Shelby assim que pode vê-lo, viu que seus olhos estavam nublados pelo desejo que ele tinha despertado pouco a pouco nela. Pareceu-lhe que sorria antes de voltar a reclamar seus lábios, e então sentiu que invadia sua boca com a língua em apostas lentas e deliciosas, soube que seu corpo vibrava debaixo do dele.

Rodeou-lhe o pescoço com os braços e o apertou contra si deleitando-se nos duros contornos de seu corpo e o calor que se gerava ao estar pele contra pele, seus sentidos

registraram vagamente o fato de que ele já não tinha a calça do pijama, mas o tato de seu corpo nu era tão excitante que verdadeiramente não queria que se detivesse.

— Vai acontecer... Agora — sussurrou Justin. Introduziu o joelho entre suas largas pernas, sentindo-a tremer—. Não te farei mal, Shelby e tampouco a pressionarei. Em qualquer momento pode me pedir para parar. Vou fazer isto com tanta doçura que não terá nenhum medo. Fique quieta e confie em mim... Só uns segundos mais.

Shelby estava tremendo, e notava que ele também, mas nunca tinha desejado nada com tanta intensidade como aquilo. Estava compartilhando o momento mais íntimo de sua vida com Justin, com seu marido, com o homem que amava mais que tudo no mundo. Mostrava-se tão paciente, tão terno, que queria entregar-se a ele de corpo e alma.

— Justin... — sussurrou-lhe ansiosa, observando como se retesavam suas feições.

Ao notar o primeiro contato, Shelby deu um pequeno pulo.

— Shh... — tranqüilizou-a ele, e sorriu, forçando-se a controlar-se —. Vou estar dependente de suas reações — murmurou contra seus lábios —, assim no momento em que sentir a mínima dor, saberei.

Tinham deixado as luzes acesas, mas tudo que Shelby podia ver era o rosto de Justin. No silêncio da noite escutava sua respiração entrecortada, ofegante. Entretanto, não estava assustada, nem sequer pelo peso de seu corpo. Mas então a dor lhe sobreveio como uma faca ao vermelho vivo. Gritou, e as lágrimas rolaram sem poder contê-las por suas faces.

Justin tinha ficado quieto como convertido em pedra. Entreabriu os lábios e a olhou incrédulo. Moveu-se de novo, e viu que Shelby apertava os dentes.

— Sinto-o — soluçou ela —, não pare... Está bem, acredito que posso... suportá-lo.

— Deus do céu!

Justin se retirou, estremecendo-se violentamente.

— Justin... Não tinha... Não tinha por que parar — murmurou ela.

Mas ele não estava escutando-a. Esticou a mão para alcançar seu copo de uísque, mas as mãos tremiam de tal modo que quase derramou o conteúdo antes que chegasse a sua boca.

Ficou em pé, e Shelby afastou o olhar pudico de sua masculinidade ereta.

— Sinto muito, Shelby — disse Justin.

Agachou-se para recolher a calça do pijama e depois foi para junto dela, tomou em seus braços e se sentou de novo no sofá com ela em cima, embalando-a e lhe sussurrando palavras que a acalmassem enquanto as lágrimas seguiam caindo.

Quando o pranto parou, Justin secou seu rosto. A bochecha de Shelby descansava contra o tórax de Justin, enquanto que seus seios estavam suaves e apertados contra o estômago dele.

— É minha esposa, Shelby — sussurrou Justin ao sobressalto —, não há mal nenhum que eu a veja sem roupa.

— Sinto muito — murmurou ela —, suponho que tenha razão. É que isto é... Novo para mim.

— Sei — respondeu Justin sorrindo —. Minha esposa virgem... — murmurou acariciando-lhe suavemente os seios —. Oh, Shelby, Shelby...!

— Eu... O doutor Sims fez uma pequena cirurgia, mas só de modo parcial — lhe explicou —. Mas acho que não foi suficiente — disse, ficando vermelha como um pimentão.

— E por que não deixou que fizesse a operação completa?

— Para poder provar que não tinha dormido com Tom — respondeu ela.

— Meu Deus! — murmurou ele tomando-a pelo queixo para que o olhasse nos olhos —. Meu Deus, não quero nem pensar no que teria ocorrido se não me tivesse detido lá no quarto, ou agora, faz um momento.

— Teria deixado de doer, Justin, pode estar seguro... — murmurou ela com timidez.

— Droga! — exclamou ele suspirando com pesar —. Fui um bruto, Shelby, por não querer escutá-la. Temo que não vá achar graça, mas deveria ir outra vez a seu médico para que ele acabe de fazer essa operação.

— Mas...

— Um pouco de dor é uma coisa, mas o que tem aí é... — notou que ela estava bastante incômoda falando do assunto, assim a abraçou e lhe disse —. Coloque a roupa. Servirei a você um pouco de brandy.

Shelby levantou-se e vestiu-se. Sentia as faces ardendo. Nunca tinha imaginado que a intimidade entre um homem e uma mulher fosse assim. Estava contente apesar do susto e do medo, porque tinha descoberto que Justin era capaz de controlar-se, era paciente e controlado quando queria sê-lo.

— Shelby — disse ele de repente —, por que não tinha contado nada disto?

— E como ia fazê-lo? — respondeu ela com um suspiro —. Oh, Justin, tenho vinte e sete anos e estou tão verde como uma adolescente... Nem sequer posso falar disto com você agora sem me ruborizar.

— Eu acreditava que me achava repulsivo — murmurou ele —. Nunca pensei... Sim, se tivesse sabido disto não teria tratado você como a tratei até agora. Eu... Doía-me tanto pensar que me tivesse enganado com outro homem... E quando você me rechaçava eu me sentia mal.

— Bem, ao menos agora sabe por que me afastava de você.

Justin a olhou nos olhos por um longo momento.

— Deus, desejo-a tanto...!

— Eu também o desejo, Justin — murmurou ela baixando a vista para o tapete.

— Pois então solucionemos isto: vá ver o doutor Sims, faça essa operação, tenhamos um casamento de verdade, o tipo de casamento no qual duas pessoas dormem juntas e têm filhos.

Shelby voltou a ruborizar-se, mas obrigou-se a elevar a vista para ele.

— De verdade quer que tenhamos filhos?

— Sim, quero-os ter com você, com ninguém mais.

— Então não terei que tomar... Nada.

— Não — respondeu Justin esboçando um sorriso.

Shelby ficou ali de pé incômoda, sem saber como lhe dizer o que queria dizer.

— Suponho que não seria uma boa idéia que dormíssemos juntos depois disto, não é? — murmurou esperançosa de que ele dissesse que não, que poderiam dormir juntos.

— Talvez não seja o mais sensato, mas vamos dormir juntos — respondeu Justin —. Embora não façamos amor, posso te abraçar enquanto dorme.

— Justin, eu... Queria pedir perdão por tantas coisas — Shelby suspirou aliviada.

— Eu também, Shelby — respondeu ele inclinando-se para beijá-la suavemente —, mas acho que o melhor será que deixemos que as coisas caminhem pouco a pouco. Não voltarei a pressioná-la.

— Obrigado.

Justin apagou a luz e subiram juntos ao seu dormitório.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou-lhe quando já estavam na cama, com ela enroscada em seu corpo —. Não estou machucando você?

— Não — sussurrou ela na escuridão.

— E também não a assustei? — insistiu ele preocupado.

— Não, Justin, foi muito doce — ela o tranqüilizou esfregando sua bochecha contra o peito dele.

— Assim deveria fazer-se sempre o amor — disse Justin —, mas sou um homem apaixonado, Sra. Ballenger, e estou em abstinência há muito tempo.

— Uns meses? — perguntou Shelby com um meio sorriso.

— Um... um pouco mais — respondeu ele beijando-a na testa —. Uns seis anos.

— Céus! Nunca tinha imaginado que... — balbuciou Shelby surpreendida —. Justin, eu...

— Shhh... Anda, durma, tem que descansar. Voltou a beijá-la, e a atraiu mais para si.

CAPÍTULO 7

Justin mal podia acreditar quando despertou na manhã seguinte e viu Shelby a seu lado na cama. Estava tão acostumado a que os sonhos com ela terminassem ao amanhecer... Mas ali estava, dormida, com a longa cabeleira de azeviche espalhada sobre o travesseiro, seus finos traços, e os lábios entreabertos, tão doces e tentadores.

Ficou um longo momento ali, deitado junto a ela, observando-a. Havia se sentido muito só sem ela... E unicamente nesse momento se dava conta de até que ponto tinha sentido sua falta. Durante o tempo que estiveram saindo, gostava de imaginar-se assim na cama com Shelby, vendo-a dormir placidamente. Ela não podia imaginar quanto significava para ele, nem que a noite anterior tinha sido para ele uma tremenda revelação, a culminação das esperanças que tanto tempo tinha estado abrigando, mesmo que não tinham acabado o que começaram. Além disso, ter descoberto que era virgem, tinha-o surpreendido, nunca o tinha enganado, nem com Tom Wheeler, nem com ninguém.

Inclinou-se para beijá-la suavemente nos lábios, Shelby piscou e abriu os olhos, piscando-os pela do sol. Bocejou ligeiramente e sorriu.

— Bom dia.

— Bom dia — respondeu ele beijando-a de novo — Dormiu bem?

— Nunca tinha dormido tão bem em toda minha vida. E você?

— Eu tampouco — disse Justin, cobrindo-a com o lençol —. Fique na cama e descanse. Não tem que levantar ainda.

— Vai à empresa tão cedo? — inquiriu ela, dando uma olhada no relógio.

— Tenho que pegar um avião para Dallas, carinho — explicou ele levantando-se —. Encontrarei com um novo cliente, mas estarei de volta à noite.

— Pois eu não tenho que estar no escritório até as nove — disse ela com um sorriso.

— Pois eu preferiria que não tivesse que ir absolutamente — repôs ele franzindo o cenho.

— Justin, eu gosto de meu trabalho — protestou ela com uma careta.

— Sim, mas eu não gosto nada de Barry Holman — murmurou Justin.

— Pode ser que seja um Don Juan, mas comigo se comporta sempre muito corretamente — lhe assegurou Shelby —. Além disso, é um bom homem, de verdade.

Justin virou-se, não queria que lesse em seu rosto quão ciumento estava de seu atraente chefe.

— Bom, vou tomar uma ducha.

Shelby ficou olhando-o enquanto procurava roupa de baixo em uma das gavetas do armário e se dirigia para o banheiro, devorando seu torso nu com os olhos. O que acontecera na noite anterior lhe parecia nesse momento tão irreal... Ruborizou-se ao recordar, mas Justin não viu porque tinha entrado banheiro.

Deitou-se de novo, quando despertou ele estava já vestido com um terno cinza claro que marcava cada músculo de seu corpo, e se encontrava nesse instante colocando a gravata em frente ao espelho.

Enquanto o olhava, recordou tudo o que tinham feito na noite anterior e enrubescou mais uma vez.

— Está corada?... — murmurou Justin divertido. Adorava essas reações dela —. Aposto como está pensando na noite anterior e se soubesse o que estou pensando, se esconderia debaixo da cama.

— E não perderia a aposta, lhe asseguro — respondeu ela rindo-se —. Oh, Justin! — sussurrou ruborizando ainda mais pelas lembranças, cobrindo o rosto com as mãos.

Ele se sentou a seu lado na cama e a abraçou. Shelby, com a cabeça apoiada em seu peito, inspirou profundamente, inalando sua colônia.

— Tem certeza de que quer ir trabalhar? — perguntou-lhe Justin, tomando-a pelo queixo para que o olhasse nos olhos —. O médico disse que talvez fosse melhor fazer repouso.

— Estou bem. Levei um bom susto, mas depois de ter descansado parece que as dores desapareceram.

— Eu também levei um bom susto — murmurou Justin —, graças a você tenho mais cabelos brancos esta manhã.

Shelby elevou a mão para pentear com os dedos seus cabelos, afundando-os entre as mechas sobre a fronte, onde as primeiras começavam a aparecer na farta cabeleira negra.

— Shelby... — disse Justin de repente. Ela sentiu imediatamente que a calma em sua voz era enganosa —, por que mentiu a respeito de Wheelor? Não teria bastado romper nosso compromisso sem ter que ferir também meu orgulho?

Aí estava de novo, pensou Shelby, o ressentimento voltava a aparecer. Acaso não ia perdoá-la jamais pelo ocorrido, nem depois de comprovar por si mesmo que não o tinha traído? De repente começou a perguntar-se se talvez ele apenas a desejava fisicamente, e se não poderia haver nunca nada mais que isso. Ela queria que a amasse, a paixão não era suficiente. A tristeza fez seus olhos umedecerem. A sorte que a tinha abraçado na noite anterior estava derrubando-se como um castelo de cartas. Fechou os olhos e exalou um suspiro de aborrecimento e frustração.

— Já lhe disse isso ontem à noite, foi idéia de meu pai.

— Isso não me convence, Shelby. Ele me apreciava... Ajudou-me muitíssimo. Inclusive chorava na noite em que veio para ver-me com Wheelor...

Shelby o olhou nos olhos.

— Tudo isto se reduz a uma questão de confiança, Justin, e sei que você continua sem confiar em mim. Tampouco é do todo culpa sua — se apressou a acrescentar —, porque eu piorei as coisas ao mentir, mas se pudesse ao menos me dar um voto de confiança...

A mandíbula de Justin ficou tensa.

— Não posso — murmurou. Soltou-a e ficou em pé —. Eu ainda te desejo, e você sabe, mas não posso voltar a abrir meu coração para você. Quem traiu uma vez pode voltar a fazê-lo.

— Eu não te traí, você mesmo comprovou que ainda sou virgem — recordou ela incomodada.

— Não referia a isso: mentiu-me, deixou-me largado — inspirou profundamente e tirou um maço de cigarros da jaqueta —. Nem sequer agora posso estar seguro de que não vai me deixar de lado de novo por seu chefe. Está claro que ele não necessitaria que respirasse muito para lançar-se, e além do mais não é nada feio, não é certo?

— Você não é feio.

— Que curioso que tenha dado conta tão rápido de que estava falando de mim...! — espetou-lhe ele zangado —. Não se meta em problemas enquanto estiver fora — lhe disse, jogando lançando as chaves do Thunderbird — tome cuidado com meu carro.

— Não tocarei em seu prezado carro se não quer — murmurou Shelby irada —. Tomarei um táxi para que todo mundo em Jacobsville comente.

Ficaram um bom momento desafiando um ao outro com o olhar, mas de repente Shelby observou que os lábios de Justin se arqueavam ligeiramente, para dar espaço a um sorriso maroto, e a seguir explodiu em gargalhadas.

— Bruxa — resmungou divertido.

— Selvagem — espetou ela.

Justin avançou para a cama como um animal avança para a presa. Shelby tinha jogado para o lado os lençóis, e tratou de virar para o outro lado da cama, mas ele foi mais rápido, e em um instante a teve aprisionada sob seu forte corpo, sem poder escapar. Ela se remexeu entre risadas.

— Isso, lute — a animou Justin divertido, mas o joelho dela roçou em sua virilha e deixou escapar um gemido afogado —. Deus, Shelby...

Ela ficou quieta, vermelha como um tomate.

— Bem, tampouco é para ficar assim— alfinetou Justin —. Ontem à noite viu como me excita, e agora que não estamos pele contra pele...

— Justin, pare já! — ela riu de novo, ocultando o rosto no pescoço dele.

— É como uma menina — murmurou ele com ternura e virou de modo que ela ficasse em cima dele —. Melhor assim? — perguntou-lhe. Para ele certamente era melhor, já que lhe oferecia uma boa visão do decote do pijama.

— É um homem horrível — brincou Shelby fazendo graça.

— Sou — assentiu ele. Tomou uma mecha entre seus dedos e a fez abaixar a cabeça. Atraindo-a suavemente.

— Beije-me.

— Vou amassar sua roupa...

— Tanto faz, tenho dúzias de trajes mais engomados no armário, mas agora quero que me beije, e já, porque tenho que tomar esse avião.

Shelby mexeu-se divertida, a discussão que tinham tido fazia um momento ficou esquecida assim que seus lábios se fundiram com os dele. Justin deslizou uma mão entre seus cabelos, e a tomou pela nuca para aproximá-la ainda mais enquanto aprofundava o beijo.

— Depois que fizer a operação teremos que esperar ao menos uns dias antes de retomar o que começamos ontem à noite, assim não vá ficar imaginado coisas e ficar nervosa, de acordo? — disse-lhe Justin olhando-a nos olhos —. Não pressionarei, será como você quiser que seja.

Shelby o beijou, primeiro em uma pálpebra e depois na outra com adoração. Queria sussurrar que o amava mais que a sua própria vida, que tudo o que tinha feito, fizera para apenas para protegê-lo, mas sabia que ele ainda não tinha recuperado a confiança nela. Teria que ir aos poucos.

— Acreditaria se dissesse que já não tenho medo? — murmurou.

— Carinho, como não vou acreditar na posição em que estamos?

— O quê? Justin!

Ele riu e tornou a fazê-los rolar sobre o colchão ficando de novo sobre ela.

— Nesta posição... — disse-lhe beijando-a sensualmente —. Beije-me para que eu possa partir.

— Já beijei... várias vezes — sussurrou Shelby sublinhando cada palavra com um beijo.

— Pois faça-o mais, até que sinta que minhas pernas podem me sustentar de novo.

Shelby riu, e depois de rodear seu pescoço com os braços mordeu seu lábio inferior com doçura.

— Agora é meu — disse olhando-o nos olhos —, assim nem pense sair por aí flertando com outras.

Justin sorriu, encantado com aquele ataque de possessividade. Voltou a tomá-la pela nuca, e lhe deu um beijo longo e profundo, tendo que obrigar-se a ficar em pé para poder parar.

— Será melhor que eu parta antes de fundir meus neurônios — brincou sem poder afastar a vista dela. Shelby fugiu envergonhada de seu olhar —. Teria deixado que eu seguisse adiante, não é? — perguntou-lhe de repente em voz fraca —. Mesmo sabendo que poderia doer muito... não me deteria.

— Queria que soubesse a verdade — murmurou ela.

— Foi muito valente — acrescentou Justin olhando-a com admiração. Ficou um momento em silêncio, como se não quisesse deixá-la, mas depois de dar uma olhada em seu relógio de pulso, suspirou e disse —. Tenho que ir agora.

Shelby se recompôs enquanto ele se dirigia à porta.

— Que tenha uma boa viagem.

Justin não disse adeus, deu-lhe um último olhar, saiu e fechou a porta atrás de si. «Oxalá pudesse ler sua mente», disse-se Shelby. De que outro modo poderia averiguar o que sentia por ela? Perguntava-se se ele sequer saberia.

O dia foi realmente exaustivo para Shelby. Depois de agüentar toda a manhã e parte da tarde o Sr. Holman resmungando com Tammy por uma coisa ou por outra, no fim da tarde foi à consulta do doutor Sims, quem tinha consultado para terminar de realizar a intervenção.

Chegou em casa cansada, mas depois de tomar uma boa xícara de café e o delicioso jantar que lhe tinha preparado Maria, sentiu-se melhor.

Viu um pouco de televisão, esperando Justin, mas ele ligou para dizer que o vôo atrasou, e logo seus olhos começaram a fechar, assim decidiu subir e deitar-se. Ao passar por diante do quarto de Justin hesitou por um momento, sem saber o que fazer, mas lhe pareceu que talvez ele se incomodasse se a encontrasse ali sem sua permissão.

Foi para o quarto de hóspedes, e mal deitou-se, dormiu.

Não ouviu chegar o táxi de Justin, também não ouviu abrir a porta, nem como seus passos se dirigiram esperançosos para seu quarto, para amaldiçoar entre dentes ao encontrar a cama vazia, nem tampouco o viu observá-la em silêncio com o cenho franzido quando foi ao quarto de hóspedes e a encontrou dormindo.

Justin fechou a porta atrás de si, carrancudo, e foi para seu quarto. Tinha pensado que ela o estaria esperando acordada, ou ao menos que se teria ido dormir em sua cama.

Shelby passou a noite ignorante de seu aborrecimento, ao levantar-se pela manhã. Desceu as escadas desejosa de ver Justin, mas quando entrou na cozinha, ele lhe lançou um olhar furioso.

Shelby se deteve na porta sem saber como agir.

— Bom dia — balbuciou.

— Não é precisamente bom.

Shelby arqueou as sobrancelhas e se aproximou dele. Justin afastou a vista dela e ergueu a xícara para tomar um gole de café.

— Direi ao Lopez que a leve a trabalho — disse —, se importaria de me devolver as chaves de meu carro?

Shelby as tirou do bolso de sua saia e as pôs sobre a mesa, mas antes que pudesse retirar a mão, Justin a reteve com a sua.

— Por que voltou para o quarto de hóspedes ontem à noite? — interrogou-a. Seus olhos negros pareciam lançar chamas.

Então era isso??, Pensou Shelby suspirando aliviada.

— Não sabia se queria que dormisse com você outra vez — disse com um sorriso tímido — Quando foi não me disse adeus... Bem, não queria te incomodar — confessou encolhendo os ombros.

— Meu Deus, Shelby, estamos casados... — murmurou ele —. Não me incomoda.

Shelby baixou a vista, o que viu nos olhos dele a fez estremecer por dentro.

— É que... Desde que nos casamos sempre se comportou de um modo muito distante.

— E não sabe ainda o por quê? — perguntou-lhe com suavidade.

Ela o olhou nos olhos e assentiu lentamente.

— Porque me... Porque me deseja?

— Em parte é por isso — assentiu Justin sem querer entrar em mais detalhe —. Foi ver o doutor Sims?

O rubor de Shelby lhe deu a resposta antes dela assentir com a cabeça. Justin puxou a cadeira junto à sua para que se sentasse.

— Levarei você eu mesmo ao escritório — disse aproximando um prato de ovos mexidos. Shelby sorriu com a cabeça abaixada.

Quando chegaram à cidade, Justin estava mais calmo, mas não durou muito, porque assim que estacionou junto ao escritório, viu Barry Holman na calçada, olhando ao redor com os braços nos quadris, como se estivesse esperando impaciente a chegada de Shelby, pensou Justin franzindo o cenho. Holman elevou a vista para eles assim que o Thunderbird parou, seu rosto iluminou-se. Sorriu de um modo exagerado, e correu junto a Shelby, saudando de

passagem a Justin com uma mera inclinação de cabeça. Este pareceu querer fulminá-lo com o olhar. Mas não disse nada.

— Graças a Deus que veio — disse Barry a Shelby, abrindo a porta do escritório —, temia que chegasse tarde — disse tomando-a do braço e arrastando-a naquela direção —. Não se preocupe, Justin, cuidarei bem dela — disse sorrindo-lhe.

Justin não respondeu, e tampouco disse adeus a Shelby, entrou no carro, batendo a porta com força. E, sem olhar atrás, arrancou o automóvel e se afastou dali a toda velocidade.

— Aconteceu alguma coisa, Sr. Holman? — perguntou-lhe Shelby parando bruscamente na porta. A saída de Justin a tinha deixado um pouco nervosa, e não era para menos, seu chefe lhe tinha dado uma impressão muito pouco favorável de sua relação, fazendo que parecesse algo mais que profissional.

— Essa mulher tem que ir! — respondeu-lhe Holman dramaticamente —. Se trancou em minha sala e se nega a sair! Mas não fiquei que braços cruzados, ah, não!... Chamei os bombeiros — disse com um sorriso cruel —. Que a joguem a porta afora, a porei na rua... Para sempre.

Shelby esfregou a nuca incomodada:

— Sr. Holman... e por que... Por que Tammy se trancou em seu escritório?

Seu chefe pigarreou.

— Foi por... Foi pelo livro.

— Que livro?

— O livro que lhe atirei — resmungou ele irritado.

— Atirou-lhe um livro?

— Bem, sim, um dicionário... — balbuciou ele metendo as mãos nos bolsos da calça —. Tínhamos certa diferença de opiniões a respeito de como se escrevia um termo legal. Enfim, imagine... — acrescentou zangado —. Sou advogado, estudei direito... O que acha, que não sei soletrar os termos de minha profissão?

Shelby, que tinha comprovado de primeira mão a desastrosa ortografia do Sr. Holman, não disse uma palavra, mas franziu os lábios.

— De acordo — prosseguiu seu chefe falando mais consigo mesmo que com ela —, disse-lhe algumas coisas, ela me disse também outras... Onde ficou o respeito para os superiores? O caso é que lhe lancei o livro, estava me pondo maluco, e então foi quando se trancou em meu escritório... Por um livro nada mais! — exclamou. Shelby arqueou as sobrancelhas —. Bom, e pelo vidro — admitiu.

— O... vidro? — inquiriu ela boquiaberta.

— O vidro da... janela — murmurou seu chefe. Deu a volta e mostrou-lhe uns cacos de vidro sobre a calçada, que ela não tinha reparado até esse momento. Barry Holman agachou e recolheu algo caído.

— Ah, aqui está! Sabia que devia estar por aqui — disse levantando-se e brandindo o dicionário, um volume bastante grosso.

Shelby se debatia entre a risada e as lágrimas quando se ouviu o som de uma sirene, e apareceu dobrando a esquina o caminhão de bombeiros. Deteve-se em frente ao edifício.

— Não lhes disse para que necessitava que viessem? — perguntou Shelby a seu chefe ao ver que os bombeiros se baixavam e começavam a desenroscar uma mangueira.

— A verdade é que não — respondeu Holman distraidamente —. OH, olá, Jake! — saudou um dos bombeiros de Jacobsville, adiantando-se —. Graças a Deus que veio!

— Onde é o incêndio, Holman? — inquiriu este olhando em todas direções.

— Incêndio? — repetiu Barry balançando a cabeça —. A verdade é que não há nenhum. Trata-se de outro tipo de emergência.

Jake, um tipo grande e forte com a cara tinta, olhou-o carrancudo.

— Não há fogo — fez um sinal a seus companheiros para que guardassem a mangueira —. Então para que nos chamou?

— Quero que derrubem a porta de meu escritório. É que... perdi a chave — improvisou o Sr. Holman. Não podia dizer a verdade diante da multidão de curiosos que se amontoou ali.

— E por que não chamou um chaveiro? — perguntou o chefe de bombeiros começando a perder a paciência.

— Pois porque... porque...

— Uma jovem empregada se trancou ali e não quer sair — explicou Shelby ao chefe de bombeiro colocando-o a par dos acontecimentos.

— Por todos os demônios, Barry!, quer que derrubemos uma porta a machadadas para fazer sair a uma pobre garota?! — exclamou Jake.

A multidão prorrompeu em gargalhadas enquanto Barry Holman avermelhava e balbuciava coisas como: «Pobre garota?» e «é um diabo, um diabo!» Por sorte não foi preciso nenhuma atuação, já que nesse momento, Tammy, que devia ter ouvido a agitação saiu por sua própria vontade, e avançou ameaçadora para seu chefe.

— Demito-me! — gritou-lhe ao Sr. Holman. Assim que chegou a seu lado arrebatou o dicionário da mão, e o golpeou com ele na cabeça com todas suas forças. Voltou-se para Shelby tremendo de raiva —. Sinto muito, Shelby, mas a partir de hoje volta ser a única secretária deste escritório. Não agüento nem um dia mais ao lado deste atormentador de mulheres! E você não tem nem idéia de ortografia, senhor advogado falso! — gritou a Holman.

— Tenho muito mais idéia que você, garotinha de instituto! — gritou ele vendo-a afastar-se —. Não espere que vá correndo atrás de você para rogar que volte!, não penso fazê-lo! Seguro que nesta estúpida cidade há centenas de estúpidas mulheres que não sabem soletrar, igual a você, e que necessitam de trabalho.

O chefe de bombeiros estava observando a cena boquiaberto, enquanto que Shelby tratava com muita dificuldade de não estourar em risadas. Pressentindo o que ia ocorrer, escapou e entrou no escritório. E, tal e como tinha suposto, ao cabo de um par de minutos o chefe de bombeiros estava lançando serpentes e cobras pela boca.

Advertiu Barry Holman por havê-los chamado para semelhante tolice, e dizendo que desse obrigado porque não iria a informar isso à polícia para que lhe dessem uma multa ou o prendessem.

O incidente com Tammy o deixou com um humor de mil diabos, assim, certamente enlouqueceria porque não fazia mais que reclamar dela. E como não havia trabalho esperando por ele também não deixava Shelby trabalhar, disse que fechariam uma hora antes. Shelby recolheu suas coisas e ligou para a empresa dos Ballenger para perguntar a Justin se ele poderia vir buscá-la mais cedo aproximar-se de recolhê-la antes, mas disseram que ele estava fora. Shelby suspirou enquanto colocava o fone no gancho, e ao ver seu chefe sair de seu escritório nesse momento com a maleta na mão, perguntou-lhe sem pensar duas vezes:

— Se importaria de me dar uma carona até a empresa de Justin? — liguei lá para que ele viesse me buscar, mas me disseram que ele saiu.

— Claro, como não. O que aconteceu com seu carro novo? Quebrado?

— Hum... É uma longa história — murmurou ela enquanto ele mantinha aberta a porta de sua Mercedes para que entrasse —. É verdade que vai despedir Tammy? — perguntou-lhe quando ele também entrou —. No fundo é uma boa garota.

— Não é certo, é como uma pedra no sapato — resmungou Barry.

— Se lhe desse outra oportunidade e tratasse de ser mais paciente estou segura de que o surpreenderia.

Barry Holman se remexeu incômodo no assento.

— Suponho que para você será uma árdua tarefa: a verdade é que o volume de trabalho que temos agora é muito para uma só pessoa.

— Talvez devesse pedir que voltasse — sugeriu Shelby —. Além disso, acho que está envergonhada pelo modo como se comportou.

— Enfim, acho que terei que fazê-lo — respondeu ele exalando um profundo suspiro —. Depois, passarei pela casa de seus pais e direi que pode vir amanhã de novo ao escritório se quiser — concedeu como se estivesse fazendo um favor à garota.

Quando chegaram à empresa, apesar de dizer que não era necessário, ele insistiu em sair do carro e abrir a porta para que descesse.

Shelby estava despedindo-se com a mão e vendo afastar o veículo quando viu uma sombra abater-se sobre a sua no chão, uma sombra alargada. Deu a volta e se encontrou com Justin, um Justin com cara de poucos amigos.

— Ah... olá.

— Pensei que sairia às sete — disse ele em um tom perigoso.

— Tivemos um problema no escritório e saímos antes — explicou Shelby. Como teria ocorrido lhe pedir a Barry Holman que a levasse sabendo quanto Justin era ciumento em respeito a ele? —. Pode me levar a casa ou tem que ficar ainda um momento? Esperarei enquanto resolve suas coisas.

— Calhoun sairá agora, ele te deixará em casa.

E entrou no escritório, deixando-a ali de pé, sob um sol quente, entre os mugidos do gado.

Calhoun apareceu visivelmente irritado.

— Que irmão descarado eu tenho! Fica o dia todo sentado atrás de sua mesa de braços cruzados, e vai e me tira de uma reunião para levá-la para casa. Juro que não entendo nada. Está zangado com você?

— E quando não está? — replicou ela irada —, o Sr. Holman me trouxe em seu carro até aqui, Justin deve ter imaginado que o seduzi na auto-estrada. É tão... tão... tão cruel, tão cabeça dura, tão insensível...!

— Bem, bem... — tranqüilizou-a enquanto caminhavam para seu carro —. Então é só uma questão de ciúmes? Venha, Shelby, isso não é problema. Uma mulher deveria saber perfeitamente o que tem que fazer.

Shelby imaginou a que se referia, e ruborizou profundamente. Tinham chegado junto ao carro, e Calhoun abriu a porta para que se sentasse e entrou ele também. Achou graça vê-la ruborizar-se. No fundo Justin e ela eram muito parecidos: moldados à moda antiga. Pôs o veículo em marcha e limpou a garganta.

— Shelby... — disse-lhe —, a melhor maneira de obter a atenção de um homem e de lhe tirar o mau humor, é beijá-lo, abraçá-lo... bom, deixar que a natureza siga seu curso, já sabe a que me refiro — disse-lhe piscando um olho.

Shelby voltou a ruborizar-se.

— Não acredito que Justin gostasse que fizesse isso — murmurou com voz rouca.

— Pois claro que sim — assegurou ele lhe dando uns tapinhas de ânimo na mão —. Está tão louco por você que vê fantasmas por toda parte. Pense nisso, Shelby, se utilizar o método de aproximação adequado, se voltará dócil como um cordeirinho.

Tinham chegado ao rancho. Depois de despedir-se de Calhoun, Shelby entrou em casa pensativa. O certo era que a idéia de seduzir Justin era tentadora, disse-se sorrindo com malícia enquanto subia a escada.

CAPÍTULO 8

Já tinha escurecido quando Justin voltou para casa, cansado e de mau humor. Ao passar pela cozinha, onde Shelby estava jantando sozinha, lançou-lhe um olhar duro, e se dirigiu às escadas sem sequer dizer oi.

Shelby suspirou e se perguntou se as coisas poderiam piorar mais. Ao cabo de um momento, quando já tinha terminado de jantar, reapareceu Justin, recém tomado banho a

julgar pelo cabelo ainda úmido, mas ainda com uma cara de poucos amigos. Sentou-se à cabeceira da mesa e começou a servir o guisado de vitela.

– Posso dizer a Maria que o es quente um pouco – propôs Shelby.

– Se quiser que Maria faça algo, direi eu mesmo – replicou Justin irritado.

Shelby deixou o guardanapo sobre a mesa e alisou a saia de seu vestido vermelho e branco. O tinha colocado ao chegar em casa porque a ele tinha parecido sexy, mas não parecia que aquela estratagem a iria lhe servir de alguma coisa quando ele nem sequer levantava a vista do prato. Ficou um bom momento observando-o em silêncio sem saber como abordá-lo.

– Justin – começou finalmente – Se está zangado pelo que aconteceu hoje à tarde... O Sr. Holman me disse que queria fechar uma hora antes, e a empresa ficava no caminho dele.

Ele elevou pela primeira vez o olhar para ela, seus olhos relampejavam.

– Sabe perfeitamente o que penso de seu maldito chefe.

– Sim, sei – assentiu ela magoad a pelo seu comportamento –, mas não pensei que se importaria que me desse uma carona. Comporta-se muito corretamente quando está comigo. Já disse isso um milhão de vezes.

– Poderia ter chamado – replicou ele –. Teria ido buscá-la.

– Liguei para o seu escritório e me disseram que tinha saído – murmurou afastando o prato de sobremesa –, mas, não estava segura se queria vir me buscar depois de como partiu ao me deixar no trabalho pela manhã, sem sequer dizer adeus.

Justin soltou o garfo:

– Holman estava te esperando, andando impaciente para cima e para baixo – alfinetou em um tom gélido – Mais um pouco e tirava você do carro para te levar para dentro. Juro que estive a ponto de lhe partir a cara. Eu não gosto que outros homens toquem em você.

Embora o normal tivesse sido que a possessividade de Justin incomodasse Shelby, estava tão ansiosa para que ele desse um sinal de que sentia algo por ela, que com tão veemente declaração de ciúmes, ficou olhando-o emocionada. Suspirou aliviada e lhe sorriu.

– Me alegre.

– De que? – inquiriu ele franzindo o cenho.

– De que não queira que me toquem outros homens... Porque tampouco eu gosto que lhe toquem outras mulheres.

Justin enrubesceu ligeiramente.

– Não estávamos falando disso – murmurou incômodo.

Shelby sorriu divertida.

– Calhoun me disse que o tirou de uma reunião para que me trouxesse para casa.

– É que estava zangado – balbuciou Justin esfregando a nuca.

Shelby teria querido provar o que havia dito Calhoun de incitar um pouco Justin para lhe tirar o mau humor, e tinha passado um bom momento idealizando maneiras de levá-lo a cabo, mas na verdade era mais fácil pensá-lo que fazê-lo.

– Chegou pelo correio um filme que tinha pedido – disse Justin de repente em um tom despreocupado, como se quisesse fazer as pazes. Parecia que depois de tudo tinha compreendido que seu aborrecimento não tinha fundamento –. É um filme de guerra em branco e preto dos anos quarenta. Poderia vê-la comigo... se quiser – murmurou esperando que sua voz não revelasse quanto gostaria que ela aceitasse.

– Eu adoraria – sorriu Shelby –, eu gosto de filmes de guerra antigo.

– Sério? – inquiriu Justin emocionado –. E de ficção científica?

O olhar de Shelby se iluminou ao ver que a tensão desaparecia.

– Oh, sim, também.

– Pois tenho toda uma coleção – riu Justin.

Minutos depois estavam os dois sentados em frente ao televisor no salão. À medida que avançava o filme, Shelby se via sentada cada vez mais perto de Justin. Queria pôr sua mão sobre a dele, mas se deteve.

Justin virou a cabeça com um meio sorriso.

— Shelby, não tem que me pedir permissão para me tocar — ele disse brandamente.

Sorriu com timidez, mas entrelaçou finalmente os dedos com os dele, e voltaram a prestar atenção na tela. Entretanto, Shelby não estava se inteirando de nada do que ocorria no filme, porque Justin tinha começado a lhe fazer pequenas carícias no dorso da mão com o polegar e sentia-se trêmula. Entreabriu os lábios excitada ao recordar uma vez que tinham estado juntos no sofá... e o que tinham feito. Recordava vividamente a agradável frescura do couro sob suas costas, o peso do corpo de Justin em cima dela. Suas faces queimaram imediatamente.

— Você gosta de filmes de mistério? — murmurou com a boca seca por dizer algo.

— Claro — respondeu Justin —, tenho alguns do *Hitchcock*, e também tenho *Arsênico por compaixão*, com Cary Grant.

— Oh, eu adoro esse! — exclamou Shelby —. Ri muitíssimo quando o vi pela primeira vez.

Ele ficou um momento observando-a, admirando o quanto ficava preciosa quando usava aquele vestido branco e vermelho.

— Sempre tivemos muitos gostos em comum —. Ainda toca violão?

— A verdade é que faz muito tempo que não — respondeu ela — Poderíamos voltar a tocar juntos algum dia — propôs com voz fraca.

— Seria bom — assentiu Justin sorrindo.

Shelby sorriu também. Ficaram olhando-se nos olhos por um longo momento, e logo a ambos pareceu que as vozes e disparos do televisor chegavam de muito longe. Shelby se colocou junto dele e apoiou o rosto no pescoço dele.

— Cheira a gardênia — murmurou Justin —. O aroma que sempre me fez lembrar de você.

— É o perfume que uso.

Justin lhe soltou a mão para elevar Shelby e colocá-la em seu colo, com a cabeça apoiada em seu peito

— Se quiser podemos ver outra coisa — sussurrou sabendo que nenhum dos dois estava prestando atenção ao filme.

— Não, isto está bom — assegurou ela.

Justin lhe acariciava o cabelo uma vez que sustentava a pequena mão dela contra seu tórax, fazendo de conta que lhe interessava muito o filme. Entretanto, ela não estava disposta a deixar-se enganar, e decidiu incitá-lo um pouco, como havia dito Calhoun. Começou a fazer desenhos imaginários na camisa dele, e logo Justin sentiu que o desejo se apoderava dele. Baixou os olhos procurando os dela, e ao ver refletido neles a mesma ânsia que ele sentia, abandonou todo fingimento. Sem pressa, desabotoou um a um os botões de sua camisa, e tomou a mão de Shelby colocando-a de novo sobre seu torso nu para que o acariciasse. Enquanto ela o acariciava, Justin imprimiu suaves beijos na testa dela, nas pálpebras, no nariz, nas bochechas, no queixo e na garganta.

Shelby notou que sua respiração ficou mais entrecortada quando ele a atraiu para si e tomou seus lábios. O contato produziu o mesmo efeito que uma explosão dentro dela, e gemeu encantada ao sentir que Justin tornava o beijo mais íntimo, deslizando os dedos entre seus cabelos.

Os batimentos do coração de seu coração se descontrolaram, e sem compreender o que a moveu a fazer aquilo, cravou-lhe as unhas no peito de Justin.

— Perdão — murmurou ao ouvi-lo gemer.

Ele sacudiu a cabeça e voltou a beijá-la mordendo-lhe ligeiramente o lábio inferior.

— Gostei disso — sussurrou —. Me beije sem medo, Shelby — a instruiu.

E ela, esquecendo-se de todas suas inibições, pôs as mãos em ambos os lados da cabeça de Justin e lhe deu um beijo longo e molhado.

Entre os suspiros de ambos, e os ruídos de batalha ao fundo, que nenhum deles ouvia mais, Justin começou a baixar o corpete do vestido dela, para desabotoar a seguir o sutiã e tirá-lo. Shelby gemeu extasiada ao sentir a pele nua de Justin contra seus seios. Era delicioso estar pele

contra pele, como naquela outra noite, só que nesse momento, seus medos tinham diminuído e sabia que o que Justin fizesse não ia doer, porque sabia que seria cuidadoso e paciente, notou como suas fortes mãos deslizavam o vestido pelos seus quadris, acariciando as coxas trêmulas.

— Calma — sussurrou Justin sorrindo —, não vou me apressar, e em qualquer momento podemos parar se você quiser — lhe assegurou.

Shelby sentiu-se relaxar pouco a pouco, deixando que suas mãos percorressem com prazer as costas de Justin. Era glorioso poder tocá-lo assim, com tanta liberdade, aprender cada segredo de seu corpo.

— Oh, Justin! — murmurou com voz rouca —. Isto é tão doce...!

Puxou a cabeça dela para devorar outra vez seus lábios inchados, deslizou as mãos por seus flancos, tirando a última peça. Adorava como a pele se arrepiava sob suas mãos, e seu tato era suave como o cetim

Desejava-a de tal modo que não estava seguro de poder parar, mas a julgar pelo modo veemente que respondia a seus beijos e carícias, ela não parecia muito preocupada. Tirou o resto da roupa enquanto seguia beijando-a. Shelby estremeceu ao senti-lo completamente nu, ele notou e foi um pouco mais devagar, excitando-a outra vez com deliciosa paciência até que viu que a paixão sacudia seu corpo.

— Agora... — sussurrou-lhe Justin ao ver que gemia desesperada para que lhe desse o que ansiava. Ele posicionou-se, e a tomou pelo queixo para que levantasse o rosto.

— Não vire o rosto, Shelby, preciso vê-la para me assegurar de que tudo vai bem.

Ela enrubesceu, mas não deixou de olhá-lo, nem sequer quando começou a tomar posse dela.

Justin entreabriu os lábios, extasiado. Aquela era a experiência mais intensa que tinha tido em sua vida. Depois de tantos anos, de tanto sonhar... Ia ocorrer. Era dela, já não havia mais barreiras, e sentiu que o aceitava plenamente dentro de si.

Shelby ficou um pouco tensa com aquela invasão que era nova para ela, com a intimidade que aquilo resultava, e Justin se deteve.

— Está bem — ele sussurrou meigamente, beijando-a para que fosse se acalmando aos poucos —. Isso é assim... — riu com a facilidade com que se ia afundando nela, e com a deliciosa sensação de serem um só —. Oh, Shelby!

Ela estava vermelha como um pimentão, mas não virou o rosto. A expressão de Justin era vitoriosa, os olhos brilhavam como nunca antes o tinham feito.

— Não pare Justin — murmurou Shelby contra seus lábios. Gemeu maravilhada ao senti-lo mover-se dentro dela —. Não pare...

As palavras de Shelby acabaram com o controle de Justin. Não podia acreditar no que estava sentindo, era como saltar sobre uma enorme onda. Shelby também estava surpresa consigo mesma, porque sentia que deveria estar ao menos um pouco assustada, mas os movimentos de Justin estavam criando uma tensão deliciosa que ia crescendo, fazendo-a esquecer-se de todo o resto. O êxtase parecia estar ao limite de sua mão, e Shelby sentiu que chegava a ele quando Justin tomou-a pelos quadris e a atraiu para si.

Shelby sentiu como se os alicerces do mundo tremessem debaixo deles, e gritou seu nome uma vez e outra e outra...

Justin riu e espalhou centenas de pequenos beijos nas têmporas, nas bochechas, nos lábios... beijos ternos e reconfortantes.

Shelby abriu os olhos, registrando os últimos acordes de um prazer como nunca tinha sonhado que pudesse existir. Elevou o olhar para ele, maravilhando-se pela transformação ocorrida: parecia anos mais jovem, tinha o cabelo úmido, o rosto empapado em suor, os olhos brilhantes...

— Justin? — murmurou desorientada.

— Está bem, minha vida? — perguntou ele —. Machuquei você?

— Não — o tranqüilizou, ruborizando-se e baixando a vista para a veia palpitante de sua garganta.

— Olhe para mim, covardezinha — riu Justin. Shelby se obrigou a levantar a cabeça, e ele aproveitou o momento para beijá-la outra vez.

— Eu nunca... Nunca imaginei que isto pudesse ser assim... — balbuciou ela afundando o rosto no ombro dele.

Justin a abraçou como se não quisesse deixá-la ir jamais.

— Dormiu bem?

— Acho que ainda estou dormindo — murmurou ela em seus lábios —. Tenho medo de ter sonhado e não quero despertar.

— Não foi um sonho — ele confirmou —. Te fiz algum mal?

— Oh, não... — apressou-se a responder ela —, não, absolutamente.

Justin a olhou com adoração.

— A partir de hoje dormirá em meu quarto... Em nosso quarto. Nada mais de muros, nem mais de olhar atrás. Nossa vida começa aqui, agora, juntos.

— Sim — assentiu ela com o coração no olhar — Não vá trabalhar, Justin...

— Tenho que fazê-lo — repôs ele —. E você também tem que ir — acrescentou franzindo o cenho ante a idéia —, mas nada mais de passeios de carro com o chefe, entendido?

— Chamarei você para que venha me buscar, prometo — disse ela beijando-o na bochecha —. Mas não pode ainda estar com ciúme depois desta noite.

— Não se engane — murmurou passando a palma da mão por um de seus seios —. Agora que fizemos amor, serei dez vezes mais possessivo. É só minha.

— Sempre fui, Justin — assegurou ela.

Olhou-o preocupada. Nem mesmo depois de uma noite de paixão e entrega tinha reconquistado sua confiança? Que mais prova necessitava de seu amor? Justin percorreu seu corpo esbelto com o olhar, devorando-o.

— É deliciosa — sussurrou —, toda você. Nunca na vida havia sentido nada tão profundo como o que senti esta noite. Senti-me... completo.

O coração de Shelby deu um salto, porque era assim exatamente como ela se havia sentido, mas enquanto que ela o amava, ele unicamente sentia desejo, pensou aflita.

— Eu senti o mesmo — confessou.

— Sim, mas você era virgem, carinho — murmurou ele divertido —, e eu não.

— Isso era bastante óbvio — disse ela um pouco irritada, recordando sua maestria e perguntando-se com quantas mulheres teria feito o mesmo.

Ele, em vez de incomodar-se, sentiu-se orgulhoso que ela estivesse com ciúmes.

— Isso já faz muito tempo, e nos últimos seis anos não beijei sequer uma outra mulher. Não tem motivos para estar ciumenta.

— Sinto muito — murmurou Shelby abraçando-o apoiando a cabeça contra seu tórax.

— Não tem por que se desculpar — repôs ele beijando-a na testa com ternura —. Tenho que ir ao trabalho. Preferiria não ter que fazê-lo, mas Calhoun está fora e alguém tem que ocupar-se de tudo.

— Você me deixa no escritório? — inquiriu Shelby.

— Claro. O que gosta de tomar no café da manhã?

Ela elevou a vista para ele com a resposta escrita em seus olhos brilhantes. Ele riu e desceu da cama, observando como ela se estirava sobre o colchão, tentando conseguir que voltasse para a cama.

— Oh, não, agora não, Shelby... — murmurou Justin —. Vamos, vista-se antes e que meu estóico controle se desvaneça.

— Desmancha-prazeres — alfinetou ela com uma careta.

— Não quero abusar — disse ele ficando sério de repente —. Até ontem à noite era virgem, e não quero fazer nenhum mal a você.

Os olhos de Shelby o olharam enternecidos enquanto meneava a cabeça.

— E pensar que tinha medo!

— Era compreensível — respondeu ele —, mas já não tem por que me temer... não mais — Justin deu um grande bocejo —. Bem, então, o que gosta de tomar no café da manhã?

Era incrível como uma noite podia ter mudado tanto as coisas. Finalmente parecia que estavam no caminho certo de conseguir ter uma relação sólida e duradoura, e os dias que seguiram deixaram isso claro. Shelby não podia deixar de pensar em Justin quando estava no escritório, e quando chegavam em casa não havia mais discussões, nem mais barreiras. Ele a beijava a cada momento, e toda noite faziam amor e dormiam um nos braços do outro. Era como ter subido ao céu, dizia-se Shelby, como estar sonhando acordada. Passavam juntos todo seu tempo livre: montando a cavalo, tocando violão, vendo filmes de vídeo... Era um bom começo, e a Shelby parecia que o que tinham era quase perfeito.

Entretanto, embora houvesse entre eles aproximação física, e embora passavam mais tempo juntos, Shelby podia notar que ainda havia uma distância emocional. Justin não parecia corresponder ao amor que ela sentia por ele. Até aquele dia não havia dito que a queria, nem sequer quando estavam a sós. Tampouco falava do passado nem do futuro. Era como se quisesse viver unicamente o presente, sem preocupar-se com o amanhã.

No escritório, Barry Holman tinha conseguido que Tammy voltasse, e as coisas ficaram melhor entre eles: não faziam mais que lançar olhares, e Shelby suspeitava que qualquer dia desses, surgiria o amor.

Havia outra novidade. Shelby ainda não havia dito nada a Justin, mas estava quase certa de que estava grávida. A possibilidade a deixava muito contente. Ter um filho com Justin a faria completamente feliz. Ele também havia dito que queria ter uma família, assim quando nascesse o bebê, começasse a querê-la também.

Aquela tarde, estava deitada no sofá quando Justin entrou com um ar preocupado.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou-lhe Shelby preocupando-se.

— Tenho que ir a Wyoming. Pediram-me que atue como testemunha no julgamento de Quinn Sutton, um amigo ao que demandaram — explicou ele com um suspiro —. Não gosto nada de ir, mas é um bom sujeito e sei que faria o mesmo por mim. É um assunto desagradável. Sentou-se junto a ela, atraindo-a para si. E explicou que o tinham acusado de vender carne de vaca em mal estado a um frigorífico.

— E está seguro de que não o fez? — inquiriu ela.

Justin assentiu e a beijou na testa.

— Levaria você comigo — disse —, mas Sutton não se dá muito bem com as mulheres. Sua mulher os abandonou a ele e ao seu filho e se foi com outro homem. Não sei o que será do menino se colocarem seu pai na cadeia — disse meneando a cabeça.

— Espero que se solucione tudo — murmurou ela —. Sentirei sua falta.

Ele a abraçou.

— Não mais do que eu sentirei sua falta, carinho. Mas telefonarei toda noite, e talvez o julgamento acabe antes do previsto — voltou a beijá-la —. Nem pense em correr com o carro enquanto estou fora — advertiu.

Shelby riu. Dificilmente poderia correr com o pequeno utilitário que ele tinha comprado.

— Não o farei — assegurou.

Entretanto, o olhar sério não se apagou do rosto dele.

— Justin, há algo mais com que se preocupe?

— Não, eu... Shelby, não está se cansando de estar casada comigo, não é? Shelby o olhou boquiaberta.

— O que?

— Eu não posso dar tudo o que tinha com seu pai, e...

Shelby tomou pelas bochechas para que a olhasse.

— Justin, você é tudo o que quero. — E o beijou apaixonadamente para demonstrar-lhe que dizia a verdade.

— Quando tem que partir? — perguntou-lhe ao separar seus lábios dos dele.

— Amanhã.

— Tão logo?

Justin a atraiu para si.

— Mas temos toda a noite pela frente... — suspirou antes de beijá-la de novo. — Deus, desejo-te tanto Shelby, não posso deixar de pensar em você...!

Shelby queria lhe dizer que o amava, e revelar a notícia que já confirmara, mas não pôde, já que, ele continuou beijando-a quase sem pausa e a levou para cima. E, como sempre, a faísca do desejo separou de sua mente todo pensamento. Na manhã seguinte, quando despertou, Justin tinha partido, e ela só recordava vagamente um suave beijo quando estava dormindo e como ele tinha sussurrado um «adeus»

CAPÍTULO 9

Durante os dias em que Justin esteve fora, o Sr. Holman teve dois casos de divórcio, um outro por uma disputa sobre uns terrenos, outro por um acidente de trânsito, e também teve que defender a um homem acusado de assassinato, por isso Tammy e Shelby estiveram mais atarefadas que nunca.

— Sinto que tenha que fazer tantas horas extra esta semana — disse essa manhã Barry Holman a Shelby — mas andamos tão escassos de tempo e há tanto que preparar...

— Não se preocupe — ela o tranquilizou — Justin está fora da cidade, assim não haverá problemas caso eu fique umas horas mais.

— Bem, o que ele perde eu ganho — murmurou o advogado sorrindo —. Obrigado, Shelby, não sei o que faria sem você. Vou correndo ao tribunal. Se alguém perguntar por mim depois estarei no Carson's Café almoçando, e voltarei à uma.

— Tudo bem.

Ao sair, o Sr. Holman chocou-se com Tammy e quase a fez cair, mas a sustentou a tempo pela cintura enquanto que ela apoiou as mãos em seu peito para não perder o equilíbrio. Ficaram como paralisados um momento, olhando-se encantados um com o outro. «Que cena terna!», pensou Shelby divertida.

— Está bem, Tammy? — perguntou ele.

— Sim — balbuciou ela aturdida, ruborizando-se e ficando com os lábios entreabertos. Finalmente Barry Holman a soltou.

— Bom, tenha mais cuidado, não quero ficar sem secretária — disse brandamente com um sorriso.

— Sim, senhor — murmurou Tammy docilmente. Os olhos do Sr. Holman desceram brevemente aos grossos lábios dela antes de dar meia volta e sair.

Shelby teve que reprimir um sorriso: antes eram como cão e gato, agora tinham passado a mostrar-se tímidos um com o outro, e Tammy parecia iluminar-se como uma árvore de Natal cada vez que ele aparecia.

— Eu, humm... vou passar umas notas — balbuciou Tammy.

Shelby sorriu.

— Pois eu ia sair. Quer que traga algo para comer?

— Oh, sim, obrigado. Uma salada com atum e umas bolachas salgadas estaria bem. Obrigado, Shel, amanhã irei eu.

— Trato feito. Bom, voltarei em seguida.

Depois de pagar suas compras no supermercado da esquina, Shelby viu Abby olhando uns cartões de felicitação junto às caixas registradoras.

— Ei, olá!

— Oh, olá, Shelby! — saudou-a sorridente sua cunhada —. Estava procurando um cartão para o aniversário do Calhoun... É a semana que vem.

— Oh, sim, não o esqueci. Sei que tinha que ter ligado para falar dos preparativos, mas estive muito ocupada e... — murmurou sem poder evitar ruborizar-se. A verdade era que a tarde que tinha querido chamá-la, Justin estava brincalhão e não a tinha deixado.

— As coisas vão bem, né? — adivinhou Abby com um sorriso ao vê-la tão rubra. — Calhoun diz que Justin passa todo o dia em seu escritório olhando sua foto e sonhando acordado.

— Sêrio? — respondeu Shelby rindo e adorando.

— Humm... a vida de recém casados é maravilhosa — disse Abby —. Me alegra que vá bem. De algum modo sabia que seria assim. Parecem feitos um para o outro. Inclusive Tyler disse aquele dia no baile, que eram como as duas metades de um tudo.

— Calhoun não sabe nada da festa, não é? — perguntou-lhe Shelby mudando de assunto.

— Oh, não, não me tiraria isso nem a ponta de pistola. Por certo, Justin me ligou ontem à noite para me dizer que tinha convidado a uma pessoa que não está na lista que fiz. Não comentou nada disso com você?

— Não — respondeu Shelby franzindo o sobrecenho —. De quem se trata? Espero que não seja uma de suas antigas namoradas — murmurou ciumenta.

— Não acredito — a tranqüilizou Abby —. Teremos que esperar para averiguá-lo — suspirou.

— Bom, tenho que deixá-la já, deixei Tammy sozinha. Espero que encontre um bom cartão — disse Shelby sorrindo.

— Até mais tarde.

Aquela noite, quando Justin ligou de Wyoming, Shelby pensou em perguntar sobre esse convidado ou convidada surpresa, mas quando disse que não voltaria até a segunda-feira, ficou desapontada.

— Oh, Justin...! — gemeu ela —. Enfim, eu também estou bastante chateada... O Sr. Holman está com processos toda a semana próxima, o que significa que terei que fazer um montão de horas extras — inspirou.

— Se fosse por mim, deixaria esse trabalho... — murmurou Justin. Shelby quase podia imaginá-lo meneando a cabeça —. Bom, tenho que te deixar, carinho, amanhã tenho que me levantar cedo. Nos vemos na segunda-feira a noite, de acordo?

— De acordo. Ouça, se chegar em casa e eu não estiver, poderia ir me buscar no escritório?

— Muito bem. Boa noite.

— Boa noite, Justin — murmurou ela beijando o fone antes de desligar.

O fim de semana passou lentamente, mas na segunda-feira estava tão atarefada, que quase não teve tempo nem de sentir falta do seu marido. O telefone não parava de tocar, e Tammy teve que ir correndo duas vezes levar uns papéis ao Sr. Holman no tribunal.

No final da jornada, Shelby estava já desesperada, perguntando-se quanto faltaria para poder ir para casa. O Sr. Holman entrou nesse momento com umas cartas que queria que batesse à máquina: Página por página...

Enquanto isso, Tammy entrava e saía fazendo recibos a seu impaciente chefe, e Shelby achava que ia haver problemas quando viu que em um dado momento Tammy mordeu o lábio inferior furiosa e lançou um olhar furioso para o escritório do Sr. Holman. Então, por volta das nove, ele foi à mesa da jovem e fez um comentário sarcástico a respeito de algo que tinha escrito incorretamente. Tammy explodiu.

— É que você quer que faça milagres! — alfinetou muito ofendida —. Levamos vários dias fazendo horas extras, e ainda não jantamos! E quase tive que me pôr de joelhos para conseguir parte da informação que tinha pedido, e ainda por cima grita! Odeio-o!

— É muito mole! — replicou ele —. O que acha?, que o que faz é um trabalho muito duro?, eu te daria uns dias do meu para que o provasse...

E com um sorriso de auto-suficiência, virou-se e voltou para seu escritório.

— O que disse? — exclamou Tammy. Seguiu-o, e fechou a porta do escritório com violência.

Shelby ouviu mais gritos, e algo que caía no chão, mas de repente se fez um silêncio muito suspeito. Shelby sorriu. Bom, parecia que enfim o amor o tinha apanhado.

Entretanto, para o homem que estava lá fora, na rua, sentado em um Thunderbird negro, as duas silhuetas enlaçadas em um ardente beijo que viu através das cortinas do escritório do advogado não lhe pareceram as de Barry Holman e Tammy Lester, mas as de Barry e Shelby.

Por um momento foi como se parasse o coração. Tinha chegado ao aeroporto e se dirigido diretamente à cidade, ansioso por ver sua esposa e se encontrava com... aquilo.

Pareceu-lhe que a dor que o atacava não passaria nunca. Estava-o matando vê-la nos braços daquele homem... Não, não podia ser certo... Como podia ter feito aquilo? Ele tinha acreditado nela e havia tornado a apunhalá-lo pelas costas!

Ligou o carro e pisou no acelerador para afastar-se dali. Como podia ter feito isso? Tinha sido um idiota. Ela o tinha traído no passado, mas ele tinha esquecido tudo por causa de seus beijos e as noites de paixão. Como pôde ter esquecido o que lhe tinha feito? Talvez não se deitou com Tom Wheelor, mas mesmo assim o tinha traído, tinha rompido seu compromisso.

Chegou em casa sem sequer saber como, com o coração quebrado de dor. Como podia ter feito aquilo?

Enquanto Justin se dirigia para casa, Shelby tinha recolhido suas coisas para partir, deixando os pombinhos a sós, tinha ligado para casa para perguntar a Maria se ele tinha chegado, mas a mulher havia dito que não, assim deixou uma nota na porta do escritório se por acaso ele passava por ali, tomou seu carro e se foi.

Qual não foi sua surpresa ao chegar e encontrar-se com o Thunderbird ali estacionado! Correu para dentro ansiosa por abraçá-lo. Justin estava em seu estúdio.

— Olá! — saudou-o alegremente. Os olhos negros do homem que se voltou para olhá-la não se pareciam em nada aos do terno amante que tinha saído para Wyoming na quarta-feira. Estava fumando um cigarro, e pelo olhar que lhe tinha dirigido, poderia ter sido um estranho.

— Chegou tarde — disse.

— Eu... estamos muito atarefados — balbuciou Shelby —. Bem, disse a você que teria que fazer horas extras.

— É certo — assentiu ele dando uma longa tragada no cigarro —. Parece preocupada. Aconteceu alguma coisa?

— Pensei que se alegraria... — murmurou ela com um sorriso inseguro.

Justin sorriu também, mas não de um modo cordial. Estava morrendo por dentro, mas não ia deixar que se desse conta do dano que tinha feito.

— Acreditava nisso? — alfinetou ele —. Acaso achava que me esqueci o que me fez há seis anos. Sinto decepção se acreditava que havia tornado a cair sob seu feitiço. O que dei estas últimas semanas não foi mais que uma pequena revanche pela angústia que me provocou no passado. Não esperava que esquecesse tudo e construiria um futuro a seu lado como se nada tivesse acontecido? — riu cruelmente —. Sinto muito carinho, uma vez me bastou. Mas tampouco pense que serei incapaz de viver sem ti. É como o vinho: não preciso me embriagar, conformo-me com uma taça de vez em quando.

Shelby não podia acreditar no que estava ouvindo. Ficou lívida. Estava grávida dele e Justin estava dizendo-a que não a queria a seu lado.

— Eu acreditei... que tinha compreendido que não me tinha deitado com Tom.

— E é verdade — admitiu ele —, mas rompeu nosso compromisso de todos os modos, e me disse que não era suficientemente rico para te fazer feliz — um brilho frio cruzou seus olhos —. Agora chegou a hora de minha vingança. Agora eu sou o homem rico, não te necessito. Que tal se sente com isso?

Shelby saiu correndo do estúdio, chorando, foi refugiar-se no quarto de hóspedes. Era como um horrível pesadelo. Queria despertar.

Passaram vários minutos, durante os quais ela esperou que Justin não estivesse falando a sério o que havia dito. Ficou escutando, em silêncio, aguardando que a qualquer momento entrasse e pedisse desculpas, mas não foi assim.

Muito mais tarde escutou os passos de Justin subindo as escadas, mas se dirigiram para seu quarto, e ouviu a porta fechar-se com um golpe seco. Por mais voltas que dava, Shelby não conseguia entender o que tinha feito de mal. Quando Justin partiu a Wyoming tudo caminhava como seda entre eles.

Mas nessa noite a tinha tratado com desprezo, como se não importasse nada, e o que havia dito tinha feito pedacinhos de seu coração, entre lágrimas, com os olhos vermelhos e inchados, finalmente dormiu, perguntando-se o que faria. Teria que se conformar que definitivamente tinha perdido tudo o que amava, incluindo Justin.

No final do corredor, o homem que tinha retornado de Wyoming não podia pregar o olho. Sentia falta da respiração compassada de Shelby ao dormir, e a calidez de seu corpo na escuridão. Sentia-se culpado pelo modo como tinha falado, e por tê-la feito chorar, mas ele também estava sofrendo. Tinha chegado a acreditar que Shelby o amava, quando na realidade ela só se casou com ele para ter um lar e uma certa segurança. Havia tornado a jogar com ele, com um amante na sombra, e o fato de que fora seu atraente chefe o fazia sentir ainda pior. Agora sabia por que ela se negou a deixar seu trabalho, e por que tinha defendido Holman... Logo poderia suportar a dor que sentia no peito, não sabia como ia fazer para seguir vivendo com ela depois do que tinha visto.

Por um instante considerou a possibilidade de ir vê-la e lhe pedir explicações, mas, do que serviria? Tinha-a interrogado a respeito do ocorrido no passado e ela tinha mentido. Desgraçada coincidência que tivesse chegado antes do previsto à cidade e tivesse ido diretamente buscá-la! Mas não poderia voltar a enganá-lo. Tinha-a visto tal e como era.

Com um suspiro de frustração, fechou os olhos e se obrigou a tirá-la de sua mente, e somente às quatro horas, foi que conseguiu dormir.

Na manhã seguinte, quando desceu as escadas o fez com uma expressão bem estudada, para que Shelby não pudesse entrever as emoções que o sacudiam. Shelby estava já estava acordada, e a encontrou tomando café e mordiscando sem vontade uma torrada. Elevou a vista para ele quando o ouviu chegar, e ele viu que tinha os olhos vermelhos e inchados, e leu a incerteza em seu rosto.

— Justin... O que disse ontem à noite... não falava sério, não é? — inquiriu escrutinando-o com seus olhos verdes.

Ele passou a seu lado e se sentou à cabeceira da mesa. Serviu-se de um café antes de responder.

— Falei muito a sério, cada palavra que disse — serviu-se de bacon e ovos mexidos —. Continue comendo.

Shelby estremeceu e o olhou espantada.

Ele devolveu o olhar com os olhos entreabertos. Parecia cansada e estava muito pálida.

— Não tenho fome — murmurou.

— Você é quem sabe — disse ele como se não lhe importasse.

Na verdade ele tampouco tinha o menor apetite, mas se forçou a comer para que ela não soubesse que estava destroçado. Entretanto, ao cabo de um momento, o olhar fixo e horrorizado de Shelby começou a fazê-lo sentir-se incômodo.

— Que tipo de relação espera que tenhamos a partir de agora? — perguntou ela em um fio de voz com a pouca dignidade que restara.

Justin afastou seu prato e tomou um gole de café.

— Continuará vivendo em minha casa e a mantereí, mas dormiremos em quartos separados e teremos vidas separadas.

Shelby fechou os olhos cheia de angústia. «E o que vai ser do bebê que levo dentro de mim?», queria perguntar, «o que tem que nosso filho?»

— Imagino que não se importará por dormir sozinha... agora que já satisfiz sua curiosidade — alfinetou Justin.

— Não, não me importa — murmurou Shelby com voz rouca. Levantou-se muito devagar —. Vou chegar atrasada se não for agora.

— Sim, Deus não permita que chegue atrasada ao... trabalho — disse Justin com puro veneno na voz.

Entretanto, Shelby se sentia muito mal para captar a indireta, e saiu pela porta sem olhar atrás.

No trabalho teve que ir ao banheiro assim que chegou sentindo fortes náuseas, e vomitou o pouco que tinha tomado no café da manhã. Lavou a cara e se sentou em frente a sua mesa, tratando de tranquilizar-se. Tinha que fazê-lo pelo bem do bebê, era tudo que sobrara. Seria-lhe muito difícil acostumar-se a Justin frio e rancoroso. Era como ter visto um pedaço de céu azul através das nuvens e ter que voltar aos dias nublados. Não estava certa se suportaria seguir vivendo com ele, mas, para onde poderia ir?

— Não se esqueceu do aniversário de Calhoun, não é? — perguntou Shelby a Justin durante o jantar no dia anterior à festa.

Justin elevou a vista para ela, e não pôde deixar de admitir que tinha um mau aspecto. Sabia que era pela frieza com que a estava tratando, mas não podia esquecer o ressentimento por sua traição.

— Não, não o esqueci — ele respondeu —. Não está com boa cara

— Foi uma semana muito puxada — mentiu ela — Não tem por que preocupar-se assegurou com uma risada apagada —. Estou bem. Tenho um teto para me cobrir, e comida na mesa, e um trabalho. Que mais posso pedir? Consegui tudo o que me prometeu quando nos casamos. Não tenho nenhuma queixa.

Soltou o garfo, incapaz de permanecer mais no mesmo cômodo que ele, e se levantou, mas o fez muito rápido e sentiu enjôo, fazendo-a cambalear ligeiramente. Agarrou-se ao encosto da cadeira rogando a Deus para que Justin não tivesse notado, mas ele já estava ao seu lado.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou-lhe. Detestava-se. Como podia tratá-la daquele modo? Era incrível que tivesse que sentir-se culpado quando era ela quem o tinha ferido, mas não suportava vê-la assim.

— Estou perfeitamente bem, já falei isso — murmurou Shelby. E saiu da cozinha com a cabeça o mais alta que pôde.

Na noite da festa, Shelby resolveu descansar um pouco para que ninguém notasse muito seu estado. Quando se levantou, colocou vestido que tinha de cor esmeralda, prendeu o cabelo e se maquiou o melhor que pôde para dissimular o cansaço de seu rosto. Perguntava-se o que pensaria Calhoun quando a visse aquela noite. Certamente Abby teria falado quão feliz a tinha encontrado naquele dia no supermercado, e a chocaria muito vê-la nesse estado, e notaria sem dúvida a tensão e frieza de Justin. Esperava que não lhe dissesse nada, não queria outra confrontação.

Levou uma mão ao ventre, perguntando-se quanto tempo mais deveria esperar antes de ir ver um médico. Não poderia ser o Dr. Sims, porque a comunidade de Jacobsville era pequena, e ela não queria que Justin soubesse. Talvez fosse a Houston...

Escutou a música vinda de baixo. A orquestra que tinham contratado já tinha começado a tocar. Colocou umas gotas de perfume e desceu as escadas com cuidado, agarrando-se ao

corrimão. Sentia-se trêmula, não só pela gravidez, mas também por toda a tensão da semana, causada pela frieza do seu marido.

Assim que chegou ao patamar inferior viu Calhoun e Abby entre os convidados. Estavam abraçados, e pareciam tão felizes que sentiu vontade de chorar.

Shelby não viu Justin até um momento depois. Ali estava, tão elegante... Ela se perguntou como ele pretendia agir diante dos convidados para que ninguém se desse conta de que tinham problemas. Não queria olhá-lo nos olhos, não queria que se desse conta do desespero que refletiam os seus.

Deu uma volta e foi junto à Maria e Lopez, que estavam ao lado da porta, dando as boas-vindas às pessoas que iam chegando. E então viu alguém a quem não queria ter tornado a ver em sua vida. Shelby ficou paralisada e seus olhos relampejaram.

Não podia acreditar, não podia acreditar na desfaçatez que Justin tinha tido para convidar esse sanguessuga. Era o aniversário de Calhoun, e sabia que seria desagradável uma cena, mas não pôde evitar que o sangue fervesse enquanto avançava para ele, e ignorando a todos, agarrou um vaso e seguiu em frente.

— Olá, Tom — o saudou em um tom gélido —. Não imagina o quanto me alegro por vê-lo.

E sem pensar, levantou o vaso com as duas mãos, e o jogou na cabeça de Tom Wheelor.

CAPÍTULO 10

Shelby observou, fascinada, como o vaso passava a poucos centímetros da orelha esquerda de Tom e partia-se em ao cair estrondosamente no chão.

— Shelby? — foi tudo o que conseguiu dizer o homem antes de dar um passo atrás.

Shelby agarrou uma pequena estatueta de bronze de uma estante.

— Shelby, não!, espere! — exclamou Tom Wheelor colocando as mãos sobre a cabeça e correndo para a porta.

Shelby o seguiu para fora correndo, com a estatueta na mão, ignorando os olhares de assombro dos convidados e de seu marido.

— Inseto! — gritou-lhe —. Sanguessuga!

Jogou a estatueta, errando por pouco, Tom quase perdeu o equilíbrio nas escadas da entrada. Sem sequer olhar atrás, correu como se mil diabos o perseguissem e perdeu-se na noite.

Shelby o observou afastar-se com verdadeiras chamas nos olhos. Aquele homem tinha sido responsável, embora indiretamente, da dor que tinha sofrido durante seis anos, da dor que ainda sofria. Como podia ter a desfaçatez de apresentar-se aquela noite, de todas as noites? Não, como Justin tivera a capacidade de convidá-lo?

Deu meia volta e subiu os degraus da entrada, sem dignar-se a olhar a Justin.

— Boa noite — saudou um casal que acabava de chegar, como se não tivesse passado nada. Depois, foi junto a Calhoun —. Felicidades! Estamos tão contentes de que Abby nos permitisse celebrar aqui sua festa de aniversário — disse beijando-o na bochecha.

— Humm... Obrigado, Shelby — murmurou seu cunhado.

— Podemos jantar? — Shelby perguntou, como a perfeita anfitriã ao resto dos convidados.

A maioria eram amigos de Justin e Calhoun a quem conhecia.

— A que diabos devemos isso? — perguntou Justin, agarrando-a pelo braço e levando-a para outro lado enquanto os outros seguiam para a sala de jantar.

Shelby ignorou a pergunta.

— Como se atreveu a convidar esse homem? — disse-lhe assinalando para a porta por onde tinha saído —. Como se atreveu a trazê-lo para nossa casa, depois de saber que colaborou com meu pai para nos separar?

— Queria saber se ainda sentia algo por ele — respondeu Justin com um sorriso cínico.

— Sentir? — resmungou Shelby fora de si —, Tem sorte de que não o tenha matado... Lamento não tê-lo feito.

— Que temperamento... — murmurou ele estalando a língua desaprovador.

— Vá para o inferno, Justin — alfinetou ela com um sorriso tão cínico como o dele. Estava farta de seus ciúmes e suas indiretas —. E leve com você seu mau humor e seus desejos de vingança.

Entrou na sala, onde os outros já estavam sentando.

— Não vai contar outra vez essa história de como seu pai queria nos separa? — ele perguntou com toda a discrição, seguindo-a.

— Por que não quer acreditar em mim?

— Muito simples — respondeu ele —, porque foi o dinheiro de seu pai que nos ajudou a tirar do vermelho nosso negócio — observou surpresa nos olhos dela —. Sim, ele fez isso, parece a você que posso duvidar de um homem que me ajudou desse modo?

Shelby sentiu que iria passar mal, e quase faltou tempo para sentar-se.

— Você está bem? — perguntou Justin.

— Não, não estou bem — murmurou ela com uma risada trêmula.

Abby, que tinha reparado em sua inusitada palidez, sentou-se a seu lado.

— Quer que eu traga algo, Shelby? — sussurrou-lhe.

— Não, obrigado, ficarei bem... se você levar Justin para longe de mim — disse elevando a vista para ele furiosa.

— Não se preocupe, já ia sair — alfinetou ele erguendo-se e dirigindo-se ao outro extremo da mesa.

Shelby não saberia jamais como tinha sobrevivido àquela noite. Respondia às perguntas dos convidados e sorria como um autômato. Em um dado momento, conseguiu escapulir com a desculpa de retocar a maquiagem, e Abby a seguiu até o quarto de hóspedes.

— O que aconteceu, Shelby? — perguntou sem preâmbulos.

— Para começar, estou grávida — respondeu Shelby muito tensa.

Abby ficou boquiaberta.

— Oh, Shelby...! Justin já sabe?

— Não, não sabe, e não quero que conte para ele — apressou-se a adverti-la Shelby sentando-se na beira da cama —. Voltou a ficar furioso comigo pelo que fiz há seis anos. Durante umas semanas pareceu que tudo ia bem, mas quando voltou de Wyoming não o reconheci. E como vou contar sobre o bebê quando sei que ele me odeia? Não quero sua compaixão... — levou as mãos ao rosto —. Nunca funcionará, Abby, não pode deixar para trás o passado, e eu não sei o que fazer... Não suporto mais.

As lágrimas começaram a rolar por suas faces, e Abby foi para seu lado consolá-la como podia.

— E o que pensa fazer? — perguntou-lhe com suavidade, enquanto Shelby secava as lágrimas com um lenço.

— Irei para Houston. Tenho uma prima lá, e sei que não se importará que fique por uns dias com ela, até que eu decida o que fazer com minha vida.

— E se tentasse falar com Justin? Sei que ele te quer, Shelby.

— Bela maneira a dele de demonstrá-lo — repôs Shelby com ironia. Primeiro me diz que vamos ter vidas separadas e logo depois traz a... a esse inseto aqui!

— Bom, acredito que ao menos se deu conta de que não estava apaixonada por ele — disse Abby com um sorriso, recordando como ela tinha jogado aquele vaso.

— E o pior é que acredita que meu pai era um santo. Acaba de me dizer que lhe deu dinheiro para investir no negócio... Não acredita que eu esteja falando a verdade.

— Precisa descansar — disse Abby —. Por que não se deita? Eu ficarei em seu lugar, direi a Justin que...

— O que tem para me dizer? — inquiriu Justin aparecendo nesse momento.

As duas elevaram a vista, sobressaltadas.

— Há uma garota perguntando por você — disse Justin a Shelby —. Uma Tammy não sei o que. Diz que trabalha com você no escritório...

— O que ela quer?

— Está subindo. Agora você poderá perguntar.

E, nesse momento apareceu a cabeça de Tammy. Ficou um pouco desajeitada ao ver o quadro.

— Humm... Sinto muito, vejo que não é um bom momento...

— Não, Tammy, espere, o que houve? — disse Shelby levantando-se e retendo-a pelo braço.

A jovem se voltou para ela com os olhos brilhantes.

— Só vim dizer que... pediu-me que me case com ele! — quase gritou como uma adolescente histérica —. Olhe, até comprou um anel! — disse mostrando-o emocionada —. Foi uma sorte que se decidiu, porque estou certa de que toda a cidade estava começando a comentar. Amanda Jones, uma das caixas do supermercado, nos viu outro dia nos beijando no escritório, imagine... a cortina estava fechada, claro, mas podia ver-se de fora... que vergonha...

Justin estava lívido, mas Shelby e Abby não notaram.

— Me alegro muito por vocês, Tammy, felicidades — disse Shelby abraçando-a.

— Obrigado — murmurou a garota —. Bom, só queria dizer isso... Perdão pela intromissão. Boa noite.

Abby acompanhou a jovem para baixo, e Justin ficou ali de pé, tentando encontrar uma maneira de desfazer aquele mal entendido. Shelby parecia tão machucada, tão frágil... Era culpa dele, por ter tirado conclusões antes de certificar-se de que o que tinha visto era o que acreditava ter visto.

— Shelby, eu...

— Justin, por favor, vá, não tenho nada mais para dizer. Não quero nem te olhar depois do que tem feito... Trazer aqui aquele homem!

— Precisava saber...

— Eu disse a verdade! — alfinetou Shelby zangada —. E você não me escutou. Nunca me escuta, mas já não me importa o que pense de mim.

— É que há algo que não compreendo, Shelby... se o que seu pai queria era nos separar... por que me emprestou esse dinheiro?

Shelby o olhou cansada.

— Justin, não sei, não sei mais nada do que contei. Faz muito tempo, e eu não quero viver eternamente mexendo na lama do passado. Se não se importar vou dormir — disse dirigindo-se para a porta.

Justin abriu a boca, mas não sabia que dizer.

— Eu... vi vocês se beijando. Bom, acreditei que foi você... na janela do escritório, quando fui buscá-la na noite que retornei de Wyoming — confessou hesitante.

Shelby ficou paralisada, e virou-se com os olhos muito abertos.

— Pensou que estava beijando o Sr. Holman?

Justin encolheu os ombros.

— O certo é que essa garota e você são parecidas, a mesma estatura, eu a vi através da cortina e... Você não me contou que tinha outra garota trabalhando com você.

— Muito obrigado — respondeu Shelby com voz rouca, ofendida —, muito obrigado por sua maravilhosa opinião de minha moralidade, Justin.

Ele enrubesceu, entre envergonhado e irado.

— No que queria que acreditasse? Você me traiu uma vez!, abandonou-me por outro!

— Eu jamais fiz isso. Jamais! Meu pai me ameaçou, e me fez dizer o que disse para evitá-lo. Prometeu-me que se rompesse com você, o salvaria, mas nunca imaginei que seria te

emprestando dinheiro. Saí com Tom só para seguir com o teatro, mas me neguei a me casar com ele. A vida sem você esses seis anos foi um inferno, e sabendo que acreditava que tinha te traído e que não podia provar isso tentei explicar de todas as maneiras possíveis, mas você nunca me escutou — as lágrimas lhe nublavam a vista —. Estou cansada, Justin, estou cansada. Está muito ressentido para deixar para trás o passado, e eu já não posso seguir vivendo assim. Sei que eu, com minha covardia, tive muita culpa do que nos ocorreu, mas o que fiz, fiz para protegê-lo. Você foi o único que eu sempre quis, mas para você, eu somente interessava em um sentido, e suponho que agora que há... como o expressou...? Oh, sim, «satisfeito seu desejo»... Suponho que agora que tem satisfeito seu desejo por mim já não o interesse.

— Oh, Deus, Shelby... — resmungou ele apertando os dentes.

— Sem confiança não temos nada, Justin. Acreditei que o nosso casamento poderia funcionar, mas se continuar sem confiar em mim, não há nada que possamos fazer. E agora, se não se importar, eu gostaria que fosse, estou cansada e quero me deitar.

Justin queria abraçá-la, dizer que sua frieza se devia ao ciúme, porque era incapaz de acreditar que uma mulher tão preciosa e maravilhosa pudesse amá-lo. Entretanto, certamente parecia muito cansada, e lhe pareceu que seria cruel seguir discutindo. Sim, o melhor seria deixá-la dormir.

— Está bem, amanhã falaremos... — disse saindo e fechando a porta atrás de si.

Ele, apesar de tudo, conseguiu dormir a noite toda e ao raiar do dia, entrou sigiloso no quarto de hóspedes. Shelby tinha dormido sobre a colcha, vestida. Com muito cuidado para não despertá-la, Justin tirou seus sapatos e a cobriu, ficando depois admirando seu formoso rosto.

— Quero-te tanto... — sussurrou—. Deus!, por que não posso dizer isso quando está acordada? Ontem à noite me disse que não confiava em você, mas não é assim: não confio em mim mesmo. Merece alguém menos complicado que eu, alguém menos possessivo. Eu bem que merecia se te perdesse, mas não sei se seria capaz de continuar vivendo...

Acariciou-lhe suavemente a face e saiu do quarto.

Uma hora depois, Shelby acordou. Surpreendeu-a ver-se coberta, mas pensou talvez tivesse sido Abby ou Maria. Não importava, não havia tempo, tinha que acabar com aquilo.

Pelo telefone fez uma reserva no vôo de meio-dia que saía do aeroporto de Jacobsville com destino Houston, e depois chamou um táxi. Fez apressadamente uma mala com o estritamente necessário, e saiu de seu quarto, descendo as escadas sigilosamente.

Entretanto, ao chegar à porta, encontrou-se com Maria.

— Srta.! — exclamou ao vê-la com a mala.

— Ficarei fora somente por alguns dias — mentiu Shelby —. Abby sabe onde estarei, mas não diga nada a Justin, Maria, prometa-me isso.

A pobre mulher não pôde fazer outra coisa que lhe dar sua palavra, e, consternada, a viu partir. Entretanto, assim que se foi, ocorreu-lhe uma idéia: tinha prometido a Shelby que ela não diria nada a Justin, mas não que diria a Abby.

Justin acordou sacudido por alguém. Tinha dormido fazia apenas uma hora e meia... por que tinham que despertá-lo?

— Justin... Justin, acorde.

A voz de Abby o sobressaltou e levantou-se imediatamente.

— O que... o que está acontecendo?

O rosto de Abby lhe disse que algo não ia bem, e um horrível presságio o assaltou.

— Maria me chamou para que viesse aqui. Shelby lhe fez prometer que não te diria nada e por isso me chamou... — explicou-lhe fazendo confusão, estava nervosa —. Eu... não sei como dizer isto...

O olhar dele se escureceu.

— Deixou-me, não é certo, Abby?

Ela assentiu com tristeza.

— Mas a pergunta é o que vai fazer a respeito.

Justin tinha coberto o rosto com as mãos.

— Deixá-la partir — disse ao cabo de um minuto —. Já lhe fiz muito mal.

— Justin, não! Vai um avião para Houston, ainda está a tempo... Calhoun está lá embaixo no carro nos esperando e...

— Não sabe como a tratei, Abby... O que lhe tenho feito passar, e tudo por culpa de meu estúpido ciúme, do medo de perdê-la para outro... O que eu posso oferecer a ela?

— Por que não trata simplesmente de lhe dizer que a ama? É tudo o que ela quer.

— Talvez seja o melhor que se vá — balbuciou ficando de pé e caminhando de lá para cá pelo quarto —. Pode ser que encontre alguém melhor que eu...

Assim não chegariam a lugar nenhum, disse-se Abby. Em outras circunstâncias teria dito com maior delicadeza, mas não havia tempo:

— Shelby está grávida — soltou.

Justin, que ia se sentar nesse momento em uma cadeira, não calculou bem pela repentina notícia e caiu no chão. Agarrou-se na beirada da cômoda para levantar-se, trêmulo e com os olhos arregalados.

— Grávida? — repetiu —. Está grávida e não me disse?

Não foi necessário dizer mais nada a Justin. Colocaram-se imediatamente a caminho, correram por todo o aeroporto, mas quando chegaram ao portão de embarque, o voo para Houston já tinha saído.

CAPÍTULO 11

Calhoun e Abby não sabiam o que fazer. Justin ficara abalado quando a atendente do aeroporto disse que o avião já tinha decolado. Desmoronou, e caiu ao chão, ficando sentado com as pernas flexionadas, tremendo incontrolavelmente. As lágrimas rolavam por suas faces, olhava fixamente as luzes do saguão de embarque com os olhos muito abertos, espantado pelo que tinha feito.

Não parava de repetir «a perdi, perdi...», e de nada servia que lhe dissessem que a encontrariam, custasse o que custasse.

Só então, Calhoun, ao levantar a cabeça um instante, viu entre as pessoas que iam e vinham, uma figura de pé, ao longe, observando-os, com uma mala nas mãos.

Shelby se aproximou lentamente de onde se encontravam, e se deteve de frente a Justin. Ele, como atraído por um ímã, elevou os olhos para ela, e Abby e Calhoun se afastaram discretamente, deixando-os a sós.

— Está aqui... — murmurou Justin incrédulo.

— Eu ia partir — admitiu Shelby com lágrimas nos olhos —... mas não pude. Sinto ter fugido deste modo, mas já não podia agüentar mais.

— Não tem por que se desculpar — repôs Justin secando suas faces com os polegares —. Nunca te dei uma oportunidade. Acreditei que te tinha perdido... E não podia suportar, não podia suportar a idéia de perder tudo o que amo...

Shelby esboçou um sorriso e tomou a mão entre as suas.

— Por que não me disse alguma vez que me amava? Eu jamais deixei de te amar, Justin, e nunca poderei deixar. Você é tudo que eu quero.

A outra mão de Justin se aferrou às suas.

— Acaso não sabia... embora não lhe dissesse isso com palavras? — murmurou olhando-a nos olhos com amor —. Teria pisado em brasas se você me pedisse isso. Você é todo meu mundo, Shelby. Te amo...

Shelby se aproximou mais dele e o rodeou com seus braços. Justin a tomou pela cintura e a beijou na testa.

— Oh, Deus, Shelby... Se você soubesse... Eu acreditava que tinha casado comigo só porque estava sozinha e assustada.

— E eu acreditava que tinha pedido isso porque sentia pena de mim — respondeu ela sem tentar reter as lágrimas.

Justin ficou em pé e a abraçou com força, e a beijou com ternura nos lábios.

— Vamos sair daqui... Oh, Shelby, Shelby, acreditei que morreria... Acreditei que tinha perdido você...

Calhoun e Abby os levaram diretamente para casa.

— Por que não vêm para casa para jantar? — propôs Abby quando desceram do carro —. Maria me disse que ela e Lopez vão para casa de sua irmã, e não acredito que nenhum dos dois tenha muita vontade de cozinhar.

— Isso seria estupendo — agradeceu Justin —. Obrigado por tudo... aos dois.

— Vocês fariam o mesmo por nós — respondeu Calhoun aparecendo pela janela do carro, piscando os olhos —. Esperamos vocês às sete.

Despediram-nos e entraram na casa, sendo recebidos por uma Maria eufórica ao ver Shelby de volta. Justin a levantou em seus braços e lhe plantou um sonoro beijo em sua bochecha.

— Obrigado por ter chamado Abby, Maria, estaremos agradecidos eternamente — disse Shelby abraçando-a.

A mulher ruborizou, lhes assegurando que não tinha feito nada excepcional, depois se desculpou, dizendo que tinha que ajudar Lopez arrumar as coisas, porque iriam dentro de meia hora.

Justin e Shelby entraram de mãos dadas na casa, sentaram-se no salão, abraçados um ao outro.

— Te quero, Shelby, embora nunca tenha encontrado um modo de dizer isso — disse beijando-a docemente.

— Acaba de fazê-lo — sorriu Shelby lhe devolvendo o beijo apaixonadamente.

— Se pudesse te compensaria por esses seis anos, e pelo tempo que estamos casados e não te tratei como deveria.

— Já me compensou por isso, Justin — disse ela com doçura. Tomou sua mão e a colocou devagar sobre seu ventre —. Levo dentro de mim um filho teu — disse olhando-o aos olhos.

Justin já sabia, mas ouvir dos lábios dela o fez cem vezes mais feliz, e mais real. Acariciou-lhe o ventre com suavidade enquanto voltava a beijá-la.

— Vou deixar o trabalho — disse ela de repente —. Acredito que Tammy e o Sr. Holman se arrumarão muito bem sem mim.

— Não tem que fazê-lo por mim, Shelby. Fui muito egoísta.

— Não se trata disso, Justin. Agora nosso bebê é minha prioridade. Além disso, talvez faça uns cursos, ou volte a fazer trabalhos voluntários.

Justin riu.

— De quantos meses está?

— Acredito que de seis semanas — murmurou ela.

— A primeira vez que fizemos amor — comentou ele fazendo cálculos mentais.

Shelby ocultou o rosto no seu pescoço, ruborizando-se.

— Sim, acredito que sim — assentiu entre risadas.

— Não está mau, né? A primeira vez — se pavoneou Justin com um sorriso matreiro.

— Não está «nada» mal — murmurou ela elevando a cabeça para ele.

Justin abaixou a sua para tomar seus lábios, e ela relaxou, deixando que a acariciasse. Suspirou dentro de sua boca, e jogou os braços ao pescoço para atraí-lo mais para si. Os beijos foram ficando mais apaixonados, e logo Shelby pôde notar que ele a desejava. Tinha

aprendido seus sinais, mas aquela vez seria diferente, porque sabia que ele a amava e ele sabia que ela também.

— A primeira vez que o fizemos... também foi aqui — murmurou Shelby enquanto Justin ia desabotoando um a um os botões da camisa.

— Se preferir, temos o tapete... — brincou ele.

— Justin... — riu ela com a brincadeira.

— O que? É bastante grosso, macio e suave. E além disso ninguém nos verá. E para asseguramos...

Levantou-se, ainda sorrindo, e foi fechar a porta do salão com a chave. Tirou a camisa, observando como ela olhava seu torso nu com puro deleite.

Depois, ele a deitou sobre o tapete, juntando-se a ela, desabotoou-lhe a saia, e desfez da roupa íntima com destreza e sensualidade.

Os temores de Shelby se desvaneceram depois da primeira vez, e seu corpo confiava plenamente em Justin, sabendo os prazeres que a aguardavam mais adiante.

Durante um longo momento, não satisfeito vendo-a estremecer e gemer, Justin se dedicou por inteiro a excitá-la, até que a teve completamente a sua mercê. Só então foi se despindo também, enquanto ia devorando as suaves curvas dela e sua pele cremosa.

Shelby elevou a vista, turvada pelo desejo, quando viu que Justin se arqueava sobre ela, apoiando o peso nos braços, e se concentrou maravilhada no contato entre ambos quando a possuiu.

— Oh, Justin! — gemeu ao sentir que começava a mover-se dentro dela.

— Quero você — sussurrou ele —. Nunca demonstrei quanto, mas agora vou fazer isso... Não se mova, carinho, vou levá-la direta às estrelas.

Pousou sua boca sobre a dela, e começou a murmurar palavras de amor, palavras que sublinhava com pequenos beijos e carícias. Daquela vez não tinha que conter-se, não havia barreiras, mas mesmo assim, ajustou seus movimentos às necessidades do corpo de Shelby, tratando-a com deliciosa ternura. E de repente, em meio aquele fogo lento, escutou-a gemer cada vez com mais força enquanto entrava com ele no redemoinho do prazer.

Quando alcançaram o topo, Shelby notou que não podia parar de tremer, e se agarrou aos fortes ombros de Justin, mas ele estava nas mesmas condições que ela.

— Está bem, não há nada... — tranqüilizou-a beijando-a na testa —. É normal... é o que acontece quando descemos de repente das alturas às que nós voamos.

— Nunca antes tinha sido tão incrível — murmurou Shelby.

— Isso é porque nunca o tínhamos feito com tanta paixão, nos abrindo um ao outro.

Shelby lhe tocou o rosto com dedos trêmulos.

— Não quero parar, Justin.

— Eu também não... — sussurrou ele —. E tampouco temos por que fazê-lo. Estamos sozinhos, e não temos outra coisa para fazer. O que lhe parece se subirmos e averiguamos se podemos superá-lo?

E se levantou, oferecendo uma mão para ajudá-la. Shelby a pegou e se levantou também, deu uma olhada para as roupas espalhadas pelo chão.

— Justin... e nossa roupa?

Mas ele já a tinha tomado em seus braços e se dirigia com ela para a porta.

— Estará aí quando descermos — prometeu divertido.

Já tinha entardecido quando despertaram, exaustos, mas satisfeitos.

— Humm... estou com sede... — murmurou Shelby.

— Eu também — disse ele levantando-se da cama e estirando-se —. O que gostaria de beber? Um pouco de chá gelado e algo para comer?

— Estupendo — assentiu ela —. Não demore — disse deitando-se languidamente.

Justin olhou ao redor procurando algo com o que vestir-se, mas tinham ficado no quarto de hóspedes porque era a que estava mais perto, e finalmente teve que ir ao banheiro, pegou uma

toalha que amarrou nos quadris. A maior era uma toalha de praia com uma rã gigante estampada nela.

— Por Deus, Shelby... Não podia ter comprado algo mais discreto? — grunhiu.

A ela, entretanto dava a impressão de lhe parecer muito divertido.

— O que tem de mau? Eu adoro as rãs.

Justin ignorou suas risadinhas e desceu para a cozinha, onde preparou uns sanduíches, e os colocou em uma bandeja com uns copos e a jarra de chá gelado.

Entretanto, justo quando saía e se dirigia para as escadas, a porta da casa foi aberta, e Calhoun apareceu. Ficou petrificado, olhando com os olhos arregalados para seu sério irmão, vestido com uma toalha com uma rã gigante estampada.

— Opa... Pensei que iam jantar na minha casa — começou Calhoun.

Justin tinha esquecido por completo.

— Como eram mais de sete e meia, ligamos, mas não respondiam e pensamos que teria ocorrido algo e por isso vim ver... — continuou Calhoun sem poder afastar os olhos da rã.

Justin recordou que tinha desligado o telefone antes de levar Shelby para cima.

— Humm... Não, não aconteceu nada. Estava... tomando uma ducha — improvisou, um pouco envergonhado de que seu irmão mais novo o tivesse pilhado em uma situação tão comprometedora, embora estivesse em sua própria casa.

Calhoun viu a porta do salão aberta, e a desordem das roupas pelo chão.

— E essa roupa? — disse para provocá-lo.

— Ia... Bem fiquei com fome.

— Mas se tínhamos convidado vocês para jantar.

— Bom, só ia tomar um lanche — balbuciou Justin ruborizando-se pela insistência.

— E onde está Shelby?

— Bem... vejamos, estava cansada e dormiu.

Mas então, a voz de Shelby ouviu-se do andar de cima.

— Justin... vai demorar muito? Sinto-me sozinha — disse.

Justin ficou vermelho como um tomate enquanto Calhoun segurava a risada com muita dificuldade.

— Bom, quando acabar, de tomar essa ducha e tomar o lanche, venham para casa — disse —. Mas coloque algo menos... chamativo — e partiu.

Justin subiu as escadas com a pouca dignidade que restara e deixou a bandeja sobre a cama.

— Pareceu-me ouvir a voz de alguém falando com você — disse Shelby enquanto se servia de chá.

— Era Calhoun. Você se lembra de que nos convidaram para jantar?

— Céus, não. Tinha esquecido! — exclamou ela levando uma mão à boca.

— E eu também.

— Não se preocupe, Justin — disse Shelby ao vê-lo tão carrancudo —. Calhoun e Abby entenderão, estão casados.

— Sei, mas fica um pouco incômodo — repôs ele —. E conhecendo meu irmão, prepare-se, vai passar todo o jantar nos perturbando.

Ela riu e o beijou na bochecha.

— Shelby... — disse ele de repente —. Teria me contado sobre o bebê se tivesse ido embora?

Ela assentiu com a cabeça.

— Você tinha direito de saber. Além disso, nunca pensei em abandoná-lo, Justin, só necessitava de tempo para pensar. Teria voltado para seu lado: já não sei viver sem você. E você, teria ido atrás de mim?

— É obvio. Já me imaginava percorrendo a cidade meses e meses, mas não teria desesperado, teria procurado até no último rincão.

— Sei — murmurou ela beijando-o suavemente. Queria-o tanto que sentia que o coração ia explodir de felicidade —. Humm... tenho uma fome terrível, comeria uma vaca inteira.

— Ligarei para Abby ir preparando...

Shelby riu. Lá fora, a noite estava caindo, e a uns quilômetros dali, Abby estava reaquecendo o guisado de carne com verduras que tinha preparado, enquanto Calhoun abria uma garrafa de champanhe. Tinha tentado dizer que essa bebida não combinava com a comida simples que tinha preparado, mas ele insistiu, assim, entre risadas, Abby foi procurar as taças de champanha. No fundo, Calhoun tinha razão: havia muito que celebrar.

*****Fim*****

Revisado por Vivi*. * Martins